

SERTÃO DE DENTRO
EPISÓDIO 6 – FRONTEIRAS
TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA CACIQUE AFONSO

[Geraldo]: Posso te fazer uma pergunta? O que o Manuel Cágado era de você?

[Cacique Afonso]: Meu avô.

[Geraldo]: Era seu avô, é? Você sabe que eu conheci ele?

[Cacique Afonso]: Sei ué, mas eu não sei de tudo?

[Geraldo]: Você sabe tudo, não é? Você sabe que eu passei uma tarde inteira na casa dele?

[Cacique Afonso]: E onde era?

[Geraldo]: Onde era eu nem lembro, mas era aqui no brejo.

[Cacique Afonso]: É que ele morou em várias casas...

[Geraldo]: Era uma casa que tinha uma varandinha na frente...

[Cacique Afonso]: Tabua?

[Geraldo]: Como, tabua? Era uma casa de tijolo. Era uma casinha pequena de tijolo...

[Cacique Afonso]: Ele nunca morou em casa de tijolo, era taipa.

[Geraldo]: Bom, tudo bem. Você chama de tabua é taipa.

[Cacique Afonso]: Taipa é a parede, tabua é o telhado. Era parte de tabua e parte de tela. Era pequena a casa aqui, ele morou e morreu aqui nessa casa.

[Geraldo]: Você sabe o que ele me contou?

[Cacique Afonso]: Não.

[Geraldo]: Ele me contou a história mais bonita... Ele me contou a história de como se descobriu o Brejo do Burgo, aqui. Como foi que se descobriu a água que foi o nascimento da povoação aqui. Foi um indiozinho que na verdade encontrou na busca disso aqui pelos portugueses. Depois ele contou toda a história daqui até passando por Lampião, tudo. Mas foi a busca da água, desse indiozinho que deu nascimento a isso aqui.

[Cacique Afonso]: Foi Burgue. Eu sei a história dele.

[Geraldo]: Que é o Brejo do Burgue, que o povo chama Brejo do Burgo hoje.

[Cacique Afonso]: É por que a descoberta foi do burgo, menino que era afilhado dele, do meu bisavô.

[Geraldo]: Era afilhado do seu bisavô.

[Cacique Afonso]: Essa parte é tudo do curral do boi para cá.

[Geraldo]: Ele me contou essa história. Sabe quantas páginas tem escritas dessa história? Doze páginas. Eu tenho que te mandar essa história.

[Cacique Afonso]: Mandar quando? Na próxima vez que você vier?

[Geraldo]: Não, vou te dar um dvd.

[Cacique Afonso]: Você me promete trazer essas coisas, quem sabe se nós vamos estar vivos mais?

[Geraldo]: Não, eu posso te trazer amanhã. Eu tenho isso no computador, imprimo e te trago amanhã.

[Cacique Afonso]: Não, pra tudo tem tempo. Nós não vamos morrer agora.

[Geraldo]: Eu não. Não quero não. E sei que você também não. Mas eu vou ver se imprimo em Paulo Afonso e te trago amanhã. Doze páginas. Eu tirei todas as perguntas que eu fiz para ele, deixei só as falas dele no papel.

[Cacique Afonso]: E isso para a escola hoje é maravilhoso.

[Geraldo]: É a história da fundação disso aqui.

[Cacique Afonso]: Nós ainda estamos discutindo isso aqui.

[Geraldo]: Então tá, te trago amanhã.

[Cacique Afonso]: Ainda está em guerra isso aqui por via disso.

[Geraldo]: É mesmo? Porque?

[Cacique Afonso]: Por que quem foi contrário a nossa luta, hoje quer ficar numa pequena área aqui que foi homologada como índio. E se mediu sua propriedade dizendo que não era índio. E a gente ainda está na justiça. E agora ataçaram o formigueiro e estamos em confusão direto. Parece o que eu estava dizendo, ao invés de ficar melhor está pior. Na minha idade eu já estou velho e não tenho perna para correr, naquele tempo anoitecia aqui e eu estava lá de manhã, e a pé! E hoje? E a luta continua.

[Geraldo]: Tá dividido.

[Cacique Afonso]: Tá. Nós estamos divididos em grupos políticos, em caciques. Nós estamos divididos em grupos posseiros, um grupo quer ficar, o outro quer sair. Estamos ameaçados, ameaçados por posseiro aí. Tá uma coisa... É difícil. Política de índio, política de posseiro, irmão contra irmão... É ruim demais. É isso que eu estou dizendo, não tá bom mas nós estamos dando bom. A área já está com dezesseis ou dezenove (não consegui entender a palavra). Essa pequena área que foi deixada em acordo com os não índios, para não haver problema.

[Geraldo]: Em 84 houve uma demarcação, que eu sei por que eu filmei. Aquela demarcação está válida?

[Cacique Afonso]: Não sei se foi essa que a gente dividiu né, rachou...

[Geraldo]: Rachou no meio? Aquela? Rachou, dividiu para os índios?

[Cacique Afonso]: É, pra ter essa que nós estamos. Nós estamos dentro de uma área e daqui a mil metros é outra área.

[Geraldo]: Não, mas aquela área que estava o Lelo quando eu vim em 84 e eu filmei. Aquela demarcação foi homologada?

[Cacique Afonso]: Uma parte. Aquela que se dizia Lelo, era praticamente contra todas. Ta entendendo? É por que naquele tempo, ainda hoje... Você sabe da história que a verdade é essa, o calango fica no mato da gente e a cobra aparece e a gente morre. E é a verdade. Eu não faço nada, mas meu nome é grande então tudo sou eu aqui. Se for bom é eu e se for ruim é eu. Não ouviu essa não? Que o calango mordida e a cobra aparecia?

[Geraldo]: O calango levava a culpa da cobra?

[Cacique Afonso]: Por que a turma tem medo de cobra, né? Então se a cobra mordesse e você não visse quem foi que mordeu, o calango aparecia e você não morria não, foi o calango. Agora se o calango picasse e aparecesse a cobra...

[Geraldo]: Morria na hora.

[Cacique Afonso]: Morria na hora. E morre até hoje.

[Geraldo]: Picado pelo calango.

[Cacique Afonso]: Picado pelo calango. Então hoje a linguagem do índio é essa, se uma cobra lhe picar e alguém perguntar diz que foi um calango. Se disser que é cobra a pessoa morre ainda. Se disser que é um calango não morre, na hora, assim em pé. Vivendo e aprendendo. Uma coisa, ao invés de nós estarmos bem nós estamos fazendo recadastramento. Sabe o que é recadastramento?

[Geraldo]: Sei. Mas de que? De quem é índio e não é índio ou das propriedades?

[Cacique Afonso]: Recadastramento de índio para identificar quem é e quem não é. Tem acompanhado que aí a gente está numa disputa.

[Geraldo]: Mas quando casa, a mulher ou o marido entra na unidade?

[Cacique Afonso]: É isso que a gente...

[Geraldo]: Está decidindo.

[Cacique Afonso]: Já decidiu. Isso era para ter acontecido dois anos atrás e a gente esperando os políticos dizerem se enquadrava como acompanhante. A primeira história que veio o acompanhante era escravo, não concordei. Aí passou dois anos e nós já decidimos, só daqui quem é com os índios tem mais cento e poucos para decidir e tem mais doze discriminados. E aí eu que não aceito a discriminação. Ou é uma coisa ou é outra.

[Geraldo]: E me explica melhor o que é uma coisa e o que é outra.

[Cacique Afonso]: Ou é índio ou não é índio.

[Geraldo]: Sim, mas como é que decide? Qual é o critério para saber?

[Cacique Afonso]: É por que nós conhecemos todos. Quem veio, quem não veio, quem é e quem não é...

[Geraldo]: Mas quem veio se incorpora ou não se incorpora?

[Cacique Afonso]: O que eu quero dizer não é isso. Foi pancararé, nascido no Brejo do Burgue, ou até em São Paulo mas é pancararé na raiz, se essa pessoa se diz índio não sou eu que vou negar esse direito.

[Geraldo]: Uma pessoa que vem de fora, se junta aqui, casa aqui ele vai ser ou não vai ser?

[Cacique Afonso]: Não, esse passa a ser acompanhante. Mas como nós temos aqui uma área daqui ao São Francisco, Macururé. Essa mata da Catarina, na época nós temo gente do sertão que está aqui a 40, 50 anos que foram reconhecidos que nem a gente, que lutaram que nem a gente, que fizeram núcleos de família junto com a gente, aí essa pessoa se diz índio pancararé e eu não posso tirar. Mas um grupo não quer aceitar que eles sejam, aí eu não concordo. Aí é onde está o pau quebrando. Aí, o que que eu quero dizer? Um grupo diz assim, tem que trazer a declaração dizendo que é índio. Como no sertão agora nós somos reconhecidos, quando não eramos reconhecidos nós eramos os caboclos do Brejo do Burgue que é até nome de caboclo sujo, aí passamos a ser reconhecidos como índios. Aí esse pessoal sertanejo que é vizinho nosso não tem a declaração de que era índio, quem tem que dar hoje é nós reconhecendo. Seria assim? Eu penso assim. E aí a gente está nessa disputa. Parei até o serviço para conversar com pessoa jurídica para dar continuidade.

[Geraldo]: É uma situação complicada danada. Por que a vida muda, as pessoas também se incorporam na vida da sociedade maior e vem casamento, ligações... Como é que define isso? E direito. É uma coisa complicada, delicada...

[Cacique Afonso]: É. Uma pessoa está 40 anos numa área indígena e é reconhecida por uma mais velha. Aí hoje um jovem político quer tirar o nome daquela pessoa para acompanhante? Se nós fomos reconhecidos aqui por todos? Aí fica brabo. Aí vem família, vem família, vem família... Família de acompanhante? Não é. E muita gente não está aceitando.

[Geraldo]: Entendi.

[Cacique Afonso]: Eu penso assim. Quem está como índio não pode negar mais a sua identidade. Por que nós estamos numa briga aqui de quem negou a identidade, não de quem está a favor do índio.

[Geraldo]: Entendi.

[Cacique Afonso]: E você sabe da história do começo?

[Geraldo]: Vou te trazer o depoimento do Manuel Carlos, seu avô. Eu vou trazer, eu tenho doze páginas escritas.

[Cacique Afonso]: Esse daí ó, morrendo para ser índio e a população não aceita.

[Genro do Cacique]: Não, eu sou índio.

[Cacique Afonso]: Hoje está como acompanhante. Casado com uma filha minha, mas os pais dele nunca se assinaram com nada. Aí essa comissão não aceita. Mesmo ele dizendo que é essa comissão não aceita.

[Geraldo]: Vou procurar no meu computador, vou imprimir isso e vou trazer para você. 1984 que eu fiz essa...

[Cacique Afonso]: Manuel Eugênio Calido.

[Geraldo]: Manuel Calido, ele falava assim.

[Cacique Afonso]: É que ele gostava de ouvir o nome dele.

[Geraldo]: É claro.

[Cacique Afonso]: Por que vocês não entendem a palavra do índio? Por que ele nunca diz uma palavra completa.

[Geraldo]: E por isso que não é Brejo do Burgo, é Brejo do Bugre. Por que bugre significa índio. É o Brejo do Bugre, brejo do índio. E aí nego fala em Brejo do Burgo, burgo significa em português cidade. Aí quando você fala que é o brejo do burgo, fica como se fosse o brejo da cidade. Ora, não é isso. O sentido aqui é brejo do índio. Brejo do Bugre, bugre é índio. Entendeu?

[Genro do Cacique]: E o pior é que está em tudo Brejo do Burgo.

[Geraldo]: Tudo! Toda parte. Na geografia, nos mapas, no município... Tudo Brejo do Burgo. Mas não é Brejo do Burgo, na verdade era a maneira de falar dos índios que deu confusão. Isso aqui foi descoberto, pela história que seu avô contou e que eu vou te trazer amanhã, pelo bugre, pelo índio. Ele conta a história do nascimento disso aqui.

[Cacique Afonso]: Qual a história que eu sei dele. Que nessa época isso tudo aqui era mata virgem. Aqui tinha tudo na vida de caça, e então o pessoal naquele tempo descobriu aqui por que caçava para comer. Fizeram uma troca lá em Água Branca, Pernambuco, e os viajantes, naquela época eram os tropeiros, vieram com a burra e chegaram numa sobra e viram uma moça chorando lá com uma multidão de gente. Aí perguntaram o mais velho lá do porque a menina estava chorando, que disse, ela vai ser morta para a gente se alimentar. Aí ele trocou a burra pela moça, e essa mistura que vem de gerações dos nossos antigos. Esse grupo que fez isso lá era o mesmo grupo que vivia aqui, a tribo saiu daqui pra Pernambuco. Aí quando eles iam para lá, meu avô já existia no colo do boi, meu bisavô, e não dava mais para viver por que os viajantes que chegavam lá acampavam na beira do rio e acabaram montando propriedade. E meu bisavô que criava um gado não tinha mais como viver lá. Aí o burgue, ele ia daqui para lá com a população dele, era afilhado do meu bisavô. E naquela época o índio era que nem cigano, não acampava num lugar só, vivia uma semana aqui e outra ali, que nem a gente no mato que não caça num lugar só. E aí quando eles atravessaram o rio, meu bisavô perguntou se eles tinham achado algum lugar que desse pra ele cuidar dos animais dele sossegado. Aí eles disseram que tinham deixado essa água aqui e que daqui pro curral do boi tem três lugares que eles passaram com essa vegetação, mas a que ele encontrou com resistência boa era essa daqui, que tinha a Pedra D'Água e o Cajueiro.

[Geraldo]: Duas fontes.

[Cacique Afonso]: Três com um lugar chamado a ponte.

[Geraldo]: A Ponte, Pedra D'Água e o Cajueiro. Que é a água leve. Água boa, água leve.

[Cacique Afonso]: Água pesada, tem mais sal. E aí a água mais linda do mundo foi chamada de fonte grande. E aí, de toda a potência que eu tenho, quem abriu a fonte ainda fui eu. Existiam as fontes já mas eu fui botar mais uma que aquelas não estavam dando e encontrei os paus ainda cobertos de lama de onde passava a cerca.

[Geraldo]: Essa é a fonte primeira?

[Cacique Afonso]: Fonte primeira.

[Geraldo]: E fica longe daqui?

[Cacique Afonso]: Não, é aqui.

[Geraldo]: Da pra ver então?

[Cacique Afonso]: Hoje mudou, botaram cimento em cima e acabaram as fontes de madeira. Então essas pessoas que vem de fora e não sabem a história... Então eu consegui botar uma fonte em cima da fonte principal dos antigos.

[Geraldo]: E essa história está toda contada pelo seu avô. E a quantidade de história que ele contou, você nem imagina. Ele conta a passagem de Lampião... Ele vem até os dias de vida dele.

[Cacique Afonso]: Quando ele morava por aqui na época de Lampião ele teve que correr. Teve um tiroteio no sertão e ele estava na Serrota, lugar chamado Serrota, morava lá. Aí a turma de noite assobiando e ele já tinha sabido do tiroteio que tinha havido, e foi procurando Tibúcio, irmão dele. Aí a minha avó dizia assim, não vai. Mas ele era bravo, se dissesse que não vai aí ele partia logo. Aí ele levou água e comida. Em seguida a polícia veio, eles vinham no rastro. Aí encontraram ele e ele correu a pé de lá, que não é perto não. Aí quando ele chegou nessa cerca aqui a polícia atirou e derrubaram a cerca que pegaram para saltar, caíram todos no chão. E ele correu essa mata toda e foi sair lá em Alagoas.

[Geraldo]: Mas ele não fez parte do bando não.

[Cacique Afonso]: Não, por isso que ele correu.

[Geraldo]: Quiseram botar ele no bando e ele não quis não. Ele conta a história de um Virgílio, que a polícia foi atrás desse Virgílio...

[Cacique Afonso]: Irmão dele.

[Geraldo]: Era o irmão dele o Virgílio? Ele conta a história. A polícia chegou e ele estava na rede, o Virgílio estava na rede, ele contava essa história? Ele estava na rede e a a polícia falou assim, ô Virgílio! E o Virgílio fazendo que estava dormindo. Tem muito de cangaço aqui.

[Cacique Afonso]: E hoje? Em cada sentido onde eles ficavam, eu sei de tudo. Porque eu ficava aqui? Por que vinha daqui. Porque eu ficava aqui? Por que vinha dali... Os acampamentos deles ali.

[Geraldo]: Entendi. Venha cá, e os cangaceiros passavam lá no Chico?

[Cacique Afonso]: A marcha do Chico nessa época só caminhava. Só esse povo. Só esse povo, sertanejo só morava lá.

[Geraldo]: E quando os cangaceiros vieram da guerra, o pessoal se escondia no Chico também? Naquelas pedras lá em cima?

[Cacique Afonso]: Não. Quando Lampião estava aqui na região, a turma do Mais Velho e da Ziquinha se escondiam no raso da Catarina, chamado de Chapada de Zé do Gás. Eu tenho tanto negócio com esse negócio que eu fui esperar um veado no rancho desse pessoal que se escondia do Lampião. E mesmo assim os caras fazendo barulho para não verem. Pisando o pilão... Um pilão de madeira. E o cara pisando e eu esperando o veado, coincidência. Ali, pertinho da rodagem. Então esse outro maior acampamento deles que é lá no Raso da Catarina mesmo, veio a Hortência... Viu já a Hortência?

[Geraldo]: Não, não sei quem é.

[Cacique Afonso]: A Hortência era que...

[Geraldo]: Uma vez Afonso, você me falou que o Lampião se escondia lá no raso que tinha um lugar muito bonito onde ele se escondia. Com umas pedras, num lajeiro... Você me disse assim, é um lugar bonito para cacete.

[Cacique Afonso]: Lá no Raso da Catarina é um lugar muito bonito por que assim, onde o Lampião ficava era sempre um lugar que avistava longe, tinha visão. Um lugar que tinha visão.

[Geraldo]: Ele não podia ficar num lugar onde ele não podia ver o que estava acontecendo, claro. Tinha que ver. Mas você me disse que era um lajeiro. Era um lajeiro?

[Cacique Afonso]: Não. Por que quando o cara sai do lajeiro, o cara pega o lajeiro mas para ir pra mata, pro jatobá, pra uma sombra. Então ele vinha do cascalho lá do sertão que ele brigava pra lá, várias brigadas por semana, e aí quando ele queria descansar ele ia para os acampamentos dele, dar um tempo. Aí quando ele queria brigar ele mandava recado para os coronéis, para o cidadão de comércio e aí dizia, quero se encontrar. Era assim que funcionava. Então, esse lado da serra mais difícil de achar, por coincidência, eu e Hortência passamos duas ou três vezes pelo crânio da cabeça do marido de Catarina, o pai de Alzira. Ainda todo completo. Aí eu peguei e botei no pau por curiosidade. E eu não tinha assim vocação pro conhecimento, nada, mas botava aquilo na meta. Aí de outra caçada que eu fui já não estava mais naquele lugar e eu peguei uma vareta e já tinha o gado carregado, tinham comido e só estava o crânio assim aqui. Aí com o tempo eles me botam bem no acampamento deles. Aí quando eu cheguei no acampamento eu tirei toda a visão do que o velho me dizia. De onde o crânio estava, ainda tinha gado e facheiro, que o velho dizia assim, foi uma briga num lugar fulano, eles trouxeram ele num bagulho até aqui e aí chegou aqui para ir pro esconderijo não podia deixar pista...

[Geraldo]: Cobriram com o facheiro...

[Cacique Afonso]: Aí acabaram de matar, cortaram o facheiro grande para os urubus não sentirem enquanto eles não estivessem nessa região.

[Geraldo]: E cobriram.

[Cacique Afonso]: Cobriram. E ainda tinha o facheiro, o crânio já tinha secado e estava bonzinho ainda. Se eu tenho conhecimento de...

[Geraldo]: E era o crânio de quem?

[Cacique Afonso]: Eu até hoje tava me lembrando o nome mas não sei como...

[Geraldo]: Ele me conta essa história. O Manuel Carlos me contou essa história, do facheiro e do crânio. Era o crânio do cangaceiro.

[Cacique Afonso]: Do cangaceiro. É por isso que o conhecimento da gente chama hoje do vale de da Catarina. Tá entendendo? Por que é na baixa de Caterina. Baixa fechada parecia baixa de caterina. E aí...

[Geraldo]: E quem que era Caterina.

[Cacique Afonso]: Caterina era a cabocla velha daqui, mãe de fulano, mãe de fulano, casada com fulano... Acabou morando em Paulo Afonso, onde tem aquela caixa d'água era a casa dela, fugida daqui com medo de Manuel Bode. Por que Manuel Bode perseguia ela, ele não era de Lampião mas era compadre de Lampião. Criminoso, todo mundo tinha medo por que ele fazia mal aqui na população.

[Geraldo]: Manuel Bode?

[Cacique Afonso]: Manuel Bode. Era irmão da Cris Bode, que é da família que tem aqui.

[Geraldo]: Quer dizer então que essa história do Morro da Catarina vem daí?

[Cacique Afonso]: Eu acredito que venha daí. Sim, eu acredito que venha daí por que nas outras gerações do tempo de Lampião só existiam lá os animais de Lampião. Então não existia outro tipo de animal silvestre a não ser o peba, o tatu ou os da caça de animal acavalado. E eu cansei de correr desses de animal acavalado, corriam atrás da gente lá no mato. A gente subia no pau e eles relinchando, quebrando os pau e tudo pra morder a gente. Então aí eu caçando sozinho chego naquele acampamento, eu pego lá assim, que hoje tem uma rodagem, tem a pedra do urubu e tem uma rodagem que é assim, atravessa a pedra da Catarina que é o limite da reserva e aí peguei aquela vereda assim, voando sem pra que. Quando eu descubro eu estou numa cidade, cidade dentro do vale assim muito bonita, que é o ponto mais bonito que eu achei, lindo. Aí eu vou num jatobá assim, a mata de jatobá mais linda do mundo, e aí vem tudo. A noção das histórias, ligando com o que era a coisa de Lampião. Aí eu vou, fico a vontade, fumo, bebo água e tal... Aí eu pego e saio numa vereda que era onde estava o crânio do Mormaço, acho que era Mormaço. Aí o que é que acontece? Aí foi coligando. Daí pra cá é que veio esse Geraldo, não é? Que eu falei lá de Pelé... Geraldo?

[Geraldo]: Oi? Você falou do Geraldo.

[Cacique Afonso]: Que era fotografo de Pelé, fez eu trabalhar a trilha de Lampião por duas vezes aqui. Mas não fui lá não, só do Chico para cá. Agora lá dentro no Rosa da Catarina...

[Geraldo]: No Chico nós já fomos, eu fui com você no Chico.

[Cacique Afonso]: E no Rosa da Catarina não?

[Geraldo]: Não. Nesse lugar eu nunca fui. Você disse que ia me levar um dia lá.

[Cacique Afonso]: São dois acampamentos que tem. Então quer dizer, desse acampamento que nós estamos acampando, porque viabilizamos? Por que dois vaqueiros daqui das Caibra, que tinham gado na região, foram campear. Aí antes de chegarem, quando eles chegaram na vereda, como não tinha a rodagem nessa época andavam só na trilha, e aí encontraram os caras atirando. E foram querer saber o que era, não existia ninguém naquela região, tá entendendo? E aí eles não chegaram nem no acampamento, já estavam os olheiros na frente e cobriram eles na bala. Aí dizem que eles só se abaixaram no pescoço

do cavalo e ladeira abaixo os cavalos deles ninguém pegava, eram cavalos do campo. Aí cessaram o fogo, estava escurecendo e ficaram lá.

[Geraldo]: Ficaram lá.

[Cacique Afonso]: Ficaram e aí pronto, quem é que ia dizer que encontrou tiro no mato que a polícia fazia botar? Aí tudo o cara tinha que comer sem cuspir. Era assim na época.

[Geraldo]: Tinha que comer sem cuspir, é?

[Cacique Afonso]: É, não tinha negócio de abrir o bico não. Abriram o bico depois que acabou a história. Antigamente o cachorro não latia no mato. O caçador caçava e o cachorro não latia, só com o perfume de Lampião.

[Geraldo]: Ensinaram o cachorro a não latir?

[Cacique Afonso]: Ensinaram não, só de medo. O cachorro via o dono e pegava o medo do dono. Ninguém pisava numa vereda deles, saltava. Enfiavam o machado aqui, que naquele tempo não tinha armamento, caçavam só com machadinho para matar cotia e onça. Aí enfiavam o machadinho e saltavam lá. Nem a polícia e nem os paisanos deixavam rastros quando passasse, por que tudo era perseguido. O Vale da Catarina todo. E aí um outro que o pessoal vinha daqui do lado de Cascais pra lá, eles vinham e ficavam a vontade meses. Até mais de um mês de acampamento disso aí. Aí só tinha contato com os coiteiros. Mantinha contato com os coiteiros que chegavam em cada acampamento deles para levar a comissão para eles e tudo de bom. Aí esse daí, onde o cara estava nesse daí, se fosse descoberto ele passava do entroncamento de capim e de lá mandava buscar mantimento.

[Geraldo]: Agora, tem uma coisa que eu tenho curiosidade. Os índios daqui da região foram os que mais combateram os cangaceiros, não foi? Ou não?

[Cacique Afonso]: Não. Lampião só foi, assim, abrir o bando, por que o bando era, a força de Lampião era daqui...

[Geraldo]: A maior parte do pessoal de Lampião era daqui.

[Cacique Afonso]: Era daqui.

[Geraldo]: Mas depois também houve muita gente que ajudou a combater.

[Cacique Afonso]: Sim. Esse mesmo, Manuel Bode, Saturnino e Apolíneo Bode foram quem bandalhou o bonde de Lampião quando entraram na força.

[Geraldo]: Quando entraram contra, na força.

[Cacique Afonso]: Foram contratados, chamava contratado na época. Então quando eles se contrataram para depois de muitos massacres que levaram de Lampião e da polícia, eles chegaram a ou uma coisa ou outra. Aí se contrataram. Aí Saturnino, Manuel Bode, que são tudo mesma família, e Apolíneo Bode eram os donos do Raso da Catarina, conheciam de cascalho a cascalho. Aí quando eles entraram, quer dizer, o Gato, filho da minha bola daqui, Courisco, da família daqui do poço, Mourão, irmão de Rosa que ainda está aí hoje, e aí quer dizer, e mais e mais.

[Geraldo]: É muita gente.

[Cacique Afonso]: Muita gente, né? Aí que Lampião disse, estamos mortos, vamos nos separar, que se continuarmos juntos vamos se acabar. Tudo sem fazer mais nada. Aí

separaram os grupos para evitar o traquejo dos índios, caboclos, que naquele tempo não era índio, era caboclo.

[Geraldo]: Essa história de Lampião é muito interessante.

[Cacique Afonso]: É uma história que, pelo que aconteceu no nordeste isso não pode morrer nunca. Eu até agora no CNBIO, que eu faço parte, é uma briga da peste quando eu vou. Eu acho até que querem me castigar. Por que o Vale da Catarina não tem segurança, você chega numa sombra daquelas ali e é litros de cachaça de todo tipo. E pra que eles ali? Pra que um órgão aí pra preservar essa natureza que não tem mais nada? Na nossa área tem mais respeito do que lá, e é aberta a nossa área. É uma discussão da porra por essa história. O Vale da Catarina é a área mais rica que nós temos no nordeste, é o pulmão do nordestino, é o pulmão do sertanejo por que é onde primeiro chove. E se não tiver uma preservação segura nós vamos acabar história.

[Geraldo]: E está falhando a preservação.

[Cacique Afonso]: Falhando não, não existe segurança. Por que não tem reforço para agir, para comparação, limitar, saber... Vamos preservar ao menos essa área aqui para ter segurança, não tem. Então, naquela época meu avô dizia que eram quarenta léguas sem moradia, hoje a reserva ecológica parece que tem 60.000 hectares, coisa assim, sem ter uma placa de limitação, de segurança, dizendo que isso daqui é uma área de preservação. Isso não existe. Eu tenho cobrado isso, tenho brigado. Aí até no meio da estrada tinha ficado uma aberturinha, isso não resolve nada. Então a indicação precisa dizer, isso é uma área de preservação. Se não como é que pode preservar?

[Geraldo]: E aí com uma área enorme dessas, aberta para todos os lados, a galera entra e...

[Cacique Afonso]: Aberta para todos os lados! Entra...

[Geraldo]: Quem é que vai lá saber como é que...

[Cacique Afonso]: E outra, é grupo político, tem cara aí de política. Eu já prendi três caras dentro do Rancho da Catarina e fui ameaçado por um cara que vem aí hoje da comissão. É sério, eu estou indignado com isso.

[Beto?]: Mas tem fiscais aí ou não tem fiscais, não tem nada?

[Cacique Afonso]: Não, existe uma contratação que até agora foi feito um estudo aí... Assim, parece que foram fazer o curso lá e é uma humilhação. Não dentro do Raso, dentro da cidade lá. Correr com 20 litros de água e capinar dentro do raso. Mas capinar dentro do mato, mostrar como é o mato, correr dentro do mato, que aí leva uma picada daquelas e é o trabalho do... Como se diz?

[Geraldo]: De um fiscal.

[Cacique Afonso]: De uma aprovação de um trabalho sério, não dentro de uma cidade e ainda com gozação. Pare com isso! Eu tô...

[Geraldo]: Quer dizer, para fazer a prova e a escolha tem que ser lá.

[Cacique Afonso]: Tem que ser no mato.

[Geraldo]: Como é que o cara vai fazer a prova na cidade para depois trabalhar em outras condições...

[Cacique Afonso]: Em outra região. Eu sou contrário ao que está aí e estou a muitos dias aí. Esse outro mandato que teve agora aí, não tinha que estar quem está e eu dou uma esculachada da peste lá e fico bravo. Quando eu vou lá no Vale da Catarina o índio não pode entrar, não é? O índio não pode entrar e eu sou teimoso entrei lá para fazer uma pesquisa lá e só encontrei litros de água, não tinha nem onde se pisar, o animal pisar... Só litros de cachaça, tudo aí jogado.

[Geraldo]: E o que a gente ainda pode ir ver? O que a gente pode ver? Combinar um dia para agente ir, combinar uma hora pra ver lá... Mas o que você acha que vale a pena mostrar? Ou de bonito, ou de história, o que for. Pra gente sair aí.

[Cacique Afonso]: O que é importante aí no Vale da Catarina, essas histórias que eu ouço que aconteceram dentro do Vale da Catarina, a segurança de Lampião era o Vale da Catarina e a sobrevivência dos nossos antepassados era o Vale da Catarina que hoje não tem. E outra, para preservação era muito importante que houvesse uma preservação de verdade. Preservamos uma hora para a história, para a área de plantas medicinais e que hoje não temos. Você não pode entrar numa área daquelas para fazer uma pesquisa, acho a maior injustiça da vida. E é uma área que não tem segurança, entendeu onde eu quero chegar? Não tem segurança. O cabra entra de dia, entra de noite, por fora da área de carro de luxo... Continua assim.

(galo cacareja)

[Cacique Afonso]: Antes de cantar a galinha, o galo canta primeiro, não é?

[Geraldo]: É isso aí.

(conversa sobre o galo)

[Cacique Afonso]: Eu gostaria que chegasse assim no Vale da Catarina, que tivesse uns 100.000 hectares preservados. 100.000 hectares se preservasse para ter história e os animais que ainda restam nessa região. Que são a cotia, o veado, a onça, o catitú, a cobra, que tudo hoje é coisa medicinal, né? Hoje se faz remédio de banha de jibóia, se faz remédio de banha de cascavel, banha de onça...

[Geraldo]: Sem falar da vegetação, não é?

[Cacique Afonso]: Claro, tá entendendo?

[Geraldo]: O que é que pode ser de finalidade medicinal na vegetação do Raso, Afonso? Que tipo de planta tem que pode... Você deve conhecer. Alguma coisa você sabe.

[Cacique Afonso]: Toda árvore é medicinal. Toda vegetação é medicinal para a nossa ciência. Cada árvore cura um problema.

[Geraldo]: Dá uns exemplos...

[Cacique Afonso]: A árvore mais agressiva do mundo é um cansaço. Não, mais ou menos. E tem a palmatória, né? Você tem conhecimento da palmatória. A palmatória você, se uma cobra picou, você fuça na raiz de palmatória, pega umas duas ou três raízes, pisa no pau, mija ali e bebe que você está curado.

[Geraldo]: De picada de cobra?

[Cacique Afonso]: De picada de cobra. Um cansaço limpa isso que a gente tem nos olhos. Já tenho tirado a catarata dos olhos, salvado gente com o cansaço. Tem um negócio, conjuntivite, se você lavou com a água do cansaço, cura. É um remédio que serve para a

nossa ciência da natureza. Quando um caipora pega uma criança nossa a gente pega um cansaço, ferve e dá um banho de cansaço. Então todas as plantas “é”. A favela, o leite da favela para curar câncer e tudo na vida, é importante para a nossa vida. E as outras árvores nem se diz, todas as árvores tem sua cura. Deus deixou todas as plantas e disse assim, as plantas medicinais Deus deu o nome de cada uma, para tirar, curar as doenças, retira o mal. Então tudo tem que se preservar. O bonomo, a enxadeira, o facheiro... Você leva um corte de uma faca, de um machado, assim no campo, o sangue está esgotando assim e você rapa, pega o bago do facheiro bota ali, estancou, não passa nada. A frade serve para a fome, para tudo na vida.

[Geraldo]: Como assim?

[Cacique Afonso]: A frade? A frade eu já passei três dias no mato comendo frade com mel para não beber água. No lugar de água. Três dias.

[Geraldo]: E como é que você encontra o mel no mato? Como é que você sabe que tem ali? Que ali tem abelha e ali tem mel?

[Cacique Afonso]: Isso é a coisa mais simples do mundo. Vem mosquito, papa terra, abelha branca, europa... Isso no mato não é difícil.

[Geraldo]: Quantos tipos de abelhas tem no mato? De abelha silvestre.

[Cacique Afonso]: Silvestre?

[Geraldo]: É, da terra aqui.

[Cacique Afonso]: Da terra nós temos o da papa terra, abelha branca, tem urucu não em todos os cantos, tem o mosquito preto e o mosquito verdadeiro e o arapuá, que é um potente.

[Geraldo]: Mandaçaia tem?

[Cacique Afonso]: Mandaçaia aqui na região não tem não. Tinha numa parte, mas praticamente acabou. De dentro da área, né? To falando isso de dentro da área da gente. Aí mandaçaia faz parte aqui do sertão, cascalho. Macururé, assim é pra ter, na nossa área, mas a população não deixa, é muito procurado. Uruçu também ainda tem algumas coisas, mas a turma pegou muito para levar para fora. Pra cortiço lá de Salvador mesmo tem muito, levado daqui. E aí acaba na região, vai tirando. Mas aqui ainda tem um cortiço aqui, o urucu. É perseguido, o urucu. E a europa não. Tá assim meio difícil, pegaram muitos em cativo, mas ainda tem na região. Se eu chegar numa vegetação dessas eu vou dizer, vou tirar mel, e não me nego não. Eu to dormindo e a turma vai me dizer, tal lugar tem abelha, tal lugar tem abelha, vai lá. Eu não posso mais.

[Beto]: Mosquito dizem até que é bom pro olho.

[Cacique Afonso]: Pra fome também. Se está no mato, não achar outra coisa e achar um mosquito dá um prato cheio! A gente foi criado nesse sistema, né? Hoje não pode mais caçar no Raso da Catarina. Eu tive o conhecimento, no ano passado de setembro a outubro, de uma história de que 600 veados foram matados.

[Geraldo]: No ano passado? Só no raso?

[Cacique Afonso]: Dentro de dois meses.

[Geraldo]: Como é que é possível isso?

[Cacique Afonso]: Pois é, qual é a segurança que tem?

[Geraldo]: 600?

[Cacique Afonso]: 600 veados.

[Geraldo]: Bom, mas entrou um exército! Como é que mata tudo isso?

[Cacique Afonso]: Um caçador mata três, quatro, num dia.

[Beto]: Caçador daqui mesmo ou de fora?

[Cacique Afonso]: Da região aqui. É tudo, não só daqui.

[Geraldo]: E tatu?

[Cacique Afonso]: E outro mais perseguido no mundo. Os caçadores entram de noite com os cachorros. Aí pegam quatro, cinco numa noite, até dez. Pegar um trecho que tem aí, hoje está mais acabado...

[Geraldo]: Quais são os tatus que tem?

[Cacique Afonso]: Tem dois tipos de tatu, nós temos o tatu que nós chamamos de verdadeiro e tem o tatuí.

[Beto]: E peba, tem?

[Cacique Afonso]: Peba tem. E tem também o tatu china, mas é difícil também.

[Beto]: Bola.

[Cacique Afonso]: Bola. Tem o china também. Mas o china é o mais difícil. É uma espécie que não é dócil, que nem o outro, não.

[Geraldo]: Nunca ouvi falar desse.

[Cacique Afonso]: Tem. As orelhas dele são assim, igual um porco. E o rabo de couro. Agora é uma carne gostosa, pesa dez quilos. Um china grande é dez quilos para lá. E outra, quando eu ia pro mato com o mais velho, não tinha pá. Aí pegava a cuia para cavar, com o casco do china.

[Geraldo]: Com o casco do china! Cavava com o casco do china.

[Cacique Afonso]: Com o casco do china tirava a terra para cavar. Não existia pá na minha época não. Quando eu comecei a caçar eu tinha oito anos, já outro mato. Quando eu comecei a andar no mato meu pai não aceitava não, por que eu chorava pra ir. Aí quando eu ia pro mato eu deixa ele cortando e achava outra ali e ele foi aceitando até quando eu...

[Geraldo]: Ele já queria que você fosse com ele.

[Cacique Afonso]: Não, por que ele não achava.

[Geraldo]: Você via o que ele não via.

[Cacique Afonso]: Não. Olha, está vendo isso aqui? Eu passei lá em Amburana, e em Amburana tem uns copinhos, não é? Chama o mondolo das amburanas. Aí o cara chegou, bateu num dos potinhos daqueles e arrancou assim no casco. E o favo de mel ficou desse tipo aqui, lá de fora. O cara cortou e derrubou mas não enxergou que era mel, achava que

era cupim. Aí eu cheguei, na outra semana e disse, ó pai o que tem aqui. Ele fazia é graça, bota o facão, o machado, ali. O favo de mel das abelhas brancas...

[Beto]: E você ainda faz as cantorias aqui?

[Cacique Afonso]: É... Cantor hoje grava uma música e ganha um dinheiro danado, vocês querem que eu cante de graça?

[Geraldo]: Fazer a festa.

(pausa na gravação)

[Geraldo]: Na baixa do Chico? Eu fui lá com você.

[Cacique Afonso]: Tem lá, pois. Tem lá o prédio de gato, o jatobá, a pedra...

[Geraldo]: O Gato se escondeu lá?

[Cacique Afonso]: O Gato morava lá. Que ele era filho da baixa do chico. E tinha um lugar que quando ele entrou ele estava brocando ainda. E assim, já tem um tempo que eu andei, tinha a casa do pai que ele queimou, e da mãe. Era de tabua na época.

[Geraldo]: Em frente a baixa do chico.

[Cacique Afonso]: Era, era em frente aqui. E aí ele ficava lá, debaixo do Jatobá. Aquilo era tudo uma família só. Aí quando a polícia passava lá ele ficava lá em cima. E quando Lampião passava lá ele conhecia todo mundo de lá e ninguém via ele.

[Geraldo]: Ele ficava em cima.

[Cacique Afonso]: Tava em cima, que era o lugar do gato lá. Tem um santo gato, já ouviu falar? Ali em cima tem a casa de Saturnino.

[Geraldo]: A casa de Saturnino, como assim?

[Cacique Afonso]: Era o esconderijo.

[Geraldo]: E os cangaceiros passavam embaixo e não sabia que ele estava lá em cima.

[Cacique Afonso]: Não. Procurando ele e ele lá em cima.

[Geraldo]: E Saturnino morava lá.

[Cacique Afonso]: Da Serrota para lá.

[Geraldo]: Da Serrota para lá. E ele era índio.

[Cacique Afonso]: Era o chefe de tudo da nossa...

[Geraldo]: Era o chefe da nação.

[Cacique Afonso]: E nesse tempo não tinha estrada, só tinha trilha. Tudo fechado, mata fechada. Tinha estrada de jeito nenhum. Para gente ir pro mato lá eu passava três dias para ir de andada nisso aqui, só dentro das veredas, umas trilha muito horrorosas. E depois que a Petrobras abriu é que acabou com o Raso da Catarina, tudo madeira.

[Geraldo]: Tinha madeira?

[Cacique Afonso]: Madeira de pau branco, jatobá...

[Geraldo]: Jatobá tinha, né?

[Cacique Afonso]: Jatobá tem mas foi destruído por causa da madeira dele ser morão.

[Geraldo]: Morão, pra seca...

[Cacique Afonso]: É uma árvore que não cai a folha, todo tempo ele está verde.

[Geraldo]: Quer dizer que passam os anos assim e eu venho aqui pra conversar besteira com você. Esse que é o nosso compromisso.

[Cacique Afonso]: Besteira... Passa uns anos...

[Geraldo]: Passa uns anos, daqui a cinco anos eu volto de novo pra conversar bobagem...

[Cacique Afonso]: Ah se nós vivêssemos esse tempo...

[Mulher do cacique]: A de hoje é mais simples.

[Cacique Afonso]: Aí ele tava falando da cantoria, das tradições. Das tradições também tem, tem dvd.

[Geraldo]: Quando eu passei aqui eu vi duas festas do... A festa que a gente filmou em água branca, uma procissão, a festa do umbu.

[Cacique Afonso]: Foi aqui.

[Geraldo]: E aqui quando eu estive aqui em 84 o pessoal passou a noite inteira dançando toré. E depois a gente filmou a festa do espraído também. A dança do espraído. Lá no terreiro...

[Cacique Afonso]: Aí nesse tempo aqui era uma coisa só.

[Geraldo]: E agora já não é mais uma coisa só?

[Cacique Afonso]: Não é...

[Geraldo]: Linda a dança. Foi a coisa mais bonita que eu já vi, de noite assim. Já estava escuro, a gente trouxe uma luz e jogou uma luz. Eu vou deixar uma cópia disso com você. Vou deixar hoje, aqui e agora. Está ali no canto.

[Cacique Afonso]: Só que hoje, desses grupos todos que nós temos aqui, só quem tem isso aqui sou eu.

[Geraldo]: Isso o que, as festas?

[Cacique Afonso]: As tradições. Mantenho as tradições.

[Geraldo]: Coisa mais bonita...

[Cacique Afonso]: E é lá dentro da área. É lá no Amaro.

[Geraldo]: No Amaro? Que é outra...

[Cacique Afonso]: É de Oitubo.

[Geraldo]: É outra comunidade?

[Cacique Afonso]: Não, é a mesma comunidade, mas o terreiro é lá. Aqui a gente não pode frequentar junto por causa da bebida. Aí pra segurar isso aqui e deixar como está hoje, a gente segurou de lá. Se não fosse o Amaro a gente não tava hoje como tem não, era guerra mesmo.

[Geraldo]: Mas tinha que fazer a paz, tem que se entender.

[Cacique Afonso]: Hoje a gente tá em paz, posso dizer. Mas naquele tempo era um para comer o outro.

[Geraldo]: Tem que fazer a paz. A briga é outra...

[Cacique Afonso]: Quem está de fora está pensando que aqui é tudo lindo, mas conviva dentro de uma aldeia para você ver. Eu vou te dizer, eu não vou mais no telefone que você me ligou, não posso. Uma liderança minha. A ambição é tão grande que arrumam uma maldade com você sem você antever, sem você fazer nada. Aí você não pode confiar. Quem vem de fora, tudo vizinho aqui, uma beleza. Mas o vizinho aqui é para comer o outro. Sabe a história de Lino? Tanto faz comer cu... (Não entendi o resto da piada para poder transcreve-la)

[Cacique Afonso]: Essa é a vida. Agora, vocês prometeram de ir lá no Amaro conhecer. Não é? Na época era dia 29 do mês que vem.

[Geraldo]: Dessa vez não vai.

[Cacique Afonso]: Não vai? Já falhou comigo.

[Geraldo]: Não, é que não é fácil. Você é mais dono da sua vida do que eu da minha.

[Cacique Afonso]: Só que não me dão sossego, na hora que eu estou dormindo os caras chegam. Então eu não sou dono, os outros é que furta...

[Geraldo]: São as vantagens de ser cacique e as desvantagens.

[Cacique Afonso]: Pois é. Mas você não queria conhecer lá não?

[Geraldo]: Eu queria sair amanhã se você quiser, podemos sair amanhã. Sair um pouco com você. Uma vez você me disse, que eu saí com você e você começou a me ensinar umas coisas, me dizer o que eram dos matos, das coisas e tal. Se você quiser dar uma volta por aí a gente dá. Um lugar bonito aí vai. Não pode ser muito numa horas dessas aqui se não a gente torra, queima a cuca.

[Cacique Afonso]: Quem sabe o que vocês estão preocupados, que não dá pra filmar por conta da claridade que tem que estar coberta.

[Geraldo]: Não, é por que é muito quente.

[Cacique Afonso]: Então, é o que eu estou dizendo. Se pegar um dia da manhã chovendo garoando?

[Geraldo]: É melhor do que ir pro sol.

[Cacique Afonso]: Eu fui pegar um helicóptero aqui pra ir pro Chico, fui parar no Barbosa, na serra do tanã. Por que não tinha visão pro Chico, estava tudo fechado. Quando cheguei

no Barbosa, que o Chico estava fora de área, mandei parar e baixou. Que lugar é esse que eu tinha passado? Era manhã. É o Barbosa. Ih Chico tá longe...

[Geraldo]: Primeiro a gente tem que ir pelo chão.

[Cacique Afonso]: Não, eu tô brincando.

[Geraldo]: Eu sei, mas primeiro a gente tem que ir pelo chão. E segundo a gente tem que ir numa hora que não seja uma hora dessas.

[Cacique Afonso]: Tem que ser cedo.

[Geraldo]: Tem que ser cedo. Pra voltar quando esquentou.

[Cacique Afonso]: Essa hora nós estamos numa sombra maravilhosa do mundo, mais fresco do que aqui.

[Geraldo]: Na beira d'água. Numa fonte...

[Cacique Afonso]: Água só de balde, de cuia. Aqui não temos essa mordomia não.

[Geraldo]: Uma fonte com mel do lado, assim, escorrendo mel...

[Cacique Afonso]: Lá tem. Se esperar pode aparecer, lá no cerrado nós temos mel.

[Geraldo]: A gente leva uma água.

[Cacique Afonso]: Não, lá onde eu to dizendo tem tudo.

[Geraldo]: É mesmo?

[Cacique Afonso]: É, no Amaro, daqui a 14km. Quer dormir lá hoje?

[Geraldo]: Não sei.

[Cacique Afonso]: Aí você tem história, aí você se sente um conhecedor da história.

[Mulher do cacique]: Todo mundo que vai lá se encanta com o Amaro.

[Cacique Afonso]: Vem gente de todo lugar do mundo agora em Outubro. Vem de Salvador, vem de Recife, vem de Juazeiro da Bahia, Rio Grande do Norte... Vem tudo quanto é gente no dia da festa.

[Beto]: 29 de Outubro?

[Cacique Afonso]: É.

[Mulher do cacique]: É no último sábado de Outubro, vai cair dia 29.

[Beto]: Muita gente vem?

[Cacique Afonso]: Muita gente. E tem que ser nessa data que é a abertura da ciência, a gente não pode mudar.

[Geraldo]: Que abertura?

[Cacique Afonso]: Eu tô dizendo, é a abertura da ciência. Não adianta dizer, você não conhece...

[Mulher do Cacique]: Dança praia, dançar toré, tem procissão...

[Cacique Afonso]: Ele sabe, é que ele quer mastigar mais direito.

[Mulher do Cacique]: Mas eu digo logo tudo. Tem a procissão, tem tudo. Tudo o que quiser, tem um pouco. Só não tem calombré, mas o resto todo tem.

[Cacique Afonso]: Esse daí sabe mais, eu conheço é nada.

[Beto]: Aquilo é palha de?

[Cacique Afonso]: Palha nada, ali é fibra.

[Beto]: Fibra de?

[Cacique Afonso]: Croá. Nós somos do Vale da Catarina, é madeira que dá em doido. É os índios que tem resistência, do nordeste são os Pancararé. Sobrevivem da natureza.

[Geraldo]: Isso aqui deve ter sido na verdade a comunidade mais isolada dos índios. Isso aqui na época devia ser o fim do mundo. O Chico no meio do vale, quem é que ia pra lá?

[Cacique Afonso]: Ninguém. Até hoje é difícil de chegar lá. E era mais isolado, hoje não é tão isolado.

[Geraldo]: Quantas famílias vivem lá?

[Cacique Afonso]: Tem dezoito hoje.

[Geraldo]: Tem dezoito hoje? Quando eu vim aqui...

[Cacique Afonso]: Só que o pessoal do Chico eles foram se espalhando nessa rota tudo até lá no lixão. Por causa da necessidade de sobrevivência.

[Geraldo]: Eu conheci gente que morava lá. Tibúrcio, não é? Qual é o nome dele? O velho...

[Cacique Afonso]: O chefe de lá é Saturnino.

[Geraldo]: Saturnino eu não conheci. Eu acho, foi em 84...

[Cacique Afonso]: Era do tempo de Manuel Eugênio.

[Geraldo]: Era do tempo de Manuel Eugênio?

[Cacique Afonso]: Ele morreu primeiro, antes de Manuel Eugênio. Depois, foi. É por que não deu condições de ir lá.

[Geraldo]: Eu conheci o Saturnino. Alto, magro?

[Cacique Afonso]: Não, nada. O Saturnino era um elefante. Era que nem um elefante, era um monstro.

[Mulher do Cacique]: O alto magro é Lino.

[Geraldo]: Lino!

[Cacique Afonso]: É, que está lá hoje.

[Geraldo]: Ainda está lá?

[Cacique Afonso]: Está.

[Geraldo]: Velhinho lá?

[Cacique Afonso]: Filho de Saturnino. Saturnino era um urso, era um forte.

[Geraldo]: Não, não conheci.

[Cacique Afonso]: Se ele pegasse sua mão assim, ele engolia sua mão. Era muito valente. Não desse confiança dele pegar em você, se ele pegasse ele te apertava e quebrava todos os ossos, que nem jiboia quando laça um, muito forte. Menino criado todo na natureza. Ele para chegar e receber o benefício no tempo em que saiu o direito do agricultor e aposentadoria, ele não aceitava o dinheiro. Disse que era da besta fera. Só aceitou por que estava com oito anos cego, depois recuperou e morreu enxergando. Nada disso ele aceitava, a gente estava oferecendo isso na marra, pegando ele forçado por que ele já não tinha mais vista. Mas quem que pegava nele vivo com os olhos? Ninguém chegava nem perto, era um monstro. A palavra dele o cara ficava se tremendo. Tô dizendo. Era um caboclo que ia dentro da loca das pedras, criado num lugar que nunca viu gente, no tempo que conviveram na revolta com Lampião... Uma vez ele atacou Lampião, no cascalho.

[Geraldo]: Ali tem um bocado de loca. Dá pra morar ali nas pedras.

[Cacique Afonso]: Tem coisa ali. Tem muita coisa pra se ver. Muito encanto.

[Beto]: E o índio não tava comendo na natureza? Você falou agora que ele era forte.

[Cacique Afonso]: A comida de Saturnino na época, nem peba ele gostava. Ele comia caititu, porco do mato, veado... Comida de Saturnino era mel e caça. Você vivia no vale desse jeito.

[Geraldo]: E ia comer o que? Ia plantar arroz? Ia comer feijão? Não tem sentido. Ele comia da caça e do que podia colher ali na região.

[Cacique Afonso]: Nem colhia na época. Lá é um lugar em que só chove trovoada, lá pra novembro em que cai as primeiras águas e o inverno chega.

[Geraldo]: Era caça e o que a plantação da região desse.

[Cacique Afonso]: Abobora também, eu cansei de ver ele comendo abóbora. Nada de trabalho. Uma farinha que fazia era de mandioca brava, purnunça, manipeba... Plantava aqui na serrota, lá não dava.

[Geraldo]: O que é manipeba?

[Cacique Afonso]: Manipeba é uma mandioca que animal não pode comer, nem a folha, se comer embebeda. A casca, Deus me livre. E a farinha é boa. Agora dá todo tempo, era a mandioca que esses mais velhos produziam.

[Beto]: (Não consegui ouvir a pergunta)

[Cacique Afonso]: Aqui tinha na região, não sei de onde eles trouxeram, antes não existia. Manipeba e Purnunça. Purnunça tem de dois tipos, tem a branca e tem a preta. Ela só dá depois de dois anos, que é quando ela produz batata. Tanto a purnunça quanto a manipeba. Aí era uma mandioca que aguentava o verão. Fazia a farinha hoje e só depois de dois anos que ela não presta mais. E quanto mais tempo ela vivia mais ela produzia raiz, e bebia água de raiz de umbu. No tempo de Lampião ele queimava os umbuzeiros para

buscar a raiz de umbu e não secar a raiz de umbu, paciência dele. Inteligência ou não? É a sobrevivência da terra, nossos antigos.

[Geraldo]: É a ciência da terra, saber das coisas para sobreviver.

[Cacique Afonso]: Conhecer para sobreviver.

[Beto]: E jerimum? Dizem que aqui é a terra do Jerimum.

[Cacique Afonso]: É, e ali na baixa do Chico dava muito. Terra produtiva, que é dentro da baixa. Quando a chuva vinha ela levava o esterco dos animais e tudo, ia para a baixa ali e preservava a umidade, plantava o jerimum ali e vinha todo esse campo.

[Beto]: (Os latidos não me deixaram entender a pergunta por completo)

[Cacique Afonso]: É, a fundação organizou uma para gente lá, vizinho lá, assim. Nos terrenos vizinhos foram a 100. E aí acima, foi subindo o sertão e tem ali as fazendas. A fazenda assim, dizem que é fazenda mas é um sítiozinho. Fazenda é fazenda, são sítios. Pequenas posses, ali os criatórios tudo no mato e você nem vê. A onça come a metade, você vê só aquelas que vem pra bebida e dizem que é fazenda, mas não é fazenda.

[Beto]: E qual é a onça que tem? Tem a pintada?

[Cacique Afonso]: Tem não. Aqui apareceu no mato da gente, até no ano passado, foram duas e que foram perseguidas. Uma foi morta lá e outra foi morta por...

[Beto]: Suçuarana?

[Cacique Afonso]: Suçuarana mesmo. O matador de bode. Quando ela chega aí acaba com o criatório. Ou tira ela ou acaba com tudo. Lá mesmo, dentro da área eu tenho 900 hectares cercados lá na ciência e lá mesmo ela matou o criatório da gente. Aí teve que morrer, por que se não matar como é que nós gera? Mas aparece. Ali na Catarina só vai pisar os criadores. Os criadores pagam para matar.

[Beto]: Mas você acha gado em qualquer lugar do Raso da Catarina?

[Cacique Afonso]: Eu nunca andei pra lá, mas tem. Do que eu tenho conhecimento, tem solto. É essa que é a briga dos conviventes do Raso da Catarina por que não querem que cerquem. Por causa dos animais. Só que eles dizem que vão pegar os animais e vão é colher as (não entendi). O problema é esse. E a política é grande.

[Geraldo]: Bom e vão viver dos animais...

[Cacique Afonso]: Silvestres.

[Geraldo]: E vão viver da captura do animais silvestres?

[Cacique Afonso]: É, aí se escondem dentro do raso, passam nas estradas a noite, as pessoas responsáveis por essa área não tem o conhecimento, e é um rastro de boi e de cavalo... Eu fui resolver umas questões dentro de uma área nossa, que um posseiro que tem a posse lá criticou o vizinho que estava tirando madeira dentro de uma área nossa. Por que ele cercou uma área vizinha nossa quando saiu aqui da área. E um vizinho daqui contra outro do Sacadinho. Aí deu parte na polícia por que esse vizinho estava tirando madeira de dentro da área nossa, pau branco. E aí rolou essa questão de um ano. Duas vezes a polícia federal chegou aqui e disse, vamos lá resolver a questão, e era tarde. Eu disse, não dá, se nós sairmos essa hora vocês vão filmar o que? E eram duas, três viagens. Por que eu fui resolver essa madeira e na madeira o vizinho que era acusado deu queixa

dos caçadores que estavam numa área nossa lá cassando. E eles não podem ver um caçador caçando por que vão comer os bodes deles. Essa encrenca né? Aí sobrou pra mim. Aí a polícia federal disse, não faço parte disso, isso aí é com o Ibama. Mas também não falaram nada, aí viemos embora. Quando foi segunda-feira chegou o pessoal do Ibama aqui, ah Seu Afonso, sabe do lugar lá? Disse, sei. Vamos lá? Vamos. Aí cheguei lá e procurei o criador que deu queixa, ainda tem os caçadores que estão lá na região? Aí ele disse, não, já foram-se embora. Aí o pessoal veio de Salvador, não foram daqui. E a polícia federal que era de Juazeiro passou para Salvador. E o Ibama daqui não sabia. Aí tinha conhecido por aí e quando chegamos lá o cara disse, não, o pessoal já foram embora. Aí ele disse, você conhece a área do Vale da Catarina? Eu disse, até a Baixa da Égua. Aí ele disse, vamos dar uma olhada por aí? E eu disse, vamos lá, vambora. Saímos da fazenda e chegamos numa encruzilhada lá na estrada e vimos o rastro de uma raposa. Olha aqui ó, aqui tem caçador! Olha seu Afonso, aqui vou-lhe mostrar! O rastro dos cachorros dos caçadores! E eu disse a eles, vocês que são bestas, isso aqui é cachorro do mato, é raposa. E é? Digo, é. E mesmo assim, seguimos na estrada. Quando chegamos na estrada aqui, um jipe fez uma manobra. De dia já, já tinha chovido e já tinha apagado. Aí ele, olha aqui é do caçador, eu disse, claro. Quando eu desço, aqui o rastro dos caçadores. O rastro cruzava pra esse lado e a estrada era para aquele lado. Aí eu falei, quer pegar? Tem coragem? Ele falou, vamos. Você sabe onde é que eles estão? A gente acha agora. Aí os caçadores passaram pra cá e eu vinha de cá. Fui brotar no rancho. Chegamos no rancho e aí tinham dois, e dois no mato caçando. Da estrada para o rancho deles nós pegamos três armadilhas que botaram de tatu. E aí quando chegamos lá e cercamos, eles estão aí. Aí circulamos, e quando circulamos pegamos os caras dormindo. Uma panelona de ferro com um bola dentro. Aí eles deram a voz de prisão, e tinham três espingardas. Aí ele disse, vou soltar essas espingardas para os caras que tiverem no mato correrem. Por que o caçador que estava lá era amigo do que dedou. E só que ele disse que não tinha mas a família dele estava no mato. Tá entendendo como funciona? Rapaz, isso deu um rolo. De onde é que vocês são? Somos aqui do Açude. Falei ó, não mete a mão nesses aí que eles são uns coitados, o que a gente veio atrás é caçador de fora, esses aqui são uns coitados. Mas deixa rapaz, que os caras estavam com tanto (não entendi) novo, quando a gente passava o bichinho abria a boca para comer. Aqueles filhotinhos de (não entendi), uma judiação. Tatu tinha bem uns dez ou doze tatus rataiados, veado tinha meia duzia de carne rataiada, os caras vieram comer. Quando eu derramo a água... Água da nossa barragem, que tinha lá. Aí eu reconheci a água. É, os caras são daqui mesmo. Aí eu disse para eles, ó duas coisas. Por que eles queriam que eles levassem tudo nas costas para o carro, aí ficou o outro índio lá segurando as coisas e fica um índio aqui. Por que essas pessoas, se forem gente de fora eles vão tocar fogo no carro e nós vamos ter que ir a pé, e você não aguenta ir a pé. Ah, é assim? Eu digo, é assim que funciona. Se você der com um caçador de Alagoas, nós vamos trocar tiro aqui. E eu era na guia, na frente e desarmado, falei assim quando estava perto, me diga uma coisa, vocês desse jeito armado e eu desarmado na frente de vocês, o primeiro a levar tiro sou eu e eu vou me defender de que jeito? Me dá uma arma aí. Aí me deram, eu agora estou seguro. Aí quando chegamos lá eles disseram de onde vieram, daqui do Açude. E eu mais ou menos conhecia a família. Aí deram voz de prisão e eu disse, tem uma coisa, se levar para Paulo Afonso vocês não chegam nem a prender, o político solta, na hora. Aí eles disseram, vamos prender em (não entendi). Aí sim, para levar tudo nas costas. E eles não são jegues para levar essas (não entendi) tudo nas costas, quanto tempo você vai dar para eles? E você tem tempo pra isso com o sol fechando? Manda buscar o carro. E pegamos e saímos quebrando chique-chique, cuspidando para todo lado, e tocamos para a vargem. Chegamos na vargem já era escuro. E cadê o combustível dos caras? E você conhece alguém por aqui? Falei, conheço um cara que tem um caminhão e ele deve ter combustível. Nós estávamos num bar tomando um refrigerante, a gente saiu e veio o cara assim, eu digo, ô Edvar, os caras querem que você arranje um combustível. Ô, é já. Aí quando nós vamos saindo da vargem, os pegadores de passarinho. Aí foi um bapapú da peste. Eu disse, aqui é fora da área, faça o que quiser. Aí meteram na algema e botaram dentro do carro. Aí tocaram para

(não entendi), e o outro e tocaram pra me deixar aqui. Aí quando me deixaram aqui, já de noite, eu estou com o revólver. Eu disse, ganhei a viagem, eles foram-se embora. Aí quando voltaram eu falei, porra, vocês não me deram uma caça daquelas por que não podia dar, a arma mesmo que deixaram comigo vocês vão confiscar de novo? Ah mas Seu Afonso, mas nós não podemos dar não por isso aqui tudo tem que prestar contas. Eu digo, está certo, leva se vocês querem. Aí foram-se embora. Aí rapaz, quando eu cheguei na Funai, o chefe do Ibama ligou para falar, os caras estavam já três dias lá presos. Aí quando eles falaram eu falei que eu era o cacique. Aí o cara falou, esse cacique vai me pagar por que entrou na área sem pedir licença, prendeu o pessoal lá da região, já tomaram a fazenda e agora não pode o caçador caçar. O próprio chefe do Ibama, esse cacique me paga! Falando comigo mesmo. Eu falei, pois é rapaz, fazendo isso e tal, conversamos. Aí liguei para Salvador e Salvador para Brasília e tiraram o cara do caso. Na mesma semana. E esse cara ainda hoje está lá. Aí fez os papéis agora, Moreira, chama-se Moreira. Trouxe os papéis para fazer esse curso lá, botei meu filhos, não passou um filho meu. O que mais fez ponto aqui, que o cara mesmo nasceu no trabalho, não passou. E ele vai passar com raiva de mim? Tá me engolindo, eu lá. Então funciona assim, desse jeito, a política. Se prender um aqui aí é logo a polícia, e prefeito, paga a licença e desconta... Então o pessoal não para de caçar por causa disso. Não tem segurança. Mas também em todo canto, você prende um bandido hoje e amanhã está solto. Então funciona desse jeito, a segurança não é nada. Entendeu? O que está de problema ainda não é? E a turma ainda ficou me perseguindo, a do cara. Que eles pagaram 600 contos, perderam os armamentos e aí os caras ficaram me perseguindo. Vinham até um bar que tinha ali, que nesse tempo eu estava... Aí me procuravam até na minha casa, me diziam. Aí eu fui e falei com um cidadão lá do Joá que conhece tudo, que levava água para os caçadores. Eu falei, olha, ocorreu isso e não foi por eu. Foi fulano que dedou e mandou a polícia federal e a polícia federal me mandou uma equipe e eu não podia negar. E o caso causou foi por ele lá, dizendo que eram vocês aqui do Joá e era a turma dele. Então, o feitiço virou contra o feiticeiro. E aí eu não tenho culpa do que aconteceu. Eu maneirei o problema deles, por que eles eram para ter apanhado lá dentro do Vale da Catarina e eu não deixei bater e tudo isso. Aí pronto, aquietou mais. Aí por isso eu não confio lá fora, daqui passada essa estrada, (não entendi) sempre tenho essa segurança da minha pessoa para estar aqui hoje quando ela não está.

[Beto]: E a caça continua...

[Cacique Afonso]: A perseguição no Vale da Catarina de animais silvestres não para não. O cara pega lá de surpresa? Aí eu fui fazer uma caminhada no Raso da Catarina com o jipe clube de Maceió, 60 carros. Saímos daqui fomos lá pelo (não entendi), seguimos ali pelo raso e fomos dormir lá dentro do Vale da Catarina, na baixa da Catarina lá. Passaram a noite onde festejamos. No dia de manhã quando nós vamos saindo vem um carro de caçador. Quando descobriu tudo, com farol aceso, que ligaram a energia lá, fizeram uma farra esse jipe clube. E eu passei só em ambiente de fogo. E eles fazendo uma farra, festejando lá, e bebe, comendo toda a carne ali, de tudo quanto é bebida. Até hoje estão lá as bebidas enterradas. Os cascos enterrados do lado do Jatobá. Isso aqui é uma história que nunca vai se acabar, quando chegar aqui para acabar, nós estivermos por aqui caçando para achar um mel, botar um mel desses, não para. É desse jeito. Já está cochilando não é? Eba.

[Geraldo]: Mas é isso aí.

[Beto]: Tem muita posse aí? Com posseiro?

[Cacique Afonso]: Dentro da (não entendi) ainda tem escondidos uns currais que o pessoal do Joá fizeram para prender o gado lá. Prender o gado, né? E colher as outras coisas.

Escondido ali, tem lá. Mas é como eu digo, é quase político aí não acaba não. Não tem segurança. Funciona desse jeito.

[Geraldo]: É, precisa ter uma vigilância maior, uma presença.

[Cacique Afonso]: Vigilância assim, digna. Que nós não temos mais gente hoje para isso. E é comandada por Paulo Afonso... O que eu estou pedindo hoje na reunião que eu tenho? É que tenha uma localidade de tratamento do animais que são presos. Presos pelo meio ambiente...

[Geraldo]: Aqui não tem em Paulo Afonso?

[Cacique Afonso]: Não tem. Aí o que acontece? Eu vi passando uma reportagem aqui que se dói. Você pegar um animal preso levar daqui para Canudos, do Vale da Catarina e levar para o sul. E lá soltar em outra vegetação. Por que aqui não tem uma localidade de tratamento, eu estou brigando por isso também. Que esses animais que são pegados do Vale da Catarina, que se devolva a natureza! Não devolver para outro meio ambiente que não tem uma serventia que tem o Vale da Catarina. Não é? Isso é das coisas mais lógicas, mais justas do mundo. E que não tem.

[Geraldo]: Nem em Paulo Afonso? É um gesto de...

[Cacique Afonso]: Pois é! É uma fraqueza grande. E eu estive agora numa reunião que eu tive com a procuradora e cobreí isso. A procuradora disse, é Seu Afonso, talvez a gente alcance isso logo. Mas a tanto tempo que não vejo isso? O quanto pegaram de papagaio...

[Geraldo]: Arara, não pegam?

[Cacique Afonso]: Arara tem, nós temos no Chico, mas...

[Geraldo]: Ararinha?

[Cacique Afonso]: Arara Azul mesmo.

[Geraldo]: Tem no Chico?

[Cacique Afonso]: Tem. Tem aqui na região. Dorme lá e tira filho e sobrevive aqui com a gente. Tão aqui todo dia passando aqui.

[Beto]: E é grande?

[Cacique Afonso]: São grandes, Arara Azul mesmo. Bonitona mesmo.

[Beto]: (Não consegui ouvir a pergunta)

[Cacique Afonso]: Come do licuri. Comia aqui junto do pessoal. Até ontem eu estive com um índio aqui e ele cortou ao meio por que ela estava acabando. Aí ele apontava mas não tinha jeito, por que ela é mansa, não é? Aí o pessoal acompanha as crias delas aqui no Raso da Catarina, dentro do Chico. Muito bonito cara. Tem umas sessenta e tantas.

[Beto]: Tinha sessenta e tanta a uns vinte anos atrás, será que aumentaram?

[Cacique Afonso]: Aumentou! Aumentou. Agora, eu senti falta depois do trabalho que a Globo fez aí elas se afastaram. Por que eles fizeram o trabalho enfrente a elas, as crias delas... Filmaram e tudo. Aí eu senti falta e fiquei até preocupado, mas depois voltaram. Por que elas são de Pedra Branca, lá de Canudos.

[Beto]: Pedra Branca tem a fazenda...

[Cacique Afonso]: E aí, elas tem essa... Vem de lá pra cá, não é? Que aqui nós tínhamos a muito tempo, mas depois elas sumiram e depois voltaram. E hoje é para ter bastante. Parece que eram sessenta casais, sessenta, sessenta e poucos... Aí eu senti falta delas. Acho que elas voltaram para lá um pouco.

[Geraldo]: A gente viu umas um pouco. Mas quer dizer que elas fazem ninho no Chico também?

[Cacique Afonso]: Não, elas dormem lá.

[Geraldo]: Dormem lá.

[Cacique Afonso]: Dormem lá. Todas as seis horas, cinco horas elas estão voltando. Elas chegam lá umas seis horas. Eu fiz esse trabalho um tempo, fui de manhã e a tarde. Elas saem numa faixa de cinco horas, elas vão se juntando e descem para cá. Aí quando dá cinco horas elas estão voltando de volta.

[Beto]: Para Pedra Branca?

[Cacique Afonso]: Não, para o Chico. (Não entendi)

[Geraldo]: Ok, conversamos muito. Vou trazer a história para você. Tenho que imprimir amanhã lá para trazer.

[Cacique Afonso]: Vocês estão em que hotel lá?

[Geraldo]: Como é que chama?

[Beto]: São Marino.

[Cacique Afonso]: São Marino... Hotel melhor que tem ali é o Belvedere.

[Geraldo]: Esse São Marino é antigo. Foi reformado...

(Começam a falar dos hotéis)

[Geraldo]: A gente fez uma gravação de planta medicinal com uma senhora de um quilombo lá de um município chamado Bom Jesus da Serra, lá da Bahia. (...) E ela fez lá uma demonstração para a gente do conhecimento das plantas ali da região.

[Cacique Afonso]: Eu fiz um trabalho aqui primeiro com um pesquisador chamado Fábio, Fábio Bandeira. E aí na época, foram aprovadas 95 das plantas aqui que nós fizemos um levantamento. E aí depois disso é que veio esse outro do Ibama, esse da Globo, Globo Ciência. E aí foi que o negócio ficou procurado aqui no Vale da Catarina.

[Geraldo]: Por que na verdade, embora tenham muitas plantas que são de áreas diferentes, na verdade você tem plantas de um mesmo sistema que eu não sei se dá o mesmo uso que em outro lugar.

[Cacique Afonso]: Cada lugar o nome de uma planta também muda. Nós temos a Catingueira Grande aqui e lá em (não entendi) chama Pau-de-Rato. Olha a diferença! Aqui é Catingueira Grande e lá é Pau-de-Rato. Cada conhecimento da ciência ele serve para uma coisa, aí um indica para uma forma, outro indica para outra... É feito com inteligência e pedir o dom da ciência...

[Geraldo]: Pode acontecer de uma planta servir para curar doenças diferentes, de uma região para outra?

[Cacique Afonso]: Pode, depende do jeito que você colhe.

[Geraldo]: O jeito de colher?

[Cacique Afonso]: É, o jeito de colher e o jeito de pedir.

[Geraldo]: Dá um resultado.

[Cacique Afonso]: Por que o médico ele tem o conhecimento por que ele abre a pessoa. Estudou o ser humano dessa forma. E a ciência é pelo jeito que vem do cérebro do ser humano para a indicação do que vai ser, pra que vai valer aquela planta que você pediu ali.

[Beto]: Você está falando da intuição?

[Geraldo]: Quer dizer o seguinte, você tem uma planta, aquela planta serve para curar, digamos, tosse. Planta boa para tosse. Como é que é isso? Toda vez que der essa planta para uma pessoa que tenha tosse, essa planta cura? Ou depende da maneira do curador colher a planta ou da maneira da outra pessoa beber a planta?

[Cacique Afonso]: Não, claro que é chá combate qualquer coisa.

[Geraldo]: Qualquer chá combate qualquer coisa.

[Cacique Afonso]: Você toma um chá de erva-cidreira para a pressão, para abrir apetite... Você toma um chá de capim-santo para pressão, para abrir apetite... Você vai numa quixabeira, leva uma porrada de quixabeira, qualquer inflamação que tiver você vai na quixabeira, aí pega a casca da quixabeira e põe na água para tomar... Você está com problema de coluna você vai no quebra-facão, que chama (não entendi), rapa ela na água ou na cachaça para coluna, no rim... E aí tem planta que você não precisa ferver, você tem que fazer ela na água fria e não ferver ela. Por que se você ferver sai o aroma. Isso aí tudo é conhecimento.

[Geraldo]: O que eu não consigo compreender é como é que qualquer planta serve para qualquer coisa. Como é que...

[Cacique Afonso]: Por que nós temos problemas de... O nosso corpo não só recebe... Digo, nós não nos alimentamos só com alimentação, nós nos alimentamos com várias alimentações. Uma delas nos faz o mal, nos ofende o intestino, então não é toda planta que nos vai servir para o intestino. Quando o tal problema que é de intestino seu, não tem... Que você bebe um remédio daquelas plantas, um chá maneiro, daquelas plantas maneiras que você pode beber sem açúcar e tal. E tem planta que você tem que beber o fele para arranca aquela comida que lhe fez mal, que nos outros tempos chamava-se Congestão. Só sai com outra planta. A outra vai combatendo, você vai passando nas dores mas não arranca aquele bolo de carne que nem tem acontecido em vários seres humanos aqui, em outro tempo que não tinha médico e se curava com essas outras coisas. Então tem que saber qual é a planta que arranca para curar a sua doença.

[Geraldo]: Então é isso. Então não é toda planta serve para toda doença.

[Cacique Afonso]: Não.

[Geraldo]: Mas você falou isso.

[Cacique Afonso]: Cada planta tem o seu potencial do que aparece no, qualquer animal, ser humano e tudo. Tem aquela planta que vai combater aquela doença. Nós temos uma emburana que muito boa para dor de barriga. Eu tenho uma emburana que se chama santa, porque ela é santa? Eu descobri dentro da mata uma emburana que tem cinco dedos, eu já disse é a mão de Jesus. Na hora que a gente dá um remédio para uma comida que faz mal e que não cura, da mesma planta eu digo, vai lá, peça lá. Aí pede e só toma uma vez.

[Beto]: Você pede à planta?

[Cacique Afonso]: Tem que pedir. Tem que salvar.

[Beto]: Você faz isso, você pede permissão a ela?

[Cacique Afonso]: Com certeza. Tem que pedir ao dom da natureza. Quem manda na natureza tem um dom, cada árvore tem um dom. E esse dom ele tem que liberar. Você pede pelo amor de Deus, se benze e pede pelo amor de Deus para a serventia daquilo que você vai fazer. Bateu, arrancou. Então não é você chegar assim. Você vai fazer um banho, você não pode pegar três galhos de uma árvore só. Você pega da mesma árvore, você pega dessa aqui, daquela e daquela outra e você terá de três matas a proteção da árvore. E nós sobrevivemos é por causa da natureza. Entenderam? A ciência é essa.

[Geraldo]: Tô tentando.

[Cacique Afonso]: Vamos supor... Hoje não, vocês (não entendi). Quando nasce uma criança, ela já nasce com um dom. Todos nós temos um dom para todos os seguimentos da vida. Um pedreiro, outro é carpinteiro, outro é ajudante... Mas é um dom que nós temos. Então as crianças indígenas já nascem com um dom. E esse dom da natureza já foi acabado a metade. Já foi queimada, já foi desmatada... Aí fica muito distante. Para você salvar uma criança na hora que precisar. Aí as vezes não dá tempo. Aí vem o dom e carrega aquela criança antes do mundo ter conhecimento. Por que nós não temos mais as árvores competentes. A ciência é essa. E o desmatamento acaba com a natureza. E uma vez com essa esposa aqui, no tempo que eu tinha um cavalo bom, nove misturas para fazer um banho. E se não fizesse naquele horário se não ia acontecer. E eu fiz e não foi cumprido por que era a mãe para dar o banho, e aconteceu. Ela teve o menino e pegou, numa mesa comendo, cortou isso aqui, botou a língua para fora e ficou nove dias sem ver e sem comer, com a língua cortada. Por que não deu o banho na hora certa. Por que já estava avisado pela ciência. Eu corri nessa demarcação aqui nove cantos para salvar. E só salvei por que já tinha sabendo do que vinha e do que era para ser feito. E aí os nossos mais velhos que já foram falaram que era pra levar pro médico. Mas nunca tinha visto aquilo. E eu já sabendo o que ia acontecer. Eu disse, não, ela vai morrer nos meus braços. Aí veio mãe de terreiro, veio pajé, veio o cacique velho que era tio dela e que tinha uma caminhonete para levar. E eu disse, não vai levar ninguém. Aí fiquei com o rezador que já estava conhecendo o problema e ela teve o menino com quatro dias deitada na cama sem ver, sem comer e sem conhecer ninguém e sem beber. O que bebia era chá das naturezas, casca de pau molhando a língua dela. E a língua dela toda de fora molhando o chão. E voltou o que era nas tradições, ninguém acreditava mais nisso. Isso é a ciência. Se você arranca uma jurema para fazer um vinho, negativo se juntar com mulher, tem que ter três dias de repouso. Tem pegar e pedir a ciência para poder preparar o vinho. Não se pode preparar por exemplo, só pessoas da ciência.

[Geraldo]: Tem que pedir à natureza.

[Cacique Afonso]: Tem que pedir. Salvar a natureza e pedir pelo amor de Deus para aquilo que você for fazer. Essa é a realidade. Já apanhei muito. Entrar na natureza sem salvar, sem pedir? Já apanhei para caramba. Apanhar que nem gente grande.

[Geraldo]: Não dá certo.

[Cacique Afonso]: Não dá certo. Aí vem a febre, vem a dor de cabeça, vem tudo na vida. (não entendi). Nós recebemos é isso.

[Geraldo]: Tem que estar preparado para saber.

[Cacique Afonso]: Preparado.

[Geraldo]: E como é que faz essa preparação, como é que a pessoa se prepara?

[Cacique Afonso]: Quem tem conhecimento e não sente, não tem nada. Mas quem faz parte da natureza e nos serve o dom da natureza, não pode passar as ordens por cima.

[Geraldo]: Aprende mas não pode passar o dom do conhecimento.

[Cacique Afonso]: Não. Para você ter firmeza e levar adiante. O que abusa ele leva logo.

[Geraldo]: Se não pode passar adiante, como é que ele aprendeu?

[Cacique Afonso]: Apanhando que nem eu. Apanhando.

[Geraldo]: Mas tem que ter o dom.

[Cacique Afonso]: Respeitar o dom.

[Geraldo]: E apanhando. Aprendendo e errando. Errando e aprendendo...

[Cacique Afonso]: Por que quando você é novo, você acha que você é o bomzão. Hoje na minha idade, um benzedor só vai ter certeza depois de cinquenta anos, sessenta. Que é pro dom concentrar nele e falar a verdade. Enquanto isso ele fica rareando, não passa as mensagens no seu computador o certo, por que você tem vaidade, você bebeu... Aí fica radiando, mas não fala... Uma comparação, se eu vou tratar de alguém ou curar alguém não precisa nem dar remédio, se eu pegar na mão dele e falar as palavras na mão dele ele levanta. Mas para isso tem que estar preparado.

[Geraldo]: E isso depende também da idade. Tempo é também documento.

[Cacique Afonso]: Documento para a ciência.

[Geraldo]: Para a ciência. É um conhecimento que precisa do tempo para chegar.

[Cacique Afonso]: Por que, uma comparação para lhe confirmar, eu disse o que quando vocês chegaram? Você não lembra mais. Pense lembrar o que foi que eu disse.

[Geraldo]: Quando eu cheguei aqui? (...) Eu não me lembro.

[Cacique Afonso]: Então pronto. Eu disse eu não estou bom que não tenho roupa, só tenho uma.

[Geraldo]: Ah foi.

[Cacique Afonso]: Você se misturou você não pode vestir uma roupa daquelas. Tá entendendo? Para poder ter firmeza. Fazer ter validade. Respeitar a natureza. Você vai

pro mato, eu já pedi uma caça e levei duas, apanhei com essa porra. Até hoje aqui ó, onde o machado me bateu. Por que eu pedi uma caça e ele me deu e fui atrás de outro. Não disse que era uma, então porque outra? Tá entendendo? E eu novo fazia tudo isso. Eu ia fazer uma caça, fazia eu quero eu tomo. Apanhava. Não comia. Hoje não, eu reconheço e não faço mais isso. Se eu for pro mato eu não posso matar nada, eu teimo mas não posso matar nada. Eu não mato uma bizunga, faz parte da natureza. E tudo aquilo ali não pode. A sabedoria, isso é dos mais velhos, nossos antepassados. E já chegou para a gente.

[Geraldo]: Quer dizer, é preciso chegar à idade, à velhice, para adquirir a sabedoria.

[Cacique Afonso]: Firme. Tem que seguir a ciência do que se fala.

[Geraldo]: O novo não pode ter a sabedoria, ele tem que esperar a velhice.

[Cacique Afonso]: O novo ele vai recebendo a força, a orientação. Tem que ter o professor, que é a ciência, a mesa da ciência. A escola dos jovens. Eu tenho criança hoje que tem 25 anos, 40, 50, o que ele quiser na vida. Já no outro tempo ele não pegava essa ligação. E hoje a ciência abriu espaço para que o jovem já tenho se incorporando com a natureza. Tem conhecimento na natureza que eu choro, choro com a cabeça deles. Que eu nunca vi coisa mais linda do mundo. É coisa séria.

[Geraldo]: Por exemplo?

[Cacique Afonso]: Essa emoção, o que eu quero dizer? Na hora que Deus nos levar, alguém responde pelo que eu estou fazendo e vai levando afrente. Por que nós não vivemos toda a vida. Nós somos emprestados aqui na terra. E se não levar o conhecimento aos jovens, aí vai ficar com quem? Vai pegar a sessenta anos? Então ele já tem que ter conhecimento do que vai ser na frente. Por que o que faz parte das nossas tradições é isso.

[Geraldo]: Mas a preparação do jovem, o conhecimento do jovem, que o mais velho pode passar para ele, não depende só do conhecimento que passa para ele, ele tem que ter um dom. Ele tem que se fazer ou esse conhecimento pode formar o jovem a ser um sábio?

[Cacique Afonso]: O que eu te expliquei já, quando nasce um índio ele já tem um dom, uma árvore. Cada índio que nasce ele tem uma árvore que é o dom dele. É uma sombra que ele vai crescer naquela sombra. Aí quando ele chega na adolescência, ele tem que conhecer disso que é dele para ele tratar, zelar da natureza. Aí quando ele for zelar uma árvore ele não pode zelar uma árvore só. Você não pode zelar de si próprio, você tem que zelar a comunidade. Então é zelar a natureza completa. Ele hoje, vamos supor, ele não pode derrubar todas as árvores, por que aí vai sumindo a força dele. E quando ele zela da natureza ele está zelando de todos. E como é que se vence uma guerra, é um só? Um só não dá conta. Dá mata que é nossa sombra. Nós não podemos queimar muito a natureza e não podemos destruir a água sem ter regulação no que está fazendo. Nós temos que zelar tudo isso. Combater tudo, que hoje tem o bom e tem o ruim, e você tem que conhecer tudo. Vou te dizer o que já aconteceu comigo. Meu irmão veio aqui com uma faca de dez polegadas, daquelas que tira couro do boi, querendo que ia beber o sangue de minha mãe se não bebesse o nosso daqui. É doido não é? Fazendo se acidentar... Eu tinha extraído um dente, e ele queria beber sangue, se não bebesse aqui ia beber o de minha mãe. E eu não disse nada pra ele, só disse isso, você não tem força mais do que Deus. Deus não aceita o que você está pensando. Ele se ajoelhou e ficou aí chorando. E eu fui lá pegar a faca. Toma, vai-se embora. Então a gente tem que ter força para isso. E se você não estiver preparado, e tiver bebido, aí o cão toma conta dos dois. É isso que você tem que ter conhecimento na ciência, é estar preparado.

[Geraldo]: Eu tô vendo, estou entendendo alguma coisa. Mas isso quando você fala assim, estar preparado. Essa preparação é o caminho de quem vai estar preparado para chegar

a ciência, para chegar a saber. E esse é o caminho que vai do jovem até o velho, o adulto, que é onde chega o saber.

[Cacique Afonso]: Para você estar preparado, como é que diz. Se preparar para a ciência é se separar da mulher três dias, dormir de costas virada. Tomar os banhos da natureza e ter força, ter conhecimento do que é a natureza. O seu dom, que você nasceu com ele, está na sua sombra para poder lhe defender de tudo. Quando você está preparado, quando você está fora, dormindo, o dom lhe diz tudo o que vai acontecer. É essa a preparação.

[Geraldo]: O dom conversa com você, o dom aparece.

[Cacique Afonso]: Como nós estamos conversando aqui. Antes de você vir eu já sabia aí que ia chegar gente. Eu já estava caçando o nome da pessoa que você ia procurar.

[Geraldo]: O nome da pessoa que eu ia procurar.

[Cacique Afonso]: Você não procurou? Como que era o nome do cidadão? Do marido de Catarina, você não passou, não procurou?

[Geraldo]: Foi.

[Cacique Afonso]: Então, eu já estava caçando. Por que já sabia que ia chegar gente. Aí a menina disse, fulano ligou e tal. E eu já estava preparado, se prepara dessa forma.

[Geraldo]: Eu acho que de cinco em cinco anos a gente precisa grava um pouco essa conversa nessa varanda, ein? Tá bom. Chega.

[Beto]: E a memória?

[Cacique Afonso]: A memória é isso, memória é o cérebro. Tudo o que nós falamos aqui o cérebro tem que gravar. Se eu não lembro o nome de alguém aqui eu vou fuçar o cérebro e aí ele traz. A memória está no cérebro da gente. As vezes na hora você não guarda por que não está preparado, aí eu vou e puxo na cabeça e vem a memória. Não é conhecimento, é só memória.

[Geraldo]: E o que você queria perguntar?

[Beto]: Cacique, tem uma coisa me cutucando aqui, a gente falou em dom, você falou em dom e tal. Quando um garoto novo tem um dom com a planta você percebe o dom dele. Você percebe o dom dele? Você percebe que ele tem dom para aquilo?

[Cacique Afonso]: Já. Tenho criança aqui que canta muito conhecido aí, outra neta, tudo de um tempo só. Outra, uma maior. Aí tudo já tem o dom da ciência.

[Beto]: E essas pessoas em especial, você educa elas para seguir esse conhecimento?

[Cacique Afonso]: É conhecimento, quer dizer, esse daqui, se chama Vitor, o outro também... Quando você diz, vamos pro Amaro, ele já vai cantando os toantes de lá. Desse tamanho. Aí quando você é um professor, o que é que você espera dessa criança? Já está dentro da ciência, dentro da natureza. Aí eu tenho uns outros jovens que passam a receber o dom da ciência, de oito a quatorze, dezesseis anos. Já foram batizados oito ou nove e tem mais três ou quatro para serem batizados. O dom só se comporta numa criança dessas aí, a partir dos dezesseis anos por aí. Antes disso aí, como é que se diz... você tem um bando de ovelha e bota um cachorro para vigiar, já viu isso? Então esse dom ele está vigiando você, você é o corpo dele. O corpo para levar lá na frente e salvar alguém. Aí se esse jovem não fez conta da palavra do professor pra ele, ele vai se debandar, aí logo ele desaparece do mapa. Por que o dom é pro bem e pro mal, então se você não fizer, não zelar o dom,

você não está zelando o seu corpo. E aí mais rapidamente desaparece, acabou-se. Funciona dessa forma.

[Geraldo]: Entendi.

(conversa com criança)

[Cacique Afonso]: agora, nem todos hoje velam pelas tradições. Nem a comunidade toda. Pelo que? Pelas ambições, pela maldade de cada um, cada um tem sua cabeça... Mas aqueles que conservam dentro das tradições e vem acompanhando a ciência, eles caem doendo mas tem a defesa deles.

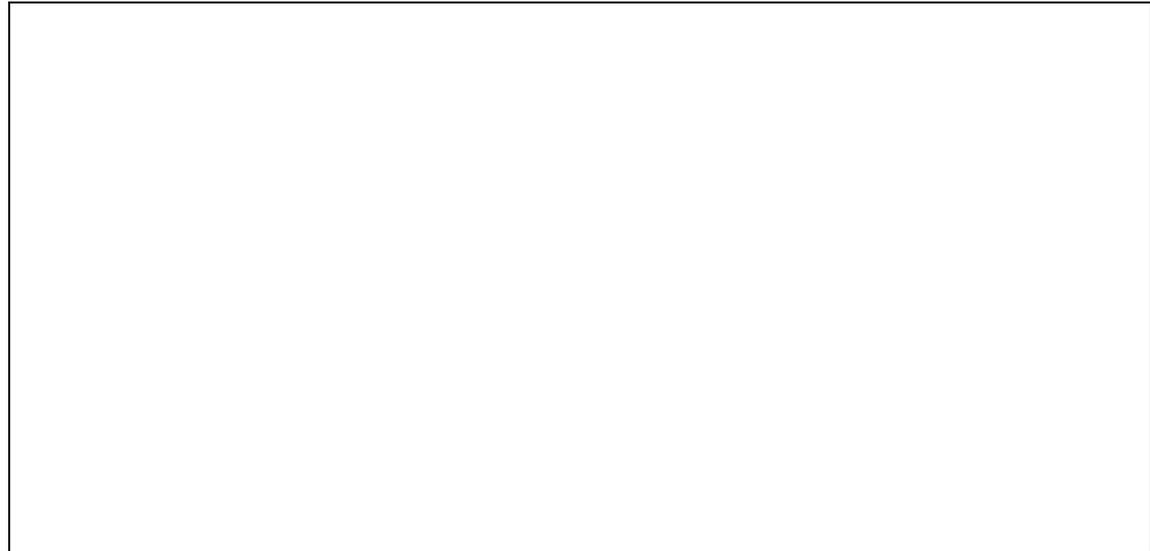
[Geraldo]: Que tem muito chamado de fora, tem muita atração que vem de fora.

[Beto]: Agora cacique, como você falou aí, isso é coisa séria. Se você não leva a sério a coisa não funciona.

[Cacique Afonso]: Uma comparação, você está assistindo uma ciência que nem no Amaro a gente tem uma festa, aí tem outra pessoa que estão gozando, aquele não tem voz boa e tal... Aí daqui a pouco ele recebe, recebe um a diferente e aquilo já vai dar trabalho pra gente que está ali concentrado, já acontece muito disso. Por que tem dom de todo o jeito, nós temos o mansinho, arranca-toco, o dom da mata, sete-flechas... Cada um é uma força. Aí se você chegar e estiver rebaixando daquela força, eles pensam que eles não estão percebendo, mas aquela força já dá um no ouvido e já caiu do ar. Aí vai dar mão-de-obra para a gente, vai dar trabalho para suspender aquela força. É assim que funciona na aldeia. É sério. Nada de brincadeira. Todo torto e aleijado é um dom que nós não vê. Tem conhecimento de dom tem só um só, só tem uma perna só. O outro só usa o chapéu assim na testa, é o dom dele, que nós não vemos. E nós temos que zelar pelo outro. Não se pode zelar uma árvore e deixar as outras sem agradar. É sério.

[Geraldo]: Vamos parar com essa gravação um pouco? Vou te dizer, você está com o olho inflamado....

Fim da gravação.



DATA: 15/09/2016

ENTREVISTA CACIQUE AFONSO

Projeto DIA 28 do Final Cut Pro

(Cacique Afonso): Isso aqui no youtube, Geraldo, você nem vê as pessoas todas. Chega pessoa de fora que você nem vê. Vai vê no dia que tá saindo.

Não. Porque é muita gente. Enche tudo aqui, esse pasto

(mulher): esses pé de pau é tudo cheio de rede. Gente deitado pelo chão de colchão.

(alguém pergunta): quanto tempo vocês tão preparando?

(Cacique Afonso): Tá dando 23 anos. Nós fizemos 22 anos ano passado, num foi? De festa, tradições. Mas a gente já vinha mantendo a ciência, antes de planejar a população pra manifestação da natureza. A gente já fazia a ciência há muito tempo atrás. Tá fazendo mais ou menos uns trinta anos que a gente vivia por aqui. Depois foi que aí nasceu essa festa da natureza, da mata. A população mesmo fechada é só sábado, mas segunda começa a chegar gente. Entrou youtube aqui ta cheio de gente faz uma coisa aqui, faz outra. Aí quando é sexta feira começa a chegar gente de fora já. Aí de manhã já era...

(Geraldo) é a ultima sexta feira também?

(Cacique) É o último sábado.

(mulher) A ultima sexta começa a chegar o pessoal. Aí termina no domingo de manhã.

(cacique) Domingo de manhã ainda vai café com a chã de dentro do boi. Sabe o que é chã de dentro?

(Geraldo) sei.

(cacique) O que é? Diga-me pra ver se sabe. O que é a chã de dentro do boi? (risos)

(Mulher) A chã de dentro é o fato. (risos)

(Geraldo) Vocês criaram ai, né? Uma carne gostosa, né

(mulher) É as tripas com os fatinho torrado.

(cacique) com cuscuz. (risos) Essa que é a chã de dentro. Que mais que eu faço?

(mulher) Olha o Vitor. Vitor? Vitinho? Ô Vitor?

(cacique) Tem que ta lá e aqui porque a gente tem que dar atenção pro pessoal lá. E quando a gente não ta lá quando vem pra assinar os documentos vem tudo por aqui. Aí fica muito distante. Aí a gente fica mais lá do que aqui. Agora só no mês de outubro que a gente fecha direto pra cá. Aí não tenho reunião, não tenho nada no mês de outubro. É só preparar o terreiro e esperar a população arrumar pra festa, é festa mesmo, só não tem bebida mas a comida e o café é de dia e de noite.

(Geraldo) Vocês bebem o que? Café só? Tem um chá de jurema?

(Cacique) Sim, a jurema é o vinho do índio. Pega da jurema mas é feito vinho.

(Geraldo) Mas tem efeito igual a uma bebida qualquer?

(cacique) é feito a mesma coisa que você prepara um suco. Tem que saber, todo mundo sabe preparar a jurema. Jurema é ciência e ai tem que saber pegar na arvore e saber preparar. Não se pode pegar ela num dia de sexta-feira. Tem que ser num dia de sábado pra preparar ela.

(criança) O que ele ta fazendo?

(mulher) Ele ta jogando pedra.

(Geraldo) mas pega ela em qualquer época do ano?

(cacique) Ela quando tem uma época do ano que ela ta a florada e ela é muito forte, sabe? Aí tem que arrancar ela e deixar murchar. Não pode arrancar ela e preparar porque a florada é muito forte. Tem tudo isso. Inclusive no mês de outubro ela ta florida. Aí tem que arrancar ela pra outro dia ela já estar murcha pra poder usar. Aí no corrido do tempo que a gente já fica aqui já vai procurar ela pra deixar ela murchar pro tempo.

(Geraldo) Todo mundo pode tomar ela?

(cacique) Só não criança.

(Geraldo) menino de dez anos pode?

(cacique) Dezesesseis anos arriba.

(cacique) Ai todo ano é dois bois que mata aqui.

(Geraldo) Só pro povo comer? Vem gente de outras avenidas?

(cacique) Vem aí a população por causa desse tempo ruim não tem transporte pra chegar até aí, né? Aí fica difícil. Mas nós quando começamos aqui aí vinha gente dos quiriri, miradela, (...) do pombal, vinha gente da quixaba, das pedra, dos tuxá e aí muitos que vem faz promessa e tem que vim. Arruma qualquer meio pra vim pra pagar as promessas.

(Geraldo) Se tomar muito vinho o que acontece?

(cacique) Não, tem que tomar por regra, não pode tomar muito não. Vc pode tomar mais depois mas é só uma média pra todos. As vezes quando a pessoa não tem conhecimento a gente dá mais pouco ainda, quando a pessoa já é acostumada a tomar jurema, aí toma aquela dose completa, a medidinha pra tomar. Aí depois vc dá umas voltas, dá umas fumadas e dá umas rodadas de toré e tal e ai pode tomar mais. Mas assim seguida, só uma vez só. E não pode cuspir.

(Geraldo) Como é que fica a ciência depois de tomar...?

(cacique) Aí depende de cada um, se você tiver preparado aí vc se sente normal mas quem não tem costume se sente até tonto. Quem não tem conhecimento da jurema fica tonto.

O que tu quer saber mais? Tem que vir daí, daqui sem ter história não sai. Tem que ter um começo. (risos)

Aqui chegou um repórter lá de Recife aí veio fazer uma pergunta pra mim o que que eu comi quando eu nasci e eu falei que mamei. Eu ia comer o que no dia que nasci? Tinha que ser mamar. O cara ficou sem graça. Vem gente de Recife praqui também, de Juazeiro da Bahia tem uma equipe médica também que vem com a família.

(ETV) São índios?

(cacique) Não, é tomar conhecimento e não perde mais, todo ano vem. Só não vieram ano passado porque a mulher tinha ganhado neném. Aí a esposa do medico se encontrou com aqui ai deixou o prato, as tobas deles armar aí, deixaram tudo em casa pra quando eles vim já ter seus objetos.

E as pessoas que vêm faz seus pedidos ai alcança os pedidos ai do jeito que eles pede que alcança o que eles pedem, é difícil ai eles pagam. Tem que pagar com fogos, dá até boi também, 2, ou 3 bois já que a ciência ganhou.

Isso aqui a gente criou pra segurar o ponto lá que na época lá era muita perturbação. Se abriram a ciência e ai quando vc pensava que não tinha umas pessoas drogadas, armadas, e ai a gente começou a fazer o ponto aqui pra segurar lá. Abrir a ciência aqui pra segurar o ponto de lá. E aí foi daí que foi crescendo, crescendo e aí foi daí que começou a tradição da festa.

(ETV) E se abrir demais não vai acontecer a mesma coisa aqui não?

(cacique) não, porque aqui não entra cachaça, não. O cara que chegar com bebida aqui ele volta. Pode trazer no bucho, agora em garrafa não. No bucho não tem mais jeito, né? Ma mesmo assim quem vem com má intenção não tem força nenhuma. E já teve um caso que tinha uma má intenção lá em casa mesmo na hora de vir arrumou confusão. E dizia que vinha praqui pra aprontar. Ai chegou ficou o tempo da tradição ficou encostado numa árvore ali e só saia até a mãe e a familia tinha que levar comida pra ele lá. Ficou amarrado por natureza, não teve força de fazer nada. Outros vieram logo no começo aí antes de chegar aqui já desceu ali, voltou pra trás levou dois dias pra chegar na aldeia dele que era o das pedras. Aí a gente sempre tem essa segurança. Por isso que tem que preparar o terreiro antes da festa. Pra dar segurança a quem chega. É esse o trabalho da gente. E ai a

gente tem que ta firme porque uns tem boas intenções e outros não. E na política que vc vive hoje é mais mal do que bom. Vc tem que ta pra combater tudo. O bom já é bom, o mau vc tem que ter força pra segurar ele e não ter força pra agir. O sentido aqui é esse.

Tudo que a gente tem aqui é só da família que construiu. Não tem nada de governo aqui, nada.

Essa caixa aí fui eu que fiz. É do modo daquelas que foi doada pelo governo. Mas essa daqui foi tudo do meu cutso.

Aí a comunidade teve sempre alguém que ajudou. Traçar massa, cavar um buraco. Mas o custo foi tudo meu.

(entrevistador): tudo que construiu aqui teve um mutirão?

(cacique Afonso): teve um mutirão da família. Alguns índios que ajudou ali. Mas, assim, nada de obra de governo. O que nos esperamos aqui, de obra de governo, é trazer a luz praqui

Tem promessa. Mas ainda não foi cumprida, né?

Agora o município veio aqui e já prometeu que vai fazer força pra puxar energia praqui. Tamo esperando...

E daí é daqui pro Chico, lá pra aldeia do Chico. E outra pra outro grupo, também Pankararé.

(entrevistador): tem quantas famílias lá?

(cacique Afonso): tem 18 famílias. Mas tem mais criança do que adulto.

(entrevistador): qual é a distância daqui pra lá?

(cacique Afonso): dá 28km. Só de raso. Só areia mesmo.

Ela fica na cabeceira do baxio. A gente entra e dá a volta por aí e vai por dentro da baixa. E vai lá pelo Juá. Lá a estrada é melhor.

Aí quem tá em casa pra ir pro Juá são 13km. Aí pega mais 36 do Juá pro Chico. E dá 40 e poucos kilometros.

Aí a gente dá volta por dentro aqui, dá 36, 40km. Só de raso mesmo. Só nas matas mesmo. Daqui pra frente, saindo da roça aqui, num tem mais área cercada nenhuma. Só é uma chapada. Só vai ver gente lá no Chico.

Lá tem escola hoje. Quem levou foi tudo eu, levei escola. Ajudei a criar o documento das pessoas.

As pessoas lá tinham 4, 5 filhos e nem o pai tinha o registro.

Tive esse trabalho todo de levar a escola pra eles, tirar documentos deles. Que eles não sabiam que não tiravam nem benefício, quem não tinha documento.

É um trabalho pesado, né? Pra levar isso ao conhecimento dessas pessoas.

Eles também vêm praqui. De lá do Chico. Também tem gente deles aqui também.

Eles, hoje, já tem moto, aqui. Já receberam algum benefício de família, né? Já tem um carrinho velho. Já são mais equilibrados, assim. Agora, alimentação pra eles, lá, é pesado.

Sempre vive, a maioria, da natureza. Quando estão precisando de dar um (não entendi) aí vai no mato, pega uma caça e outra pra sobreviver .

Ainda passamos essa decepção ainda, desse pessoal. Eles não trabalha de roça que nem a gente, não. A chuva só é primeiras águas.

(entrevistador): eles não plantam nada? Só abóbora, né?

(cacique Afonso): É. Tem uns cercadinhos aí, mas também num tem futuro. Porque dá aquela chuva e o sol cai em cima, né?

Eles deixaram de produzir na época que fizeram aquela novela Mandacaru.

O pessoal chegou lá, eles tavam com a roça toda cercada cheia de lavoura, aí indenizaram por nada, abriram as cercas pros cavalos comer e aí, daí pra cá eles não produziram mais

Agora entrou a Globo lá novamente, pela segunda vez e comprou cada um. Deram 500, 600 conto. Pra eles era vantagem, mas aí... Só na hora. Aí vão embora acabou-se, eles ficam na mesma miséria.

É uma área muito rica, o Chico. Muito bonita. Muito lindo, lá.

O que tem da Rasa da Catarina, é dentro da área da gente. A parte que faz da (?) que é preservada, num tem nada de beleza, só é a mata. Nem tem serra, num tem nada.

(entrevistador): os canyons grandes são tudo aqui dentro.

(cacique Afonso): É, tudo dentro da área da gente. O que tem de beleza é só dentro da área da gente.

Aí a turma diz “vou lá pra Rasa da Catarina”, vem pra dentro da área. Num falta turista lá, não. Toda semana tem turista lá. E aí depois que deu esse impasse aí com a Globo, o que a gente tem que fazer é tentar botar aviso e tal nas entradas pra poder o pessoal ter conhecimento.

Foi aberto e a gente nunca mais teve condição de reabrir. Aí você passa e não sabe nem onde é que você tá pisando, né? Num sabe se tá dentro duma área ou se tá fora da área. Aí fica difícil, ainda.

A dificuldade da gente tirar essa vegetação pra reabrir é muito grande. É um bocado de chão. E a Funai, praticamente, não tem feito nada. Pra conseguir esse projeto aqui, eu passei 7 anos, caminhando segunda e sexta pra Paulo Afonso. Os técnicos daí faziam, aí não era aprovado e vinha um técnico de Brasília, que era conhecido meu, aí ele veio praqui com a gente, acompanhamos o limite que eu ia cercar. Nesse tempo só tinha um galpãozinho aqui. Aí ele disse que ia ajudar, no projeto, a fazer o galpão, crescer o galpão pra receber gente.

Aí o projeto dele foi ótimo, deu pra comprar o arame, deu pra cercar, mas a Funai num assumiu com o restante. Aí eu tive que inteirar com grampo, a mão de obra foi toda nossa, a metade da alimentação foi nossa, tudo de graça. A Funai só comprou o arame e ficou com a metade do dinheiro e nunca devolveu.

E aí a gente, como ia crescendo pra receber o pessoal aqui, aí a gente chegou até onde tamo aqui, ainda.

Porque aqui tem tempo que a gente vem pras tradições aqui e tá chovendo. E aí num é só a festa que tem. Tem a festa, tem cada limpa do terreiro e tem as promessas pra pagar, do pessoal. E aí, tudo é uma multidão de gente que vem.

Quando tem uma promessa é um bode, é um carneiro, pra fazer um pirão pra natureza, né? Crescer a natureza do que foi alcançado. E aí é gente direto.

(entrevistador): essa promessa é feita como?

(cacique Afonso): essa promessa, o visitante faz o pedido, né, pra alguma recuperação de alguma coisa e, alcançada, ai paga o que...

(entrevistador): mas ele faz o pedido pra quem?

(cacique Afonso): pede pra a natureza. Que você não viu ainda... vai ver amanhã.

Pede aos donos da natureza, né? Que a força daqui é os Preiá.

E tem muita gente curada que médico num deu jeito. Com essa força daqui. E aí, quando pessoa ta doente, que se recupera e tem a saúde, aí vem agradecer ao que recebeu. Isso significa que a promessa ele faz.

Pra tudo, pra tudo na vida. As vezes a gente ta falando e num sabe quem tá atrás da gente. E aí é o que significa a ciência, é esse. Proteção a quem precisa.

(cacique Afonso): Uma comparação: vocês tão aqui esse ano, né? Aí vocês dizem "eu quero vir o ano que vem, se Deus me ajudar, natureza ajudar pra eu tá aqui novamente". Aí Deus ajuda, aí você vem e pronto, tá pagando o benefício que você falou, alcançou.

Esse ano tem o um boi prometido, duma pessoa que chegou aqui que eu nem conheci. Muita gente, né? Ela fez um pedido pra filha passar no curso pra trabalhar na polícia federal. E tinha tentado pra todo curso que ela fez na vida e nunca passou. E aí quando ela veio aqui e fez o pedido, a filha passou no primeiro lugar. Ela prometeu um boi. E disse que é pra esse ano, aí eu nunca mais vi ela, nem conheço. É aí que é alcançado o que pede, aí pronto. É assim que se identifica uma promessa, né?

Aqui tem a abertura do terreiro, tem um terço meio dia, da penitência, aí tem 4 horas da tarde, a procissão e aí fechando a noite tem os Praiá que é depois do Toré até umas horas da manhã.

(entrevistador): essa parte da promessa. Qual é a dança que tem mais a ver? Mais ligada, é o Praiá ou o Toré? Praiá, né?

(cacique Afonso): É o Praiá. Que quem faz promessa, é sempre com a natureza. Que é o Praiá. Pra dançar duas rodas, 3 rodas, aí se a pessoa dançar as 3 rodas dos Praiá já pagou a promessa, mas dança mais, né? Porque quem veste uma roupa aí num quer tirar com duas rodas de Praiá ou 3. Aí quer brincar mais. Aí a gente tem que fazer a satisfação daquele coro que tão dançando.

(entrevistador): o Praiá só quem pode dançar é o homem, ou homem e mulher?

(cacique Afonso): só homem.

(entrevistador): agora, o Toré não, o Toré...

(cacique Afonso): Não, o Toré é público. Toré é pra todo mundo. Esse pessoal que vem, tudo dança.

(entrevistador): menino também?

(cacique Afonso): os meninos é os primeiro que abre o terreiro. Aí é público. Qualquer uma pessoa.

Esse pessoal que vem aí, ó, vamo pra roda do Toré mais a gente, cantar e dançar. Esses... pessoas de fora. (não entendi) firmação, só vem mesmo pra dançar, mesmo.

(entrevistador): Mas, Afonso, qual é, digamos, qual é a crença? De onde é que vem a força espiritual do Pankararé? Acredita em espírito?

(cacique Afonso): vem das mata... Nós temos de mata e temos de água. Tem corpo que recebe da mata e tem corpo que recebe das águas. Depende da precisão.

(entrevistador): mas é... é a da figura de quê? Tem figura? Aparece figura? Tipo... caboclo, espírito, assim?

(cacique Afonso): a comparação que vem, é... num dá demonstração. Agora, a mesa, a parte das águas, ela dá demonstração que num é da mata. Mas quem recebe da natureza da mata dá nem demonstração. Só sabe quem tem conhecimento, o que tá recebendo. É força que você não sabe de onde vem.

Aqui nós temos velho aleijado e faz essa procissão aí, que é o pajé, que hoje todo mundo se admira a pessoa se levantar de bastão e subir esse alto, subir esse baixo e chegar pro outro lado. É uma força que ele tem e a nossa força é católica, não é de crente nenhuma. Nós temos uma igreja, temos um santo, os (...) é tudo batizado, os adultos, as crianças não. As criança é normal, aí só passa a batizar depois de 16 anos que pode entrar dentro do ponto que tem ali. Antes de 16 eles recebem uma garapa, não pode beber jurema que eles tão brincando e aí não podem entrar dentro de uma repartição que tem ali na frente. Ali tem a parte da mulher e a parte dos homens pra ter a segurança da ciência, e lá no terreiro é todo mundo.

(ETV) E nessa camarinha, entra um de cada vez, fica um tempo?

(Cacique) Não. A repartição dos homens pode encher de gente, de adulto, não criança. Não pode entrar criança nem mulher, mulher pode ela ser o que for, a minha esposa aqui é a dona desse terreiro, ela é mãe do terreiro, ela que chama os encantos dos praiá. Ela quem tem todos os toantes dos praiá, ela quem chama, ela é a mãe do terreiro, Dona Deza aí. Não tem nenhum aqui da região que tenha os cantos que ela tem. Pode o cara qualquer um cantar mas pros praiá pisar firme, só ela. Então isso pra quem não conhece é importante ver uma tradição dessas.

(ETV) São quantos praiá?

(cacique) Nós temos aqui vinte e tantos. Vinte e tantos folguedes.

(ETV) O que é o praiá? É o espírito?

(Cacique) O nome de praiá é português, mas o praiá é um encanto, é um folguede. Agora pra nós a gente sabe que é um folguede, pra quem não conhece é um praiá, mas pra quem

se incorpora nele é um folguede porque o folguedo na hora que chama ele desce, é que nem uma força motor, faz uma partida o bicho voa, é um avião, bem assim é um praiá. Na hora que você puxa um toante dele mesmo, ele avoa do chão. Pisa que você nem. E pior que uma roupa daquela ali, bicho, depois que você soa, ela pesa não sei nem quantidade... É 120 duzias de croá um folguede é um peso macho, e o cara... o toante dele mesmo ele sai ali peneirando que você nem sabe quem tem dentro. E também você não sabe nem quem é nem quem não. Só sabe a gente. Então, é uma coisa da mata viva, nós não temos encanto morto, nosso trabalho é com a natureza viva. Veres conversar na mata, veres falar na mata, veres assobiar na mata, veres tudo, só não pode ver eles senão eles levam da gente. Se a gente ver eles, pronto, só é até aquela visão que você viu o dom da gente aí é no dia que ele já vai levar você. Tem uma história do mais velho que tinha um caçador que pegava o que ele dava. Na hora que ele tava deitado o dom chegava e dizia: vai pegar um veado ali pra dar de comer a seus filhos, tem uma caça ali pra você. O cara já ia lá e pegava, não é que nem a gente que ia caçar rastejado, não. Ele já sabia onde tava. E aí chegou o tempo dele que ele chegou lá no estraiado do Chico e aí quando chegou numa loca lá tava um... pra ele era um tamanduá, mas deixa que era o dom dele. Ele conheceu, né, mas ele veio numa visão de um tamanduá. Tamanduá é o que gosta de loca. E aí quando ele chegou em casa, porque ele não tinha casa antigamente, ele morava debaixo dos paus, nas locas, nos mais velho. Aí ele chegou e botou um peba, ele tinha pegando um peba e botou no chão. Aí foi tirando o aió, a roupa e disse: Aqui será o derradeiro peba que vocês vão comer aqui da minha mão. E a família: mas por que você diz isso? E ele não falou nada, aí há pouco ele morreu. Chegou o tempo dele, ele viu o dom dele e levaram. Então a natureza é dessa forma. As vezes a gente ta pegando uma caça que não é pra gente aí eles passa: passa sombra, muitos dos nossos que já foram, vem. E na hora que vem, pronto, leva eles. Os nossos antepassados que já foram, foram desse jeito assim. E quando você é novo que pega esse conhecimento, se você não zelar, dura pouco, poucos anos de vida. Muda mesmo. A força nossa é essa, da mata.

(ETV) Onde que veio o mundo, como surgiu tudo, as coisas, a água, a terra, o fogo. Como isso tudo aconteceu?

(cacique) Isso aconteceu pelos antepassados quando Jesus andava no mundo que teve que deixar esse mundo pra essa sobrevivência, aí deu a ciência. O caboclo andava no mato não tinha fogo, aí chegou bateu uma pedra na outra, acendeu o fogo e preparou alimento pra se alimentar. Aí os nossos antepassados, como se diz a história da fonte grande, ali não tinha água, aí os mais velhos chegaram e cavaram a água que nem nós temos aqui nessa imagem do nosso território aqui, o Raso da Catarina, o mais velho vivia da água e que nós não alcancemos. Onde tinha um terreiro dele, tinha uma nascente. Ele buscava, botava o ouvido no chão e sabia que lá tinha água. Isso é tudo história dos meus antepassados e aí tem o conhecimento até hoje, onde eles acampavam, tinha nascente. Toda a nascente que existe tem coisa de ciência do rila(?). Nenhum branco descobriu uma água a não ser hoje cavando com um aparelho, com motor pra buscar água. E os nossos antepassados, não, onde eles faziam a sobrevivência ali, ele ia num pé de árvore lá, num riacho lá e cavava e aí a água ficava lá pra eles. Aqui tem um lugar perto da baixa da água, num lugar chamado Base Nova, o mais velho tava com sede, aí deixou a família e pegou o carotezinho de coipeba, de cabaça, o barro e aí saiu e quando chegou lá na frente, viu umas rolinha bebendo, umas árvores ali e foi lá de tardezinha, aí chegou encheu os carote e voltou pra trás. E aí de lá, é o encanto que amostra. Ele pegou sozinho e ele não desencantou aquela ciência ali, aí só vai pra ele. Aí quando foi de tarde, no outro dia que chegaram ele mandou os meninos: pega meus rocha e vai lá apanhar água e lá no canto tinha assim, quando chegou lá, a família nunca encontrou. Por que ele não desencantou. Por causa da ciência da fonte grande, então quando eles saíram, aí só tinha o conhecimento o bugre, que foi o menino que viu, vivia dali, daquela nascente, mas quando o velho saiu, o pai de bugre, aí ele cobriu, botou um texto em riba da nascente e plantou uma moita e babosa, e a água

parou ali. Só tinha conhecimento o bugre porque viu onde era a nascente, ela tava descoberta, depois que ele quis, o mais velho, aquela água só brotou até quando ele quis. Aí parou. O menino veio, desencantou e hoje ta lá pra todo mundo chegar e... é a história, da fonte grande. Então os mais velhos eram dessa forma, sobreviviam dentro da natureza. Tinha o dom pra mostrar, que não é pra todos. Eu ando nesse mato aí, já passei três dias de sede, comendo frade com mel, mas porque não queria, porque nas árvores tem água. Nós temos uma mata, que chama emburanas, ela tem água no oco, ela tem no mandongo, e aí os encanto é dessa forma. Então o índio, mesmo, que tem sua proteção da natureza, não morre de sede, nem de fome no mato porque tem essa sobrevivência.

(ETV) Como o praiá chega? É o canto ou dança, como é?

(cacique) Cada folguede tem 25 toantes. Toantes da natureza.

(ETV) A pessoa tem que ter o conhecimento pra saber cantar esses toantes...

(cacique) Não é saber, não é pra todos...

(ETV) Eu sei, mas eu digo assim, quem é o escolhido? Por exemplo, sua esposa você disse que ela é a dona do terreiro, ela canta, o que ela de certa forma tem o dom...

(cacique) Ela tem o dom de Deus, de criança, ela saía do brejo do bugre perto dos padres, ela era criança, ia na escola nas costas de um mais velho e chegou lá, ela já cantava o toré. Ela cantava pros praia criança. Aí quando a pessoa tem o dom, vem tudo, vem o dom de tudo, se eu quiser puxar toante de amazonas eu puxo. Que eu não sei nem onde é o amazonas, mas eu puxo na linha. A força da gente que a gente recebe a força da natureza, é conhecedor do mundo, é dado por Deus o conhecimento do que é a natureza, é a escola que a gente passa hoje pra essas crianças. Aquele menino que eu disse que é meu... um é neto e outro é filho, e outros netos que eles começaram a brincar aqui de 8 anos e hoje eles já tão batizados aqui, 16 anos, batizamos ano passado. Cada criança daquela, tem mais de 25 toantes, tudo assim da natureza, sem ninguém ensinar, então ele não pode se... se receber aquela força nele, quando é criança, mas ele tem na mente, já tá na sombra dele, é quem protege, quem defende, de tudo na vida, então aquele aparelho já ta acompanhando o crescimento daquela criança para o bem, e aí eles já... é toantes, vocês precisam ver o que é uma ciência.

(ETV) Esse toante só pode ser puxado assim numa cerimônia, ou pode ser cantado em qualquer momento?

(cacique) Não, eles cantam nas escolas, e eles mesmo entre eles, eles brincam, cantam, mas só que tem a gente por perto pra estar segurando a força, porque eles não podem se manifestar porque eles não tem corpo pra receber ainda. Tá entendendo como funciona? Aí tem que ter um superior com conhecimento daquilo que ele ta puxando, porque ali a gente segura. É muito forte a natureza, completou 16 anos ele já pode se incorporar naquele corpo. Esse é a escola da gente que tamo passando pra esses adolescentes que tão vindo aí.

Tão chamando pra ir tomar o café.

Esse daqui já canta (aponta pra criança). O outro e outra neta que eu tenho já é de nascença. Não dá tempo pra vocês terem conhecimento e pra vocês ta sabendo o que eu to falando, vocês tem que fazer parte de uma ciência dessa assim, de uma tradição. Vocês nunca vão saber do que eu to dizendo. O que vocês entendem é na hora que chamam pra tomar café, mas do que eu to falando vocês nem sabem do que eu to falando.

(ETV) A gente não, a gente tem idéia porque essas manifestações ou elas são verdadeiras, elas não só acontecem aqui, acontecem em outros lugares. Acho que no fundo é a força que...

(cacique) É, o que acontece, cada conto ele tem a parte das esquerda e tem a parte da direita. A direita é o lado do índio, mas a parte das esquerda é a parte da mesa branca, mesa de candomblé, que trata de espiritual, aí quem trabalha com essa parte de morto; agora só que na ciência da gente tem que conhecer as duas linhas. Porque quando a parte da mesa branca chega num terreiro desse, a gente tem que ter gente daqui pra afastar, limpar aquele corpo, aí a gente tem que estar do lado ali, ter força de todo lado. Tem problemas que se faz hoje na mesa branca, joga no rio, pra ofender uma pessoa. Então, se você não tiver conhecimento daquele aparelho, que ta sofrendo, o que foi que aconteceu, aí você tem que chamar a mãe d'agua, a rainha do mar, pra poder buscar o aparelho que foi jogado pra defender, salvar a pessoa. É muito sério. Vamo tomar café, pode desligar aí e ligar de novo, nós tamo aqui liberado. Nós temos a noite toda.

Cheguei aqui com o pessoal do IBAMA que dá cobertura das araras ai, chovendo e ai nos armamos a ribeira ai no galpão só, a água entrando. Passei a noite todinha conversando mais um velho lá até o sol sair. Eles vem aqui uma vez por mês, acompanhando.

DATA: 16/09/2016

ENTREVISTA CACIQUE AFONSO

Cacique caminha e mostra detalhes do lugar

(cacique) Esse é o pau branco, quem vê diz que é tinta, mas não, é a natureza mesmo. Serve pra amarrar doido. Já ficou cara, as tradições todinhas sem sair daqui.

(ETV) Você falou dessa história.

(cacique) Eu quando eu mato a cobra eu mostro o cacete, ó matei com isso. A realidade daqui é essa, é sabedoria. Quem vê isso diz que é arame, né? Aqui é ixerco, se nasce nas árvores e se cria com a água na pureza da natureza.

(cacique) Sabe como é que faz aquelas letras do cruzeiro? Como diz ali? A minha vista encandeia. (letras da cruz da igreja)

(cacique) As portas foram prometidas pra botar, e ai não tivemos mais tempo de dar o acabamento na Igreja que precisava pra estar. Isso aqui é parte da gente, que a gente tem aqui (mostra cartaz que tem dentro da igreja). Tudo isso aqui é movimento da tradição. Olha que entrada linda aqui.

(cacique)(mostra o altar) Isso aqui é benefício que é alcançado e a turma deixa aqui uma imagem aqui do pedido que se faz. Dá pra entender como é, como é a fé? Aí vão enchendo o... cada imagem dessa é trazida pelo visitante. Chega aqui e traz de oferta pro altar. N.S. da Saúde, Santo Antonio de Categeró, Santo Antonio das matas, são Cosme e Damião com as balas aqui e esse é o dono da natureza: Caboclo boiador, já ta amostrando o símbolo dele,

ele que dá o grito mais alto. Aqui é São Roque, Coração de Jesus, N.S. aparecida, e mais e mais... Isso aqui foi um troféu quando eles ganharam lá em Coroa Vermelha, e o resto é por aí. Olha que coisa linda os praiá dançando. (sai da Igreja, no lado de fora) Os santos ficavam aqui, e como era em aberto, não segurava vela, aí a gente fez o pedido que se ganhasse o que tava pedindo aí ajudar pra fazer a Igreja. A gente construiu a partir do pedido. Aqui faz parte da natureza. Isso aqui é meu cocau. Olha como ele já tá velho, tive que botar aqui pra poder construir um outro novo, ainda tenho que fazer isso. Esse aqui é o croá. Tem que tirar tudo isso aqui (falando da construção) fazer isso aqui mais direito, tirar esses cupins, bater eles no chão, botar óleo...

E aqui é o ponto da abertura da mesa da ciência. (ouve os pássaros) Olha as araras.

(Angel) O senhor falou que aqui é o lugar onde começa toda a celebração.

(cacique) Não, aqui é a ciência. A mesa da ciência, é aberta aqui. Essa parte aí de comemoração é em frente ao cruzeiro. No dia dos festejos não tem a ciência já tá aberta pro segmento que vai vir. Antes da festa tem que vim aqui primeiro, saber como vai pedir proteção pra festa. A natureza já tá sabendo o que tem pra fazer, que nem você escalar um batalhão pra fazer um serviço. Começa por aqui aí depois é que vem a festa. Faltando oito dias pra festa primeiro a gente tem que abrir a ciência aqui pra pedir cobertura da festa, condições pra não acontecer as coisas, o que vir ser tudo de bom, e o jatobá aqui só entra adulto, mulher não passa praqui não, nem criança. As crianças que já nascem aqui já sabem, já não entram aqui, já sabem qual é o segmento. A segurança da aldeia é isso aqui. Tudo nasce daqui, do jatobá. Em outubro ele tá mais lindo ainda, ele tá com folha nova. Em outubro ele tá recuperado de novo. Sempre é verde.

(Angel) E o teto com estrelas? É o céu?

(cacique) (dentro de uma construção) Aqui nós criamos, isso é pra ficar na história, não pode nunca acabar. Ele era ali na frente, nós mudamos praqui que o jatobá cresceu e tava derrubando ele aí a gente levantou ele aqui ano passado. Aqui é o ponto da abertura do terreiro, nasce daqui aí sai as apresentações. Isso aqui no dia da festa é tudo cheio de gente. E isso aqui são os objetos que a gente faz a garapa, a jurema, fuma, pra fumar, isso aqui é pra balançar assim (balança o maracá), pra acompanhar o toante é com uma marca dessa aqui chamado maracá, cada um folguede tem um desse. Isso aqui é a gaita pra acompanhar os..., não tá dando som porque tá entupido. (limpa e consegue o som) Aqui é pra chamar os praia (flauta). Tem muita coisa, você vai suar. Quer saber o que? Os praia agora? Ei, o importante não é o que tá aí dentro, é o que tá aqui. Essas palavras aqui (cruzeiro), aquelas palavras da entrada, o que significa pra gente? Quando se diz: quem que morreu na cruz? Né, Jesus foi pregado na cruz, sofreu por nós, então quem chegar aqui e as crianças que já sabe ler tá dizendo: Eu sou Jesus, pra ter o conhecimento que Jesus foi crucificado numa cruz, aí cada um com essas palavras já está dentro de uma comemoração, aqui é uma coisa de Deus. "EU SOU JESUS", cada um já tá falando o nome de Jesus, né? E isso é importante. Quanta gente não vem aqui e lê isso aqui e diz EU SOU JESUS, quer dizer, não é eu, né? Já é uma mensagem passando a população o significado disso aqui, de que cada um tem que tentar ser Jesus, porque com a palavra de Jesus, nada ruim encostará no ser humano. Aí o que significa aqui? (apontando pra outra cruz) Eu não enxergo mais porque a luz tá batendo na minha vista e você sabe que eu tô com um problema na minha vista. Então, o que significa ali: Igreja Santa Fé. Aí todos que chegam aqui que não tá pronto ainda, que a gente vai fazer o que tá ali, porque de noite brilha, cada palavra daquela vai botar uma parte de branco, uma parte de azul, porque de noite ela brilha. Se você chega a noite você enxerga, aí tá dizendo Igreja Santa Fé, por que Igreja da Santa Fé? Porque a pessoa teve a fé, pediu a força pra que a natureza fosse beneficiada com um pedido do que fez, ela ajudaria a fazer essa Igreja aqui de como tá feita. É uma capela, né, mas a gente considera uma igreja num lugar desse. Aí qual era o nome que a ciência deu? Igreja Santa Fé. Porque aconteceu um

milagre, né, tudo aqui da ciência tem um significado da história porque essa palavra? Essa é a causa que nós temo que explicar, né. Essas pessoas aqui ó, essa aqui é o Marcelino que é o pajé hoje da gente, isso aqui é uma rezadeira daqui, são as pessoas mais velhas daqui, aqui é os praia, ó como é bonito os praia, eles esperam o toante pra poder começar a dançarem, aí isso aqui...

(alguém) Explica aquele outro cartaz ali.

(cacique) Esse aqui, faz parte do trabalho daquela menina, Clara, né? Ela sempre filma todo o segmento da gente, ela acompanha e aí a coordenadora dela é a Zeni, aí fizeram esse cartaz de comemoração de 20 anos de tradições que aqui a gente fez 20 anos em 2015 das tradições aqui de festa, mas pra trás tá o tempo que aqui era tudo fechado que a gente abria a ciência debaixo desse jatobá pra poder segurar a nossa população lá do brejo do burgo aí quando a gente passou pra cá a gente não podia abrir uma ciência pra lá no brejo por causa dos perturbados, de ameaça contra nós, aí a gente encontrou esse lugar e aí tudo era mata fechada aqui, muita cobra, a gente se acampava lá na entrada, que só tinha uma entrada por lá no trilho de lampião, né, e aí de lá nós vinha de noite, a tarde, chegava com tempo pra pegar lenha pra acender o fogo aqui e aí não voltava pra lá. Aqui debaixo dessa árvore levamos boas trovoadas pra água correr e nós tinha que ficar aqui sem padre nenhum, e aí chegou o que nós tamo vendo hoje, essa maravilha que a gente tem hoje de repouso, e água, né? Nós não tinha nada disso aqui. O que significa esse altar aqui? Quando se abriu a mesa da ciência aqui que foi explicado que as mulher não podia estar, ir naquele próximo, que as mulheres sempre, tem mulher com ciência e tem mulher que não tem consciência, mulher que está menstruada, não pode entrar no território daquele dali porque é sagrado porque foi benzido por um bispo que foi muito consideração, dom amaro, que deu muita palavra em favor das nossas tradições, do índio, direito do índio, então ele veio aqui pra nós abrir o terreiro, ele teve que vim batizar esse lugar. Então esse jatobá e esse terreiro, se diz assim: o terreiro santo do amaro, porque donde você estiver que fizer um pedido da ciência do amaro, o cruzeiro do amaro pra ser beneficiado em qualquer necessidade que você estiver passando e você alcança aquela benção que você pediu, aí a maioria desses apóstolos aqui foi trazido como o pedido que foi feito e alcançou.

(Geraldo) Você pode falar de cada um deles das imagens que tão aí? Fale de algumas, Afonso. Tô vendo Iemanjá, Jesus, Padre Cícero, vários santos, índio, o que significa essa mistura?

(Cacique) Essa tese, né, que você quer saber. Quando foi aberta a ciência pediu pra poder colocar ali atrás a imagem de N.S. da Saúde, aí não aceitou que um só comprasse. Aceitou que fizesse isso em vários vizinhos e pediu uma ajuda pra quem comprasse essa N.S. da Saúde que é a primeira imagem que chegou aqui. Aí nós fizemos isso e colocamos, aí o que você vê no altar era N.S. da saúde mas teve 4 imagens dessa, e aí esses outros restantes aqui é o que significa a natureza aí é aquilo que eu falei: nós temos corpo, ser humano que trabalha com a força das águas, para quem que trabalha com as forças das águas, aí teve que botar uma iemanjá aqui, essa é pessoas da gente que trabalha com a força das águas. E aí teve uma ocasião que vinha um pessoal de fora do Brasil pra fazer as tradições nossas aqui, históricos, que nós não recebemos ainda, faz muito tempo já, aí na época o homem falou aqui que eu devia ter Santo Antonio de Categeró, eu nem sabia que existia esse Santo Antonio aí procurei, não sei se foi certo, se foi errado, aí quando cheguei encontrei. Pra que era? Preu sair com ele na abertura desse pessoal que veio de fora, fizemo a abertura no terreiro, afirmação tudo bonito pra fazer história, e aí foi pedido da natureza. Ao lado dele tá Padre Cícero, porque quando as pessoas vem fazer a limpeza aqui, eles botam, como todos aqui tem liberdade, aqui todo mundo tem voz, então essa parte aqui pertence as mulher que zela, então elas chegam, faz a limpeza e colocam onde acham que seja, onde elas botar, ficará, cada um tem seu sentido. Aí aqui é Padre Cícero porque tem muita gente

católico que faz pedido a Padre Cícero, a minha avó mesmo era muito pegada a Padre Cícero, que foi lá no lugar dele onde ele habitava, pra ver ele, fazer pedido a ele, é pessoas que têm aquele dom dele ligado àquele aparelho. Aí aqui como eu já falei faz parte das águas e aqui também, cada santo desse...

(Geraldo) E esse Santo que ta ali, que santo é? São Sebastião?

(cacique) Esse aqui é São Lázaro. Por que São Lázaro? Que ele é das matas. (e é um Santo que cura) Então, ele aqui, muitos dos meus netos que criam cachorro alguma coisa, os cachorro tão pra morrer, ele faz uma promessa e levanta aquele cachorro lá e salva e festeja-se, cada um, um pedido que a pessoa faz com uma dúzia de fogos e tal e sempre quando vem aqui aí solta os fogos e tal. Aqui como você sabe, é o primeiro e aí esse aqui já era de um índio dos mais velhos que já tinha ele da mata, é Santo Antonio das matas, esse pequenininho. Esse aqui é o dono, o protetor daqui, caboclo boiador que é o dono dessa ciência. Ele quem abre a mesa, que chama.

(Geraldo) do lado dele tem uma outra...

(cacique) Desse lado aqui já foi doação, chegou um visitante que olhou toda santidade que tinha aqui e não tinha esse caboclo aqui, o caboclo pena branca. Não é branco, é preto, né, mas o no toante dele ele diz assim: Sou pena verde mas me chamo pena branca. E aqui como você muito sabe que aqui esses menino é muito mais lindo e perigoso, São Cosme e Damião.

(Geraldo) E ali do lado direito to vendo, tem uns quatro índio...

(cacique) Isso aqui é sete flechas, não sei, por aí, aqui é outro nome, não sei dizer, aqui também é nova, essa índia chegou ano passado, tudo isso é de cada um ser humano que se dedica àquela imagem, viu? Cada um tem um nome, né, cada um tem seu benefício a pedir. O que significa esses dois aqui? Eles são das matas, né, aqui por maldade que era aberto e ainda ta. Pra você saber, quando nós abrimos essa ciência aqui, era guerra, e nunca um não índio teve a força de destruir nada aqui dentro. Começamos debaixo do jatobá, esse jatobá era um curral dos animal do gado que se abanhava nessa sombra. Por que eu trabalho, recebi a força dele? Eu cheguei cansado, tava maiado debaixo desse jatobá, aí como eu vinha cansado, só tinha essa sombra, que no verão não tinha outra sombra, hoje tamo vendo, nessa época, mas já teve época aqui que tava tudo seco. Aí quando eu cheguei debaixo do jatobá, o gado que tava maiado se levantou, aí eu com medo do gado, não vou ficar no meio de você. Não vou sair daqui porque não tem outro lugar preu ir. Aí tirei as botas aí fiquei debaixo na posição que ele ta lá. Se ele vem me atacar eu tenho como me esconder aqui. Aí eles vieram todo o gado lamberam meus pé, vê pra você agüentar uma coisa dessa. E eu tive que agüentar, parece que foi assim, um teste que me fizeram. Aí passou o tempo, que apertou as coisas no brejo, que a gente não podia abrir a ciência como já passei aí, aí o mais velho falava assim: onde que nós temo lugar que nós possa fazer a ciência que chama particular? Hoje ta o nome de ciência, mas no outro tempo dizia o particular. Particular porque não podia abrir uma ciência de índio ao público que a segurança da aldeia é a ciência, é a mesa da ciência. Aí o que veio? Primeiro veio os terrenos do meu bisavô, que é a serra do cá que é muito lindo também, muita força, aí aqui fica próximo os poceiro.ouve né e vê o fogo tal e vem espiar o que é, como acontecia, não dá. Os mais veio né, que passaram isso.

(cacique)Aí eu fui rodando assim na memória né. Aí escolhi, esse ponto aqui, eu digo, que eu conheço um ponto que tem um Jatobá. Era pequeno o Jatobá, aí mesmo distante. Aí pra nós chegar aqui viemos e acampemo lá na pedra, muito bonito lá, é aqui na frente. E de lá nós fizemos uma picadinha, uma vareda que era muito fechada. Aqui essa abertura que tinha foi nós que tocamos fogo pra abrir, pra poder mata as cobra, que era cascavel, cobra de todo o tipo. E ai a gente vinha de lá e quando anoitecia, a tardezinha o cara vinha, chegava

até aqui, tirava a lenha, botava num cantinho pra só fazer a fogueira debaixo do Jatobá. Pra num dá visão pra longe. Aí sim. Daqui nós dormia aqui. Houve época de trevoada que nós abria uma ciência, a mesa aí a trevoada batia, que a água no Jatobá num some, ela corre, mas ela...

(Geraldo) mas fica em cima da terra?

(cacique) fica em cima da terra, ela num pernetta, no momento, né, de tá chovendo. Aí a água dava no joelho e nós tinha que curti esse frio, aqui, até de manhã. Mas até o fogo apagava, num tinha condição de acender. Aí de manhã era que nós voltava e pegava os animal lá que vinha, uns vinha montado, outros vinha de a pé, quem não tinha animal na época. Aí de lá nós tinha feito o segmento aí voltava pra aldeia e fazia assim, continuava. Na hora que o pau quebrava, tinha que ir lá. Aí nós continuemos. Depois, foi que nasceu, aqui atraves do boiador .foi que deu o nome, que é ciência do amaro.

(Geraldo) foi o aboiador que deu o nome?

(cacique) foi o aboiador. O primeiro que desceu na mata foi ele. Só que num desceu no meu corpo, eu num recebi ele. Quem recebeu foi um irmão que nós tinha de diferente como um pajé, que ele trabalha com pena branca. (apontando pro altar) O dom dele é pena branca.

(Geraldo) E me diz uma coisa... E que cerimônia é que as entidades assim baixam. Quando é que elas baixam? Tem uma cerimônia pra elas baixar? Tem que chamar?

(cacique) Não, é que nem eu disse. Quando você já tem um contato com a natureza, aí em todo lugar que você chamar, ele tá do lado de você.

(Geraldo) Eu digo, mas vocês pra chamar, quando chama assim, faz uma cerimônia junta. É na mesa, junta as pessoas?

(cacique) É, a ciência é uma mesa. Aí a mesa não pode se fazer com 3, só de 4 acima, tem que ser um cruzeiro. E aí, quanto mais força, né. Porque quando... uma comparação. Como tem tantas apostas aqui que cada um tem seu dom. O ser humano, cada um tem seu manifesto de diferente destoante. Então quando mais força de manifestação, mais força de combater o mal. E aí é o segmento nosso por esse sentido. Então, eu não. Eu falo porque já to incorporado pela entidade que eu tenho. Em todo lugar que eu tiver, eu vejo visão. Eu saio de casa, eu vejo o que é que tá na frente. Eu olho assim, vejo a imagem de Jesus, se transfere assim numa sombra, numa coisa, eu vejo tudo isso hoje, mas no meu tempo que eu tava aqui eu não tinha essa oportunidade. Eu não tinha esse poder de acompanhar esse segmento.

(Geraldo) Só com o tempo?

(cacique) Só com a idade. Aí quando meu irmão, a abertura daqui foi com ele, tal. Ele recebia a força de caboclo aboiador, mas tudo que ele recebia passava pela minha mente. Eu sabia o toante que ele ia puxar, eu sabia todo segmento que ele ia fazer ali, passava primeiro por mim, aí ele que levantava a voz. Aí então ele foi por vaidade, isso negou muito ponto aqui por mulher, por correr atrás de melhoria pra si próprio. E aí a gente ficava aqui esperando e ele só chegava por último. Um dia ainda veio correndo, a gente esperando aqui. Veio correndo, chegou de noite, com medo da guerra e veio com outro acompanhado pra dar segmento na mesa. Outro dia ele marcou, aí voltou, quando chegou lá perto de Nova Gloria, que ele já tinha arrumado um carro, o carro em vez de ir pra frente, voltou pra trás, duzentos metros rodando sem ele governar. E aí foi por política, né. Aí arrumemo inimizado, aí ele tirou uma parte dos primeiros habitante daqui, como um pajé. E eu como tinha outros dons e não tava recebendo a força da natureza, da mata, eu disse, bom chegou o momento de a gente enfrentar, aí foi quando chegou a força mesmo, em vez de ser a dele,

chegou no meu corpo pra agir e chegar o que nós chegemos hoje. Aí eu mudei tudo. Tudo isso que tem aqui, ele num sabe a visão daqui, porque ele não tem força mais divina. Pra ele entrar aqui dentro ele tem que pedir licença, tem que, sabe, rebaixar...

(Geraldo) Mas esse irmão é irmão de sangue ou é ... (É irmão de sangue). Que mora em São Paulo, não?

(cacique) Não, mora aqui. Aqueles coqueiro que tem ali naquele sítio que tem os coqueiros saindo... (Sei). É ali que ele mora...

(Geraldo) Me diga uma coisa, quando você fala em guerra, você tá falando a guerra contra os posseiros. Foi aquela guerra? Que vem de ser dona da terra desde os posseiros. É essa guerra?

(cacique) É, é essa guerra que era pra reconhecimento da origem nossa e demarcação das terras.

(Geraldo) Que começou demarcar lá em 84 quando eu vim aqui... (Foi nessa época, por aí). Nessa época começou a demarcação? (Demarcação) E que hoje já tá...

(cacique) É, hoje tá mais aquebrandanda, mas ainda...o formigueiro ainda tá vivo. Porque uma parte de posseiro saiu de boa vontade e outros nao querem permanecer dentro de uma área homologada que por exigimento dele ja ficou 13 mil seiscentos e tanto de área quitada e medida pela Funai, nonde é o povo da Cerquinha que tinha mais gente, a Funai não tem condição de indenizar na época a população da Cerquinha e aí houve um acordo. Já o meu grupo já dividido com outro grupo de Lélío, o Lélío se dividiu nessa época. E o Lélío era favor dessa área aqui, que foi primeiro homologada pra num tirar os posseiro, porque os posseiro era eleitor deles. A muié ganhou por três mandatos, quatro mandato. Um primeiro foi com todo mundo, um segundo com todo mundo. Os dois segundo foi lamentando aos posseiro que eles não ia, não sairia dali, porque ali iria ser uma área mista. Isso era em palavra dele ao posseiro. E aí eu...o Dom Amaro que abriu a ciência aqui junto com a gente e tal foi até Brasília com o sindicato pedir na Funai com os cacique de Lélío e liderança contra a demarcação da terra produtiva, que o Brejo do Burgo. E aí saiu jornal, saiu história, saiu tudo, que ia ficar era mista e eu não concordo. Porque meu pai bebia muita cachaça e bêbado ele dizia que a área indígena tinha que ser limpa, aí não podia ter área mista, tinha que ser mista. Aí com as palavras dele eu criei força, aí fui a Brasília e quando cheguei lá, quem era conhecido e seria registrado como cacique em Brasília, seria eu. Aí eu já tinha muito conhecimento em Brasília, aí quando cheguei lá, eles me apresentaram. Olha, já veio uma liderança aqui Pancararé e disse que não aceita. Eu falei, a minha palavra ta aí? Meu nome ta aí, ele disse não. Então, quem tá defendendo os Pancararé é o cacique Afonso, então eu aceitaria com...

(Geraldo) Essa é a guerra que você fala?

(cacique) É, foi guerra mesmo. Aí eu arrumei inimizade com os não-índio que era os que tava pra defender pra não ser demarcada e arrumei com o grupo de Lelo, que era o grupo maior do que o meu. Esses índios de Lelo ficaram contra a minha pessoa, aí arrumei duas forças contra mim pra combater Mas como eu tinha, o que que eu tinha...Eu não fui cacique porque eu quis. Eu tenho cacique porque Deus me deu essa posse. Quando eu era criança que nem esse que ta aí, esse mais adulto que tem aí, a criança mais fortinha, eu alcancei o sofrimento dos nossos antepassados para tradições era escondido, levando chumbo, tiro e aqueles que era... (mataram até o pai de Lelo) Mataram até o pai de Lelo, antes disso já era boca pesada. Aí que que acontece, aí me ajoelhei e pedi a Deus, que eu já era adulto, pra deus me desse força pra eu chegar a idade a receber pra defender essa nação. Aí pedi duas coisas, primeiro emparar uma fia sem pai e segundo receber força pra defender a nação, e

aí por essas palavras, deus concedeu. Lelo trabalhou, botou 7 cacique, 8 com ele, pra derrubar minha, meu trabalho e a guerra começou por aí...

(Geraldo) É, mas ele gosta muito de você. Ele fala sempre bem de você. toda vez que eu encontro com ele, ele fala bem aberto...

(cacique) Ele gosta porque não tem outro meio, porque eu fui quem enriquei ele, trazendo todas as fortuna e ele recebeu. Então ele não pode falar mal de uma pessoa dessa, né. Então foi o acontecido, a gente só sabe quem veve junto. Até hoje ele tá agora desconsiderando nesse trabalho que nós tamo fazendo, um cidadão que ajudou a construir com 107 anos hoje. Ele não quer aceitar, ele não sabe de onde é que ele veio. Eu falei, mas eu sei, ele nos ajudou e aí parei o trabalho que ele ta fazendo. Então ele num tá me considerando, então é isso aí é em palavra, mas no coração, eu num fui morto porque deus não concedeu. Ele armou, ele foi pra destruir minha casa com o grupo dele, pra queimar. Ele, na reunião que foi feita pra decidir essa área aqui do Brejo do Burgo, ele arrumou o grupo dele pra não aceitar. Inimigos dele queria me pegar pelas costas e outro atirar. Dentro lá da os...que é o poço, que fala poço indígena. E aí luta de nove dias, eu sem comer e me faltou o fumo. Eu com três companheiros que fui a Brasília pedir pra fazer e o representante de Brasília que veio pra demarcação. Tinha que levar a posição do que nos tinha resolvido pra poder vir a demarcação, aí ele foi contra. Por que ele foi contra? Porque ele tava trabalhando do lado político, dando cobertura aos poceiro. Quando eu comecei a primeira picada que foi do lado de la, aí a polícia federal vinha. Nesse trabalho eu já pedi a polícia federal pra acompanhar e ele foi contra a polícia federal, a favor dos poceiro, na Cerquinha, com uma barreira pra Polícia Federal não chegar. Mas eu como era teimoso e tinha força pra fazer, aí peguei a equipe e fui demarcar só do meu povo. Aí houve problema de incendiar o carro, com nos que era funcionário já tinha que botar no...o carro não foi, botou na metade, nois com o resto de ir a pé, pra vir de lá pra cá o posseiro já andava caçando pra parar o serviço que a barreira já tava contra a polícia federal, pq a polícia federal entendeu que era jogo político e pra entrar com violência tinha que derramar sangue do índio e dos poceiro, tudo isso aconteceu.

(cacique) E aí o que que acontece, aí quando foi 10 horas da noite, eles chegaram na minha casa, a polícia federal. Que era eu que tinha buscado eles, que tinha arrumado recurso pra ele vir, aí ele veio, 10 horas da noite. Quando ele chegou nessa época minha esposa tava de dieta, tinha ganhado um bebê e ai a mulher tomou até choque...a polícia federal a noite. Aí o que ele veio fazer, combinar comigo que voltaria deixasse passar a política e com 10 dias ele voltaria pra demarcação. Ai eu concordei porque tudo que eu fazia eu tinha meu dom pra orientar, ai eu parei...Passou 10 dias? Passou seis mês, ai com 6 mes que eu lá em Brasília novamente e trouxe já um documento dizendo que polícia federal só podia ouvir 3 pessoas que foram pedir e o restante botasse pra fora, só tinha que ouvir a palavra dessas. O que que eu podia fazer. Ai foi onde ele ajuntou uma montidão pra destruir o trabalho e não aceitaria que a área do Brejo, a área indígena fosse área mista. Aí o cidadão de Brasília ia voltar, não tinha conhecimento do que eu tinha, aí num aperto, num alvoroço, aquele papo foi dele lá que tava coberto aí eu falei, não você vai por ar e nós vamos por terra, olha o que vocês vieram fazer. Ai qdo ele leu botou todo mundo pra fora do posto e aí foi onde eu entrei e assinei 163 famílias que tava dentro da área indígena, de não-índio. Aí esse documento foi que permaneceu e que nós chegamos a demarcação e homologação (entendi). É luta ou não é? É pesado não é?

(cacique) Ainda fui com os índio dele pra delegacia, me ameaçando, eu botei, processei dele na polícia federal porque ele era funcionário e tava destruindo a natureza, tirando as madeira tudo que é esse pau branco aqui. Com o grupo dele levava no trator da Funai. Lá mesmo, o trabalhador dele tirava 20 posto, 10 eles dele, 10 do cara. Aí eles pra fazer benfeitoria, o poceiro comprava a mesma madeira, vc tinha direito de da 10 e eu fico com

10, que já era a parte que ele tinha levado. Aí ele arrumou a crescer a comunidade, porque eu era contra destruir a natureza, tirar a madeira. Aí quem era favor da destruição, que era ele como cabeça, ele cresceu a comunidade dele. Aí ele chegou, eu tinha 97 ele tava com 200 e pouca, né, aí depois que eu coloquei... pra poder chegar onde nós tivemos, ele teve que ser processado pela polícia federal. E aí quem defendeu ele foi o próprio irmão Ramo que era o pajé e João Valadares que era o administrador. Aí diz, ah é um homem trabalhador e tal. Então chegou toda essa história aqui dentro do Pancararé. Aí não, ele hoje é amigo e tal, nós ficamos inimigo (mas hoje não é mais?) hoje só se fala, bom dia, boa tarde se topar, mas pra eu ir pra casa dele num habito, até lá no posto de saúde donde ele habita eu sempre tenho a maior dificuldade pra chegar.

(muda o ambiente)

(Geraldo) O que é isso aqui? (cacique sentado acende o fumo) Aqui tem um cruzeiro naquele entrada, tem um rosário ali e tem umas, 3, 6, 7 estrelas...

(cacique) Já é fazendo as estripulia dela (entendi)

(Geraldo) vamos ver o jatobá né, mostra o jatobá pra gente (cacique se levanta). Onde era o terreiro primeiro.

(cacique) não era o terreiro.

(voltam para o espaço do altar)

(cacique) (se virando pro altar) Deixa eu terminar essa parte que é importante... Aqui, num tá aqui. (pegando um santo na mão). A história que ele chegou na história do santo. Eu tenho um irmão que tava 8, 10 anos em SP e nunca teve condição de ver a mãe, a mãe era doente e ele nunca teve condição de vir. Aí arrumou um meio e veio aí trouxe uma imagem de nossa senhora da saúde desse tamaninho (mostrando a santa), mais pequena, aquele era bem miudinha, aí pediu a ciência se ele tivesse a condição de vir todo ano aqui ele daria um boi pra tradições. Aí o que acontece, dentro do ano ele deu 3 viagens de avião, aí garantiu o boi dois anos, aí nos três ele foi e mandou comprar de lá, não veio. Aí pra pagar, a mulher se manifestou que a gente sem condições de comprar um boi e não ter dinheiro pra pagar e dono cobrando, ela ligando, ligando e ele sem atender, tal. Aí o que acontece, uma coisa muito séria, roubaram o bar dele, roubaram a pensão que ele tinha e roubaram uma chácara que ele tinha no interior, deixaram ele sem nada. Aí foi o que, um castigo que ele prometeu e não cumpriu com a ciência. Então, é o que eu digo, não prometa o que vc não pode pagar, que não é eu que recebo, quem recebe é a natureza, o pedido que faz aqui, tá fazendo aqui, não tá fazendo pra natureza, eu sou apenas um orientador pra segurar esse segmento, (começa a andar) mas eu não posso dar nada, a ciência, a natureza é quem pode agradecer.

Cacique caminha em direção a outra casa e o se senta novamente.

(cacique) Que você quer daqui,?

(Geraldo): quero que você explique o que é isso aqui. Que tem um cruzeiro naquele de entrada, um rosário ali e tem um 3, 6, 7 estrelas aqui, o que que é isso aqui? essa área aqui, o que é isso aqui (câmera vai mostrando o espaço)

(cacique) é aquilo que acabei de dizer (um outro homem se aproxima) quando nos descobrimos esse jatobá, que vimos no ponto da ciência (não sei por aí não)

(cacique) aí quando nos abrimos aqui, isso aqui tudo ainda era fechado né, aí fomos crescendo de pouco, conforme tá chegando habitante, tá vendo mais gente, nos temos que

crescer. hoje chegou no individual, nao pode mais capacidade nenhuma. Aí o que que acontece, aqui debaixo tinha jatobá, daqui ficava a parte das mulher e os homens naquela parte de dentro e nao tinha essa casa né, não tinha essa cerca. aí o que acontece, nos recebia proteção ainda da sombra e as mulher ficava no relento, na chuva, aí foi que nasceu a parte da mulher, pra ter liberdade de estar na ciência e a parte dos homens. Aqui e de todos, aqui é publico, e aqui so é dos adultos, mulher não pode entrar, recebe a jurema daqui, as crianças que estão no vistuario também recebem as garapas daqui, tem garapa e tem a jurema

(Geraldo) as mulheres a as crianças ficam aqui, neste fechado? (aqui, nesse compartamento aqui). E os homens ficam embaixo do...

(cacique) Não, fica aqui, ficava, antes de criar isso aqui. aí daqui nasceu de eu fazer isso e a turma não acreditava que isso gerasse....

(Geraldo) Agora quando faz as festas, mulheres e crianças ficam aqui?

(cacique) não aqui só na ciência, na mesma. No ponto da ciência que aqui e aberta mesa da ciência cada um que ja e dos segmento já sabe seu local de ficar aqui, cada um tem seu lugar e aqui é o chef (batendo no assento) (esse é o assento) pela idade ne, que nos sentava no chao, eu nao posso sentar no chao, pq o trabaio e muito puxado e quando eu levanto daqui nao sou mais eu e pra me recuperar vai ser uma semana

(Geraldo) e os outros senta redondo aqui?

(Cacique) redondo isso aqui (no chão). É aí começa daqui eu abro a ciência e cada um vai puxando cada um a postos que ta daqui vai puxar seu toante, até chegar aqui. Ai eu faço as vezes, chamo e dou a liberdade pra cada um que esta aqui e dai quando encosta a aqui n'eu e que vou terminar o sentido, aí fecha o horário que acontecer. Só que esse espaço aqui também já tá curto, não cabe nem a metade porque enche demais, aí fica duas filas e mesmo assim quem vem visitante nao pode entrar mais porque nao tem condição, já tá cheio demais... aí é onde eu digo, aqui é a escola pra essas crianças chegar ate adolescente já sabendo o que é uma ciência, dentro deste espaço aqui tem criança que já tem 20 toante, a conta aumenta pra do mestre é 25 toante, num e dum so, chama todos e de cada um de folguedo daquele ali vc canta 2, 3 dependendo da força e completa 25 toantes, nao e so da sua linha aí cada criança que tem acompanhancia aqui ja estra transpassando os forguedo mais velho, os forguedo mais velho não tiveram essa instrução e aí eles cantam só os toante que receberam na hora de batismo, não vem mais na consciência deles

(Geraldo) Na verdade cada linha tem 25 toantes? (cacique 25 toantes) e quantas linhas são?

(cacique) aí eu não posso dizer quantas linhas são porque vou ter que saber quantos dons tem nessa natureza. é muitas linhas ne porque aqui tem duas linhas, ali linha das águas e a linha das matas, o que posso te informar é nesse sentido.

(Geraldo) Nesse caso, tem duas linhas da mata e das águas...

(cacique) Porque preciso ter. A gente tem que trabalhar com fogo e água. Tem que ter duas linhas, quer dizer, aí uma recebe mas essa recebe as água tem os toante da mata tb. E depois é que chega as hora dela, nao é na hora da abertura da mesa, primeiro fecha com a mata e depois da espaço pras águas, aí sim, mostra as manifestação, mas na ciência aqui das mata incorpora normal. Só vem os toantes se vc dizer, achar quem ta de fora que vc é vc que ta manifestado ou não tá. Não da o saber, agora as águas na hora que baixa ja e fazendo as estripullia dela

(Geraldo) entendi, vamos ver o jatobá ne (abre o plano) Mostra o jatobá pra gente, onde

era terreiro primeiro

(cacique caminha em direção ao jatobá)

(cacique) Não era o terreiro, risos,

(Geraldo) Era o que?

(cacique) A história que eu acabei de dizer ali. Isso aqui era um curral dos boi. Os boi tudo somaiva dessas matas meio dia, aqui que era a única sombra que tinha, aí quando eu chegue por aqui, isso tudo era mata fechado, aí tinha um pau branco bem deitado mais ou menos que era onde o Dom ficava sentando vendendo seus gados e a eu vim por aqui ó. E quando cheguei os gados se espantaram, mas nao saíram foram no sol e voltaram, aí qual é o sentido meu, eu disse vocês não vão ficar na sombra eu também preciso dessa sombra porque to sufocado. Aí botei o aio de lado e me deitei aqui e tirei o sapato e todos eles vieram lamber meus pés, não sei se achavam bom suor e eu tive que aguentar. Esse mesmo teste que faz hoje de estriupulia pro curso de ser humano e eu tive que passar por essa emoção, pesada, cada gado aí raçado, grande valente vir lamber seus pes vc nao aguenta nao.

(cacique) Ai tudo começou por aqui, aí tudo que precisava nos deixava aqui debaixo, aí os nao-indio que tinha com como que dizia, que não aceitava que nos tomasse essa area aqui, que isso aqui a gente tomou nos nao-índio. Ai nunca teve força de aqui, aí ate que foi crescendo onde estava, tinha uma cerca por aqui e um gado entrou pra dentro quando nos chegemos o gado entrou e saiu por ele, só tava os tranco do gado correndo da cerca do arame, né (Porque também respeitava aqui) Porque tb respeitava aqui, aí o dono daqui não aceito que ele viesse destruir e botou o gado pra fora, aí o gado saltou a cerca, nao derrubou, a gente chegou corrigiu a area e disse: quem foi o vaqueiro que entrou aqui dentro? Ninguém. Só tava o terreno limpo e os gado escamuçando correndo para fora, então isso já foi pra gente um exemplo importante que tinha assim firmeza e onde chegou até hoje foi com essa fé que a gente preservou.

(Geraldo) E aquilo ali?

(cacique) pense bem numa estrutura. Então aquele ali era aqui (apontando pro chão), nos já ia ia daqui pra lá, essa parte aqui, tem mais aqui branca aqui, era aquele ponto ali, só que isso aqui abaixou, isso aqui abaixou, isso aqui abaixou ela tava emborcando (apontando pros galhos do jatobá), aí resistiu até outubro (Ali tem um galhos cortados al) É porque isso aqui já tava em cima da...(prostrado no chão) pra tirar a madeira, teve que tirar isso aqui pra tirar a madeira que tava emborcando.

(Cacique caminha pelo terreno)

(cacique) Pra vc ve, passemos um ano sem achar local pra fazer ele aí, um ano, já planejando onde é que no vamos bota, onde e que nós vamos bota, ai no dia nois marquemos pra fazer pq tudo isso aqui a gente faz de multidão, não pode trabalhar só aqui, nem barreira, um sozinho não pode barrer isso, tem que ser de 2 a 4 pessoas, nao três. Dois sim, tudo isso segmento, não se pode limpar esse lado do terreiro e deixar esse sujo, não se pode limpar esse terreiro com duas pessoas, tem que limpar com multidão, tudo isso e passado da ciência pra comunidade. Aí o que que acontece, na hora de fazer isso aqui (câmera mostra local da ciência) Eu cheguei primeiro, aí quando eu cheguei primeiro aí me clareou. Nós não tinha um achado local, porque aqui tinha um pé de maria mole bem grande que ajudava sombra aqui, mas quando eu vi eu olhei a brecha e o segmento certo. Aí quando eu cheguei primeiro e tomamos cafe pra dar continuidade, aí eu cheguei pra comunidade que veio fazer, ajuda e disse: já achei o lugar. Aí um dos meninos meu falou como pai, aqui nao dá, nao tem condições, daquele lado ali, pra fazer daquele lado ali que era mais aberto, mas não tinha visão do vinha do que chegava, aí eu disse ói...Arranca essa arve aqui (apontando pro

chão do local) e a gente vai fazer e depois vcs vão dizer e chamar a mãe do terreiro e ver se aprova. Ah pai. Antes de terminar a turma dizia, não tá bom, aí vc tem que guentiar porque foi sua vez que eu vi e se eu sou o chefe daqui eu tenho que fazer o que eu vejo e a comunidade reclamando ou não reclamando tem que aceitar o que to dizendo. Aí depois que construiu, o espaço cresceu, espaço pra todo mundo, a mãe do terreiro chegou por ali e disse, mas ficou lindo, ficou uma beleza, falei: é assim o segmento, dessa forma. você nunca pode ser falsa ciência, negativo com o que vc tá vendo vc tem que positivo no que vc ver. E aí ficou um lugar maravilhoso.

(Geraldo) agora explica pra gente aí, (câmera mostra o local)

(cacique) isso tudo segmento começou por isso aqui (mostrando uma espécie de madeira). No tempo de Ramos que era o pajé, coordenador daqui, começou por essas imagens esse aqui que a gente tá vendo, esse altar, esse oratoriozinho, aí isso aqui já foi nascido do meu procedimento (apontando pra outro objeto). Isso aqui vai pra lá pra cima daquela casa lá, naquela pedra lá na festa e como existia a força dos Praiá então aqui tinha que ter um seguimento pra quem chegar dizer assim: qualé o segmento de vocês? O segmento nosso é esse aí. Aí eu criei essa imagem aqui, aí foi que veio tudo na vida, a abertura tudo disso aí tudinho que não é feito sem o consentimento da ciência.

(Geraldo) E ali tem as flautas ali, como vc chama, os maracá...

(cacique) É, pra se dançar o praiá, o toré, é importante de maracá, o chamado da ciência. Quer dizer o instrumento o que a ama tem porque quando eu era criança eu eu cresci junto com os avó, aí ele me apresentava de gaita, bumba, caixa, instrumento da natureza, das mata e tudo isso, todo segmento nosso tem que ter a flauta, os maraca, tudo isso tem que ter.

(Geraldo) Mostra o maracá primeiro

(cacique) (balança o maracá) Esse maracá tem mais de 40 anos, esse é da mãe do terreiro, ela recebeu esse maraca de presente da aldeia do tiriri que nós fomos fazer uma apresentação lá, um toante e um menino deu esse maraca, uma criança deu, não por ela, pelos outros (pega a gaita) E aqui e as gaita pra chamada os praiá, daqui os praiá tão lá aí chegou a hora eu apito e já e o segmento e já vem tudo pra cá, não tá muito boa pq elas não tocam,, as aranhas entram (toca a gaita) aí já sabe que hora do segmento, abertura do terreiro. E nos dançamos também quando os praiá, cada um., cada folguedo tem e quando termina, quando dá a rodada e eles dá o toante de manifestação

(Geraldo) E os "eivotos"? De gente que foi curada? (O que?) Aquelas figuras ali de perna de madeira, braço, uma mão, essas figurinhas, é gente que foi curada e que traz aqui como testemunho da cura?

(cacique) É, uma parte (E os outros?) Esse daqui foi, Deus já levou (apontando pras imagens) esse aqui foi de um filho que eu foi caminhado com ele nos braço na procissão, aí foi pedido que deixasse uma imagem, isso tudo do segmento que foi recebido. Essas mão, essas partes aí, fez parte assim. Quem abriu a ciência, deixasse uma parte, ou pé ou mão ou cabeça do sentido. Aí aqueles que deus levou, aí tem que levar daqui pro cruzeiro receber lá, aí tem pouco aqui porque são mais ou menos dos que tá convivendo aqui na ciência (dos antigos) dos antigos

(Geraldo) E esses vasos aqui? pra fazer as bebidas?

(cacique)(apontando pros vasos no chão) Esse aqui pra é pra preparar a jurema, preparar a garapa, aqui enche de água e daqui que é benzido, aí vai da pro pessoal pra fora do terreiro (É aqui que prepara?) Não, é ni outra parte, aqui prepara se a gente tiver chegado

primeiro, se tiver chegado habitante de fora a gente não pode fazer aqui (Entendi) então primeiro a gente fazia aqui. Se chegou primeiro e só tá os habitantes da ciência a gente pode fazer aqui (Mas se chegar as pessoas) se estiver pessoas que nem vcs tão aqui a gente nao pode preparar ele aqui, na ciência foi uma fraqueza grande de “rodela”, eles primeiro passaram aqui pra saber como preparava a jurema, como arranca a jurema e eu já era criança e posso dizer na época, isso daqui nao vc terem conhecimento de como preparar, do que nos sabe vcs podem beber mas nao levar pro mundo todo o que é a ciência do índio. Aí não aceitei, aí ele foi pra Brasília e quando chegou lá um bestaído do pajé, por isso que eu digo, o pajé não é só pajé, ter o nome e não saber o que é uma ciência, aí o pajé botou um “xadeco” nas costas e foi lá pro campo ai apresentaram como fazia o que nao fazia a natureza levou quase todos velhos da ciência porque mostrou como abre uma ciência, a mesa vc pode ver ,é pública, mas a jurema é sagrada, é coisa só da natureza e aí o pajé de rodela apresentou isso, ai houve muita morte daqueles antigos, que faziam parte da jurema tal aí suspenderam levaram, porque ele mostrou uma arte sagrada ao mundo, que não podia ver.

(muda o plano) (repete a mesma cena dos vasos, mesmas falas, mas com enquadramentos diferentes)

(Geraldo) E ali tem as flautas ali, como é que você chama, os maracá...

(cacique)É, pra se dançar o praiá, o toré é importante de maracá, é o chamado da ciência, quer dizer, o instrumento que a mata tem porque quando eu era criança na “serra do cado”, eu cresci junto com os avo e aí que que acontece, aí ele me apresentava de gaita, zabumba, caixa, aí é instrumento da natureza, da mata e todo segmento nosso tem que ter as flauta, tem que ter maracá pra...

(cacique balança o maracá) (cacique) esse maracá tem mais de 40 anos. Esse é da mãe do terreiro, ela recebeu esse maraca de presente de “rebelo pombal”, da “aldeia do tiriri” que nós fomos fazer uma apresentação lá, um toante e um menino deu esse maraca, uma criança deu ,pra facilitar alguma coisa nao por ela, pros otros. (pega a gaita) e aqui e as gaita pra chamada os praiá, daqui os praiá tão lá aí chegou a hora eu apito e já é o segmento e já vem tudo pra ca, nao tao muito boa pq elas entopem, as aranhas entram (toca a gaita) aí ja sabe que hora do seguimento, abertura do terreiro e ai nós dançamos também qto os praiá, cada um folguedo tem, .quando termina, quando dá a rodada e eles dá o toante de manifestação.

(Geraldo) E os eisvotos? de gente que foi curada? (O que é?) Ali, aquelas figuras ali de perna de madeira, os braço, as mão, as figurinhas, é gente que foi curada e que traz aqui como testemunho da cura?

(cacique) É uma parte... (e os outros?) Esse daqui foi que deus já levou (apontando pras imagens) esse daqui foi de um filho que eu foi caminhado com ele nos braço nas procissão. E aí foi pedido que deixasse uma imagem, isso tudo do seguimento que foi recebido. Essas mão, essas partes aí, fez parte assim... Quem abriu a ciência, quem acompanhou na abertura da ciência deixasse uma parte, ou pé ou mão ou cabeça do sentido. Aí aqueles que já deus levou, aí tem que levar daqui pro cruzeiro receber lá, aí tem pouco aqui porque são mais ou menos dos que tao convivendo aqui na ciencia (dos antigos) Dos antigos.

(Geraldo) e esses vasos aqui? pra fazer as bebidas?

(cacique) (apontando pros vasos no chão) Esse aqui pra é pra preparar a jurema, preparar a garapa, aqui enche de água e daqui que é benzido, aí vao da pro pessoal pra fora do terreiro (é aqui que prepara?) não, é ni outra parte, aqui prepara se a gente tiver chegado

primeiro, se tiver chegado habitante de fora a gente não pode fazer aqui (entendi) então primeiro a gente fazia aqui. (caminha até o local) Você chegou primeiro e só tá os habitantes da ciência a você pode fazer aqui (mas se chegar as pessoas) se estiver pessoas que nem vcs tao aqui a gente nao pode preparar ele aqui. Na ciência foi uma fraqueza grande de rodela, eles primeiro passaram aqui pra saber como preparava a jurema, como arrancava a jurema e eu já era criança e posso dizer na época, isso não pode vc terem conhecimento de como preparar, do que nos sabe vcs podem beber mas nao levar pro mundo todo o que é a ciência do índio. Aí não aceitei, aí eles foram pra Brasília um bestaido do pajé, por isso que eu digo, o pajé não é só pajé ter o nome e não saber o que é uma ciência, aí o pajé botou um xadeco nas costas e foi lá pro campo ai apresentaram com como fazia o que não fazia a natureza levou quase todos velhos da ciência porque mostrou como abre uma ciência, a mesa vc pode ver,é pública, mas a jurema é sagrada...

(muda o cenário)

(cacique) Vocês são uns conhecedor a historiazador de tudo do Brasil, do mundo (Historiador) É, então pode, na hora que eles tá lá, autorizo daqui e você pode ir, mas se tá lá (é aqui né), mas se você chegar direto lá, eles não aceitam (caminham até o local) Aí como não tem ninguém, não é dia das tradições a gente vê (caminham pelo terreno)

(cacique): tudo isso aqui tem história. O que quer dizer isso aqui? quer dizer, como nasceu isso aqui? porque as crianças tinham ele de pai ali na frente e tinha o apoio dos veio, dos adulto lá. Ai nos viemos antes ai pq ja ia chega gente de cá estava muito feito, o parol dos meninos com vento com tempo, tinha destruído, regaçado tudo. Ai vamo limpa, vamo tirar logo aqui pra ficar mais perto e isso deu um nó rapaz e essas criança me botaram na minha cabeça que eu nao podia dormir porque tinha destruído uma coisa antes de preparar outra, e ai vivia sem ter sossego e ai quando nos se preparemo pra fazer, ai fizemo logo o dos adulto, ai num sobrava material pra vim pra aqui fazer o das criança, ai eu tive mais sossego na vida, num tive. Arruma um pedaço de pau num canto, um pedaço de pau do outro. Ai como é que vamos fazer, se nos nao tinha a estrutura, como é que ia fazer, aí com as cobrança da mata, que me cobrava, e cheguei aqui e arrisquei e disse, vai ser desse jeito, agora nao sei se o material dá, ai vamos fazer, foi o último a fazer pra outubro já estar pronto.

(cacique) E o que que acontece, nos fizemos, tal, tal, ai ó isso aqui tudo é emenda, pedaço de coisa, de ripa e tal, ai um dos filhos meu que é meio, ele conhece das coisas, mas é descrente, aí primeiro ele disse, eu quero ver qualé a força que faz no termina os poró dos menino, aí eu fui lá arrumei um pedaço de calha e fiz, depois faltou ripa. Aí ele disse, agora ganhou uma, agora eu quero ver, como é que nós vamo cobri pq nao tem mais pedaço de ripa pq foi catado tudo. Aí ele disse, é assim tá bom. Aí nós fomos numa sombra aí, botei a cabeça no chão e ouvi uma voz dizer, vai em tal fulano que você encontra. E ai eles aqui se virando pra dar o acabamento sem condições mais, dinheiro, não tinha mais nada, e tudo era distante pra fazer e tinha que fazer naquele dia. Aí eu fui no lugar que me apontaram, ai peguei us pedaço de ripa e falei, agora tu vem se tem força ou não tem, ve se não dá pra terminar, aí foi que nos terminemo esse ponto dos meninos.

(Geraldo) E aquela ali é roupa de que?

(cacique) Qual?

(Geraldo) Essa aí da frente...

(cacique) essa roupa é das criança (esse é de criança?) É, das crianças,

(Geraldo) quer dizer que a criança também dança prayá?

(cacique) É isso aí? (Tem que ser homem?) É homem né...

(Geraldo) Prayá não pode ser dançado por mulher?

(cacique) Não, as crianças tem seu forguedo, mas as mulher aqui na abertura daqui não aceitavam a mulher brincar, que a mulher tem direito por aí, brinca, tem lá no terreiro dela, da nascente, quando começou aí as mulheres que tinha naquele tempo que era muito pesado, a mulher dançava junto com os praiá, fica uma formação bonita, mas como aqui era uma coisa pra segurar o segmento pra não dar brecha pra destruição, aí nao aceitava dançava mulher. Ai já começou assim, a ver novela, ver essas coisas e a pessoa entrava no ambiente sem poder. Como ali nao podia entrar muié, tb nao podia dançar junto com os preá. Agora elas também inventaram aí e que fica bonita e tal, alguém com responsabilidade que se acontecer qualquer coisa aquelas pessoas que tá dizendo que tá positivo recebe castigo. Aí hoje dançaram uma roda com mulher.

(Geraldo) Agora me diz uma coisa, a roupa, a vestimenta é feita de quê?

(cacique) do Croá das matas.

(Geraldo) Nós vamos mostrar o croá, mostra aí onde que tá a vestimenta que é de croá e a aquele isso, tá feito de quê?

(cacique) isso aqui é a fibra...

(Geraldo) fibra do croá e ali? acho que é licuri não é não?

cacique isso aqui?

(Geraldo)essa de cima, esse “bortalzinho”?

(cacique) é croá também pra guardar o cachimbo...

(Geraldo) E aquelas penas, de que é?

(cacique) Essas penas aqui tem porque não existe mais, o próprio eraa de peru, mas como a criatória acabou tudo por aí e o cara bota de jacu ,da sariema...

(Geraldo) Ali o jacu é a preta, a preta é de jacu. E essa de cima é de sariema?

(cacique)é, essa é da sariema

(Geraldo) E tem uma diferente ali que não to identificando

(cacique apontando)Aqui é do peru é a coisa mais linda o cocal porque ela não é emborcada, ela é toda estiradinha e fica uma coisa mais bonita do mundo, mas hoje você não tem mais esse criatório (e ali em cima é a cabacinha) é, isso aqui da cabaça, essa parte assim (e essa aqui?) é do mesmo jacu. (e fica clara assim?) Porque jacu tem dois tipo (ah, qualé o jacutinga e o jacu grande?) É o jacu verdadeiro que é o preto e este é o jacupeva. (E aqui é da siriema?) Siriema, você vê como ela é dura, ela fica emborcada (mostrando as penas) e daqui ó, é tudo certinha, aí vem com penacho mais lindo do mundo...

(Geraldo) Agora de gavião não tem? Difícil pegar? não é (cacique) Difícil não, porque não pode matar? Não pode porque? Porque é uma ave que você nao tem alimento dele, ele é destruidor (ah, ele é o predador e essas outras?). Não, tudo é natureza, mas você vai botar uma de urubu, tá entendo, então a mesma ave.

(Geraldo) Alguém agora eu to admirado é o seguinte, com o tamanho da fibra do Croá eu

não sabia que ela podia ficar tão grande assim, a gente vê e é pequeno. Ele fica grande?

(cacique) Tem croá aí que dá 2 metros (Não acredito, mas aqui perto não tem?) Não aqui próximo aqui não tá tendo por qui a destruição que já houve e nessa terra de raso ele não dá muito grande.

(Geraldo) Mas ele pode ficar 2 metros?

(cacique) É por aqui ó isso aqui dá um metro, não dá? não dá mais? isso aqui foi tirado daqui, e agora nessa época pq não tivemos condição, nas terra produtiva, ele cresce mais que tudo, lá dentro do Raso da Catarina tem lugar que vc tem que dar duas, três puxadas pra tirar a fibra de tao grande, é do tamanho do jatobá, depende do local, e a gente sabe tudo isso né...

(muda o cenário)

(Geraldo) Bonitinha, essas abelhas silvestres

(caminham pelo terreno)

(cacique) tá vendo como era o significado de antigamente. P poró fica ali (apontando) dali quando vai preparar bota a entrada dali e dali pra cá as mulhe nao pode, criança, os banheiros, as crianças já sabe que aqui não entra, como diz as tradições, aí ja fica pra lá e praqui so os adultos

(cacique anda pelo terreno)

(cacique) Aqui o que eu tirava pra botar do radiador e nem lembrava disso aqui (E pra beber quando não tem) O carro ferveu (Isso aí o que é?) Esse era o crotá, isso faz parte das tradições da gente, a sobrevivência da natureza são essas

(cacique): Isso ai e a palmatória (mostra aqui, a flor da palmatória)Essa flor daqui, aí quando ela enrudece, os passarinho come o fruto deles, e ai isso aqui que serve pra picada de cobra, a raiz deles, a cobra pica no mato e não tem medicina nenhuma, ai você vai no mato e pega três raiz dele, ai pisa, mija ou senão bota agua, se nao tiver água, mija e bebe (tem que beber) se quiser viver (da raíz?) aí tem outras coisas, você vai matar uma jiboia e nao tem coragem de chegar perto dela vc tira uma palmatoria dessa aqui, enfia numa vara, ai bota e ela vai picando, ai daqui a pouco ela esmurece, ai você vai e chega perto....

(caminham pelo terreno)

(cacique) E aqui é o facheiro.(Ali é fruta dele ou é um galho que tá nascendo?) É galho, isso aqui é a serventia. Se vc ta no mato, nao tem agua, no tempo de lampião ai pra sobrevivencia você tira aqui, a “frada” é mais fácil, é mais difícil no mato vc ter lugar de ter “frada” pra sobrevivência, o facheiro é sempre mais razoável pra estar presente na natureza, aí vc tira essa casca aqui dele, aí rapa o pé da madeira, aí você espreme e bebe a água dele. Não mata, não a sede porque ele é muito saloba, parece que é muito salgada, mas refresca, você sobrevive...

(cacique) E aqui onde se prepara, põe pra se dançar , o dono do folguedo ali tem que se preparar pra poder vestir o vestuário, ai eles ficam aqui. Ai eles ficavam aqui, mas o rancho veio de paia tinha acabado porque paia só dura dois anos, ai pelo a gente garantiu que ia chega fazer um poró pra eles, um poró que foi feito pra eles(caminham te até o poró e entram) aqui o cara aqui ficam a vontade, tem o lugar de fumar, o sol esquenta tem onde vestir (aí tá a vestimento dos homens) aqui é dos homens, e tudo tem seu lugar (maracá) cada um tem seu significado aí... (as gaita) (mostram o ambiente)

(cacique) O segmento diz assim é a mesma coisa dos aposto que tem ai do santo, a imagem, ai cada uma pessoa que tem conhecimento com o dono dessa roupa aqui, ai faz o seu pedido, mexe fulano, mexe ciclano, ai faz seu pedido ai é alcançado e aí da o pirão pra todos, pirão de bode, pirão de carneiro, só nao pode aqui, tradições nenhuma se alimentar com carne de porco, ai temo esse receio da abertura daqui da ciência. e aí pode ser carneiro, pode ser bode, mas porco não pode pagar promessa aqui com porco e nem fita vermelha, nenhum cruzeiro, tudo isso é palavra da ciência e a gente tem vez que chega no cruzeiro e tá uma fita vermelha lá e quem tem o conhecimento vai lá e tira, não pode o seguimento, a gente não pode trabalhar com vermelho. aí você pode ver nos forquedo, não tem nem um foguero de vermelho porque tudo que a gente fizer aqui foi feito com segurança pra levar a sério o trabalho e a confirmação de ganhar a causa do problema. Aí você chega num mato desse, vê uma coisa dessa aqui, quem é que quer mais sair (risos), Chega cansado e aqui é um sono lindo e protegido, ninguém quer nem morre (risos) porque tudo isso aqui é luta, é fé, quer dizer que nós criamos tudo aqui sem ajuda de governo de órgão nenhum, só a família, e só a família que to dizendo, não é comunidade, só a família, trabaia o bem estar pra todos. Ai por isso que a gente tem muita perseguição porque, ah eles conseguem tudo, do próprio irmão consegue as coisas, mas consegue por que? (Porque trabalha junto) porque segurou a ciência pra todos.(é porque tem até a comunidade)

(cacique) O pior é isso eu fiquei 9 anos sem a ajuda de órgão nenhum pra segurar aqui depois que os irmão saíram do ponto, 9 anos e cada ano é dois boi, nove anos, cada ano dois boi, dá dezoito boi que foi matado. Aí depois que a gente foi reconhecido pelo estado, reconhecido pela Uneb, foi reconhecido....Durante esses 9 anos, a Funai nunca deu nada. E depois de 8 anos eu ganhei 50 litros de óleo da Funai, porque todo mundo que vem pra cá, vem de graça, nunca paga nada. E traz toda a gente de graça, dá 3 viagens pra buscar esse pessoal pra cá. Aí onde Carlos entrou me liberou 50 litros de óleo e pra mim já foi uma vantagem, já dei três viagens, o pessoal, já me ajudou. Ai dai pra ca, ficou de dar uma cesta base, a comunidade recebendo uma cesta base, ai na cesta base tem uma sobra do resto de alguma coisa, ai diz, isso aqui é pra ciencia, aí ja bota lá que é pra ciência e aí o estado através de ...que entrou como pessoa de direitos humanos, primeiro ano, liberou mil reais, segundo ano liberou 30 cestas, terceiro ano já era outra pessoa aí liberou parece que foi nove cestas, ainda tive do óleo que a funai me liberou, o carro da Funai ir pegar lá em salvador, aí primeiro ano que vi grandeza na funai, eu chegar e o administrador dizer assim, perante uma abertura da IBDA que foi criado outro nome.

(cacique) Aí ele tava na abertura e ela próximo a outubro, aí ele não podia vir em outubro e disse eu vou lhe dar duzentos litros de óleo, eu falei donde veio essa grandeza que eu nunca vi essa fartura. Ai eu me espantei né? Eu falei mais você como administrador tá dizendo eu vou confiar. Negativo. Aí mandei a mulher buscar, que eu não podia ir porque já tava aqui e a mulher só vem por último que traz tudo, eu digo vá lá buscar que Carlos disse que ia deixar nota com a pessoa lá. Procure lá, a segunda pessoa dele que ela deve saber. Quando ela chegou lá, a segunda pessoa nao sabia de nada, aí "Dona Odeza" se manifestou lá e xingou tudo e não quero nem ver essa mulher até hoje, que tá no lugar de Carlos que ele saiu pra trabalhar como candidato a vereador. Aí deixou a mulher no lugar, a mulher aqui não quer nem vê ela, aí diz que xingou o Carlo, xingou tudo, Aí quinta feira eu fui, ai arrumei 100 litro. Com muito trabalho, arrumei 100 litro, de 200. Ai foi, o salvador pediu para o carro ir pegar a merenda lá que era ajuda que ia dar pra tradições, aí ele liberaram o carro pra aí, ai botaram 50 litro de combustível, do meu que o cara tinha liberado, ai eu perdi 50 litros para buscar nove cestas, nove metade de uma cesta no salvador. Aí pra mim me quebrou porque em vez de ter me ajudado foi me tirado do meu. Que que dá nove cestas, metade das cestas que nos completa pra uma tradição de 200, 300 pessoas que chegam num momento desse. Mas mesmo assim, a gente tem essa existência (tá certo)

(cacique) aí ó, desses dois boi que eu mato, hoje ja tem um da natureza, ai vem uma ajuda de vez em quando, um da o boi pro promessa e tem me ajudado dessa forma, aí quando não tem de promessa, eu tenho que comprar, ai entao criamos pra todo esse tempo a gente ter ali da área mesmo.

(alguém) Quais são os significados dessa vestimentas, assim? cada uma delas, tem umas que são diferentes das outras (risos)

(cacique) É, porque cada um tem seu dom, você tá vestido com uma roupa dessa, um cidadão tá com outra, ele tá com outra, então. Cada dom tem sua tinta, sua pintura. E o significado é esse, que cada um é um dom. Só que os cocal tanto faz como tanto fez, não tem diferença. o que o cara puder arrumar hoje em dia já é aventura. Isso aqui, de sempre (faça um plano geral) isso tá parecendo mais de jacu do que de peru. Aí todo ano tem que dar condições nesse daqui, te que já preparando para quando for próximo o dia arrumar cada penacho deste para ficar mais cocal, .cada um tem um. Esse aqui é cinta (passando a mão no objeto) a chamada cinta do folguedo, aí ó, nada de vermelho (apontando para vestuário verde) tudo o que tem aqui é tudo envolve assim as mata, a natureza, um pássaro, uma coisa, cada um é diferente do outro.

(cacique) já essa das criança aqui (mostrando a roupa) pertenceu a criança, que essa roupa aqui que tão aqui todas foram batizadas, então é um cinta só, porque é um cinta só, porque ele não tinha recebido o batismo, então no conhecimento já sabe assim, aquelas criança ali diz que foram criança e adolescente que receberam o batismo, mas tudo receberam o batismo foi em cima do seguimento, aí não tivemo condições de botar uma cinta diferente das que ele ja usava nas roupa que não era batizada. Então tudo tem um significado.

(voltam para área externa)

(Geraldo) Diga, isso aqui o que é?

(cacique) Esse é uma planta que é quipá quem não tem conhecimento e pega nela, é um quipá que só sai com cera, da pele da pessoa aí a pessoa tem que ter muito cuidado de andar no mato, topar numa perna, que ele é um espinho tão fino que você não vê, não enxerga. Aí pode ser que na lente dessas, se pode alcançar o espinho dela (mostram a planta). Eu nem vejo pelo menos que to com minha vista turva, mas se não percebe que ele tem esse espinho, mas é um espinho que chama quipá. Ele pega e garra na pele da pessoa e aí só sai passando cera. Aí essa fruta deles aqui, é uma serventia dos nossos pássaros, da natureza, do animal silvestre que é o peba, a ema, tudo engorda comendo essa fruta aqui (comendo fruta ou comendo...) Comendo fruta, aqui ó fruta Esse aqui aqui é flor que vai produzir essa fruta. Aí quando ela abre ,cai essa flor aqui . Você mexendo com ela com sol quente, ela solta. Não tem um porco espinho que solta espinho, então esse é o significado , tem a flor e tem o fruto.

(cacique) você bota na água aí depois de 2 dias, 3 dias, você coa a água na peneirinha e enche o litro e você toma três vezes por semana, uma dose. Adoça e falta ameixa, que eu tenho lá em casa., é uma serventia.

(cacique) canta: "Quando eu olhei para o céu, vi o céu todo estrelado. o sete estrela acendeu, meu cruzeiro vai brilhar. O vento carrega nuvem, levanta as onda do mar. Vamo uni as vossa força pra Deus ô nos ajudar. Jesus abri suas ondas para seu rebanho passar. Leva mais tudo que é ruim, jogá nas ondas do mar. Eita coisa mais bonita, meu pai vai me ajudar."
"

(cacique) é esse seguimento da gente, faz parte da ciência. Tudo que existe aqui é o

significado de um toante, um seguimento da natureza.

(alguém 2): qual a língua dos Pancararés?

(cacique) Tupã-guarani.

(alguém 2): seus filhos falam?

(cacique) Aqui a gente só tem, hoje só temo ele em idioma, nas toante. Ai nos toante que tem, faz parte do segmento. Agora para falar mesmo, as palavra dos antigo, é na ciência que a gente pode falar essa parte. Mas em pessoalmente, público assim fica mais difícil. Que acontece, fala no idioma vem nos toante e como eu to aqui presente vou lhe pedir um segmento para a ciência. Eu peço (diz palavras em tupi) O que estou lhe pedindo. É as palavras que a gente tem na tupi-guarani, que é nacional. Só pra quem entende. Ai eu peço pros mais velhos, quer dizer, eu to pedindo dinheiro, fumo, pra queimar pra jogar a fumaça pro ar, para botar no matricó, que isso aqui, a palavra dos nossos antigos e solta fumaça pro ar. Então o forguedo tem duas, 3 palavras que significam folguedo. Na palavra da ciência é "tonanteá". E o público que é a palavra português é o praiá. "Alentiá" é os antigo pedindo dinheiro pra um cidadão que nem vocês e quando ele não conhece ele passa em palavra portuguesa que já é nacional.

(cacique) o que significa alentiá? É o dinheiro. pra que? pra compra o "basiquiá", que é o fumo. Anunciá pra ir pro ar é a fumaça. Quati é o matricó que é o cachimbo, pra dar de fumador a um tonanteá, que é o praia. Beleza? Se quiser mais agora tem que pagar (risadas)

(cacique) Vocês já fizeram muita coisa, agora é só ver outra vegetação. Do segmento da ciência vocês já viram tudo, da abertura...já pegaram tudo. Agora o que é importante vocês terem conhecimento é outra história da mata, do cerrado. Pra que o cerrados é importante? Cerrados é o lugar dos encantos. A água, a natureza é onde descansa o ser humano e nossa natureza da vegetação. Aí existe, Chapada e Agrécio que é beirando a pedra, essa vegetação pequena que vocês verem. Aí quando é no mês de agosto, setembro, outubro, cai as folhas e não tem tratamento onde os animais silvestres descansam. Ai procuram a chapada que é o lugar do jatobá. Que é sombrio pro verão todo. Ai tem o Jatobá, o "Boi não brabo" e "Boi não mans". O boi no mando é uma serventia, o boi não manso é outra serventia. E cada um tem seu nome e seu significado que é o que já tamo vendo por aí.

(muda o cenário)

(cacique) Os sete estrelas acendeu, meu cruzeiro vai brilhar, quando olho para o céu eu vejo as estrela brilharem, mas só que nessas estrelas, cada um estrela dessa tem um significado pro segmento. (apontando pras estrelas do teto) é estrela dalva, que é essa daqui (mostra a estrela) que é a maior que tem e tem toante dela. Ai vem o Rosário (aponta) de maria, ai vem o cruzeiro que faz parte da ciência né (aponta) que se diz o cruzeiro vai brilhar. Esse é um cruzeiro normal, feito como cruzeiro, mas no céu ela tem o cruzeiro das estrelas. Aqui tem as três maria. Aí tudo isso é um significado da natureza, que a gente conhecimento do que é o nosso céu.

(cacique canta) " A estrela dalva é que mais alumia..." Pronto já chega. Então tudo que existe na natureza tem seu canto, sua beleza. Tudo é o segmento do sentido da gente. Aí quando criou isso aqui, nasceu tudo isso (apontando pro teto). Isso aqui é os arapuá que a gente tem no céu que quando ele tá no conhecimento com a cabeça pra baixa, bem chuva logo. E esse aqui é importante, significa a entrada do arapuá. Ai quando ele tá com a porta pra baixo, aí os mais velhos dizia assim, vai chover logo, porque o arapuazinho tá carregado, com a porta pra baixo. Então tudo isso tem um significado, do que nos recebemo hoje na Terra. O que nós temos conhecimento dos nossos antepassados, é isso. Então, tudo isso é

história.

(cacique) Essa fruta de maria mole aqui? Pros pássaro é rico. Passarinho come ela, engorda com ela, o viado, a cotia, tudo come fruta de maria mole. A fruta é que nem azeitona, onde derrama no chão, fica o chão oleoso. A água dela é bem corante. Ele dá até suco. Que nem azeitona. (Azeitona e jamelão é o mesmo?) Eu não sei, aqui a gente não tem muito, é escasso, nós temos a preta. (Mas ela é menorzinha) depende a água também pra ele produzir maior, ela é do tamanho do umbu. A gente até vem cata pra levar pra vender.

(Geraldo) Os frutos que você acabou de falar e os frutos que na verdade mais alimenta os animais que vivem na caatinga...

(cacique) Tem a fruta do facheiro, que é riquíssima pros passarinhos, pra todas as espécies (E o mandacaru) A gente come. Aí tem o caxacubri, o peba engorda e os passarinhos fazem festa. Você já viu ? (Não sei nem o que é)

(cacique) Nesse raso da catarina, o que mais tem ele? (é uma árvore grande?). Não é umas espécie que nem facheiro, mas é baixo. (Não é o xique xique?) Não, xique xique é uma coisa, caxacubri é outra, E no raso só dá Caxacubri, não tem Xique Xique. Xique Xique só tem em beira de pedra, cascalho. E o Caxacubri só dá em chapada, no raso. Então ele produz tanta flor, fruto, que você andando no mato, vc enche a barriga naquele fruto. Eu sem ter conhecimento, quando fui urinar, tava urinando sangue. Aí quando falei pro veio ele disse você comeu muita fruta de caxacubri é por isso. O organismo da fruta é bem vermelhinho e doce. Aquele engorda. Então, você bota mais na época de verão, ele pega chuva da trevoada e no fim do inverno, Tudo produzido pro verão, pros animal silvestre se alimentar daquilo ali.

(Geraldo) Tudo que é animal, além desses animais de sangue quente, que você tá falando, também os pássaros né,

(Cacique) É, quer dizer, todo pássaro come, os facheiro faz festa. aí não tem água mas aquela flor, ela de manhã tá cheinha d'água, ai os griguilim chega e faz uma festa, bebendo uma água e a pureza daquela fruta. Tudo isso é coisa que a gente tem que preservar porque a natureza ajuda outra natureza. E ai o que acontece. Ai vem o araçá, você se alimenta, tem o araçá manso e o araçá de boi. O do boi não é muito pra você se alimentar. Tem a marmelada que é mais grande que o araçá de boi, tudo é comida dos animais silvestres: a cotia, o peba, o viado. A semente da emburana, os viado faz vareda, os passarinho come as semente delas, esse quipembe aí é rico pro passarinho. A semente dele cai no chão ele come tudo a semente. Ele engorda os animais, o bode, o gado. Esse aí o quipembe (apontando) aí cai no chão e os passarinho tá tudo gordo (proteína pura). Aí vem os tipo de quipá, que é uma serventia pra todos os passarinhos. Ai vem a frade, aqui tá derramado e os passarinho come tuinho (mas come o que dá frade?) O fruto. (Ah, naquela cabeça vermelha elas produzem o frutinho?) A gente come (Eu quero ver). Tá derramado porque aqui é aberto e os passarinhos, .mas no mato é serventia delas, alimentação pra eles. E aí a cotia come a frade no verão, a batata de peba...

(cacique) Então pra isso, a gente acha que não tem água pra esses animais. Aí é onde tá água né? Então, você chega num pé de peba, tá tudo cavado, o peba bole primeiro, aí a cotia descobre. Ai o pássaro vai lá e todo passo se alimenta desse fruto. Um derruba comida pra outra, vc sabe que o boi derruba o facheiro pro rebanho dele, sabia disso? (Não) Pois o reprodutor empurra o chifre do facheiro pro rebanho. O pai do chiqueiro é a mesma coisa, ele chega numa rama baixa, soma na rama e derruba pra dar de comer ao pequeno, ao povo dele. O peba, a cotia, se alimenta através de outros animal que da comida pra eles. Vamos supor, começa do boi, não tem facheiro derrubado, aí ele derruba as gaia mais próxima que ele alcança, pro rebanho dele comer, é que nem nos trabalha pra dar de comer a uma

criança, isso tudo faz parte da ciência, e na natureza, sobrevive o maior dando comida ao mais pequeno.

(Geraldo) Agora, as duas árvores assim mais alimentícia da caatinga mesmo é umbu, uricuri...

(cacique) Uricuri não é toda região que tem.

(alguém) Mas onde tem é o alimento principal'

(cacique) Pra todos os sentidos. Hoje não, desde o meu tempo. arara nessa região nossa, cagava na cabeça da gente, nas coisas da gente, a gente trabalhando. Ela não tinha medo da gente. Chega no dicuri, ele corta a penca do dicuri e leva pra devorar lá no galpão deles. Se chega aí num pé de jatobá e só vê casca, que ela leva pra lá, pra comerem sossegado e num tá perante o ser humano. Então, tudo já tem a sobrevivência, o mais veio passando pro mais novo. Como uma onça ensina os filho pegar, nasce o filhote, ela faz as instruções dele, como faz pra se alimentar e quando eles param de mamar e pronto já vão sobreviver por conta dele. Ensina de pequeno. O cachorro você prestando cuidado a um cachorro ele ensina vários golpe, vários salto pra aqueles filhotes deles pra quando cair na natureza eles já sabem o que vão pegar.

(Geraldo) Eu te digo, eu já vi uma sabiá, ensinar um filhotinho, que caiu do ninho, ensinando ele comer, ele não sabe encontrar, ele abre o bico o tempo todo. E ela não dava, levava ele e fazia o gesto dele pegar o que tá no chão.

(cacique) Então, justamente todos os animais tem essa sobrevivência. Ai a onça, no tempo que os animal falava, se juntaram pra contar história de qual era sobrevivência de cada um, aí a onça procurou por gato: você é tão bonito e eu tão magro, como você sobrevive pra se alimentar? Ai o gato disse assim: dando meus pulo. Aí ela falou: como você pula? Ele pulou pra frente. É assim que eu faço, eu vejo os pássaro, os animais que quero comer (som de crianças chorando ao fundo). aí eu vou devargazinho, devargazinho e falto o salto em cima. é o que a onça sai, quando vê um viado, tatu ou peba, ela vai devargazinho, pisando bem leve e faz o salto ja em cima. Aí aquele que senta ela, quando ela faz o salto perdido, ela vai correr e até se perder. A gente tem encontrado a onça e o viado espetado, por causa da carreira que ele faz. Aí a onça planejando comer o gato. Ai saíram tudo, ai primeiro foi o cágado: olha meus amigos, quem tiver sua perna curta, puxe por ela ai foi dando fora. Ai foi o raposa pra pegar o cagado. Ai o cagado saiu e a raposa atrás. Aí quando chegou o cagado ia entrando no buraco. Ai a raposa meteu a mão pra pegar o cágado e ele disse: ei amiga raposa, pensando em pegar na minha perna pegou foi na raiz do pau. Aí quando ele entrou disse: pensou que ganhava perdeu porque a raposa não tinha como cavar.

(cacique) Aí a onça saiu atrás do gato, aí quando avistou o gato o gato viu a sombra na frente, aí quando ela fez o salto o gato pulou de costa, por trás dela. E ela disse: e amigo gato, você me contou tudo, mas não contou sobrevivência sua. E ele disse: é amiga onça, se eu tenho contado tudo o que sabia eu tava perdido hoje (risos)

(cacique) O pulo do gato porque ele só ensinou pra frente. Daí foi que a onça foi em cima dela e ele foi de costa. Essa história é dos mais veio. Aí o leão que é o dono da selva né, fizeram uma aposta de todos os animais silvestres qual era o mais valente. Ai os anila falou: é o bicho homem, o ser humano homem é o mais valente da natureza. Ai o leão falou assim: eu quero ter uma testa com o bicho homem. E os animais falara: não adianta que você perde. E o leão disse, ma eu quero saber quem é esse bicho homem. aí pronto, ele partiu pra encontrar com o bicho homem, aí quando chegou na frente, ai viu o boi chorando. Aí ele olhou nas pernas do boi tava todo sangrando. E ele: ei amigo boi, quem é que você encontrou? E ele: foi o bicho homem. E ele fez isso com você? Eu falei que ele é o homem

mais valente da natureza. E onde ficou esse homem? Ficou nessa região aqui. Ai quando chegou na frente encontrou um mulher: você que é o bicho homem e ele disse: sou a mãe dele. porque você quer falar com bicho homem. Eu quero dar uma testada mais ele pra ver quem é mais valente de nós. Ai ela falou, pois siga em frente. Quando chegou na frente encontrou um veio, que ia com um bacamarte na mão, desses antigos. Ai disse: você que é bicho homem? E ele disse: Já fui. Porque na minha idade não sou mais homem, sou metade do homem. Aí o veio falou pra ele: porque você quer saber quem é o bicho homem. E ele: porque eu quero tomar uma testada pra ver quem é mais valente de nós. ai ele falou: você quer tomar uma testada comigo? ele disse quero. então dá três pulos de costas pra trás e dá um espaço pra nos lutar. Ai o veio o bacamarte e quando o leão saltou, disparou na venta do leão, o leão recebeu a camada de pólvora nos olhos, na venta e saiu espirrando pra trás.

(cacique)Aí na mulher primeiro, ela disse você quer saber quem é o bicho homem mesmo. E ele quero. Ai ele falou pra ele: meteu o dedo na piriquita e disse veja aqui o buraco que o homem fez que nunca sarou? ai botou na venta do leão e ele: e ainda tá fedendo. (risos). Pois nunca sarou, foi um buraco que o homem fez. Aí quando chegou, encontrou com o veio, Ai quando o veio deu a espirrada, ele voltou sanguentando e quando chegou no acampamento, todo o sangue correndo dos olho, cego. Topou com o bicho homem? Topei com meio homem, não era nem um homem interado, aí me deu uma espirrada que ainda não to com os olhos que não aguenta, ai reconheceu que o homem era mais valente do que ele. Num encontrou com o homem verdadeiro e se fosse o homem? Não tinha sobrado nada.

(Geraldo) Mas você tava falando dos bicho e das plantas, que os bicho come, de sobrevivência....

(cacique) Tem tudo na natureza. Tem o murici, né. O murici, o peba aproveita no tempo que ele dá fruto novo e quando é no verão e aquilo seca eles vão comer o caroço do murici no mato, Nos tem indio, que pega o peba de novo sem cachorro, só vendo comendo os murici, Essa cabra é meio louco.

(Geraldo) Mas pra caçar tatu tem que ser com enxada e a acuá nos buracos né, porque correr atrás. Dá pra pegar correndo atrás?

(cacique) Não, não pega fácil não.

(alguém) que eu sei de caça os cachorros tem que acua no buraco, aí vai de enxada, cava e tira eles.

(cacique) Nos indio caça assim. Nos rasteja o tatu da noite, que ele anda (Com cachorro?) Não, sem cachorro, rasteja o rastro dele, aí damo no buraco dele, ai quando descobre que ele ta morando na casa voce vai de pontinha de pé. Depende da época ele tá bem na boca do buraco e tem tempo que ele no verão ele vai pro fundo do buraco. Ai na epoca que ta chovendo, ele tá na boquinha do buraco, que ele tem varias camadas dentro da casa dele pro frio (mulher diz: o almoço tá na mesa). Aí nos caçava assim, rasteja assim, ai sim o cachorro assim leva no buraco,ai quando nao tem cachorro a gente pegava desse jeito.

(Geraldo) É o que to falando, se não tivesse na boca do buraco, tinha que cavar pra pegar ele la embaixo. Levava o cavador

(cacique) É, aí cava na minha época era cavado com cavador e uma cuia. Você nao ouviu falar que eu peguei com casco, que eu não tinha cuia. Aí o caçador matou um tatu china. Antigamente era com cuia, não existia pá. (não tinha cavador) cavador de pau.

(Geraldo) Quando cacei levava aquele cavador de metal

(cacique) Mas nos não, não existia isso, fazia cavador de pau quando eu fui primeira vez

caçar mais os caçador veio, aí eu não tinha cuia, nem tinha cavador, nem machado pra tirar o mel, pra tirar mosquito, não tinha nada disso. Então os mais veio me ensinaram, me levaram pro mato, chega lá fizeram um cavador de pau, ai não tinha cuia aí eles mataram um tatu china e fizeram a cuia do tatu china pra eu cavar e ai foi onde me perdi. Dormi no mato com fome, com sede e veio me achar no outro dia dez horas, eu caminhei mais ou menos ,12 k dentro do mato, perdido, com fome, sem água. Água não existia e sem comer. Aí depois foi que eu arrumei um facão, nem facão eu tinha...

(Geraldo) Mas aí era pequeno também, né?

(cacique) Não, eu era já adulto, mas eu caçava mel, num caçava caça, fui criado caçando mel. Meu pai era que nem eu, não sabia matar uma caça, os outro é que levava ele, ensinava. Meu pai se dedicou mais a roça ,nada de caça. Ele ia no mato tirar o mel porque minha mãe obrigava, vontade de comer um melinho, tal. Ai ele tirava um dia pra ir pro mato, ai era onde eu comecei o meu segmento com meu. ainda hoje, assim, eu rastejo uma caça, se ela der duas três volta eu digo, não e pra mim, ai eu deixo, não tem essa que eu tenho que matar. Agora quando eu já fui me entendendo que é uma caça e dava com ele no buraco, eu dizia, aí hoje eu lhe como, não comia.

(cacique) eu tava na catarina com os caçador de domingo, ah num tem o que fazer vamos pegar uma caça nova, vamos matar um peba pra fazer um pirão. Ai fui, quando cheguei, tava o buraco do peba, tinha entrado naquele instante. Ai falei esse peba aqui tá facil? O que fizemos três fonte de 14 palmo de profundação, ai matemos, passamos o dia todinho, 4 caçador pra matar e quando encontremo ele já era 4, 5 hora da tarde, aí quando nos fumos levarmos pra comer. peba amargo e não teve quem comesse. Pensa que terra nos tiremos de cuia, que não existia pa nesse epoca. Ai depois apareceu uma pá e era dificil o caçador que podia comprar uma pá, coisa estranha né.? dificil. O veio saturnino morreu de veio, nunca deixou um peba num buraco. Ainda hoje tem o buraco que saturnino fez. Ele não tem pá, não tem cuia.

(Geraldo) Não tem pá, caça de cuia.

(cacique) Caça de cuia, o veio falava isso, mas nunca deixou um peba num buraco, era macho mesmo. Então esse foi a sobrevivência e eu aprendi por ai, historias do mais velhos contava como era o mato e tal

(cacique) Porque eu me perdi? Porque fui fazer o que não devia. Fui fumar raiz de alecrim, que era o perfume da natureza, ali ele ja tava em volta de mim eu dei mais de 10 viagens e sai no mesmo lugar, quando eu fumei. Já era perseguição né, aí. Passei por tanta coisa bonita. Passei num pé de facheiro que era tanta celinha de raiz de facheiro que eu queria pegar, era o mais lindo mundo. eu sempre queria pegar, mas não era cela, não era nada, ela eles apresentando. Aí rodo minha cabeça assim, quando vi me aprumar era uma cinco horas da tarde, ai o caçador que tava comigo, tava cortando um mosquito na picada, ai a cachorra que eu tinha deu numa caça assim pra baixo, o rancho tava pra cá. Ai eu vou pegar a caça Quando pegue a caça era um bola. Ai pronta eu sabia onde tava? tudo que fiz foi descendo. (se perdeu) e nunca sai no rancho. ai tinha a empiçarrada que foi feito pra cavar o petróleo, ai sai nessa empiçarrada. Sede. fome nem se fala ne. A la tinha um mundo de madeira, bem tirada, ai dizia, cuidado que tem onça aqui.

(cacique) Sai nessa com frio já de noite, a lua bem clara, eu disse, eu vou tocar fogo nessa madeira pra me defender das onça, diz que a onça nao chega na beira do fogo, ai fui tocando e fiz que nem você aqui. Quando o fogo pegou mesmo, fui ficar um 200 metros do fogo,uma caloria, clareou o mundo todo, ai quando foi bem cedo e disse se o dono tiver por ai e me pegar, ai eu peguei o rastro de volta, toda volta que fiz de cedo até as hora que cheguei lá, perdi aqui, perdi ali ja nao aguentava fome, sede. ai escutei um grito. Um veio subiu numa

arvore, num pau branco bem alto, ai gritava, gritava, ai que eu fui aprumando. Quando cheguei onde tava o veio era 10 horas do dia, do outro dia. Ai o veio disse o rancho é aqui, pega meu rastro que eu vim direto. e quando chegar lá você nao sai mais pro mato hoje pra caçar nada. E que nos tamo caçando e chega lá.

(cacique)E eu ficava? quando cheguei lá não tinha paciência de ficar no rancho sozinho, ai no verão sai assim....minha caçada era mel, uma oropa rica, tudo açucadinho, um mel claro, um mel mais lindo do mundo lá da catarina. Ai enchemos todo o vasilhame, nois tava nas oropa atacava no verão, não tinha onde botar, deu mais de 20 litros, não tinha vasilhame pra botar esse mel, que ninguém carregava, num existia, ai foi, só era para beber garapa, ai quando cheguei o veio levava um banda de um tatu e dos dedo de água no vasilhame pra eu molhar a goela. que nao tinha agua tb não. ai nos caçava, e tirava o mel pra não voltar sem nada, bebia o mel pra refrescar a sede e não dormia no acampamento com a boca aberta pro sereno refrescar a garganta.

(um menino está sendo filmado)

(alguém) Então você canta a vontade, eu não mando em você, você canta, canta de novo, tá bom? Nao precisa olhar pra mim, pode olhar pra sua familia la tb, ou pra ninguém, tá bom? Estou pronto, quando você quiser.

(menino canta e toca instrumento)

(alguém) e a outra que você cantou pra mim, lá dentro?

(menino canta e toca instrumento)

(alguém) qual das músicas que você gostou mais?

(criança) todas

(alguém) faltou uma, não faltou?

(menino canta e toca instrumento)

(alguém) e a primeira qual foi? que eu tava ouvindo?

(menino canta e toca instrumento música do gavião)

(alguém) que bonito.

(equipe passa orientações sobre enquadramento do menino música do gavião)

(menino repete música do gavião)

(menino repete música do gavião)

(menino repete música do gavião)

(muda cenário novamente)

(cacique) Esse foi na Trindade, o lugar mais escolhido pra Lampião reguardar com seu comando. E aqui foi ontem teve o tiroteio, trocaram tiro e daqui foi onde partiram pra Raso da catarina. Aqui é o começo do Raso da Catarina. Aqui tem a história de maria bonita, que é onde diz que tem o tesouro de maria bonita, é o lugar mais maravilhoso que nos temos dentro do vale da catarina, essa parte aqui que nos temos passando essas informações. E

esse juazeiro era o lugar sombrio do acampamento famoso de lampião, era aqui na Trindade.

(Geraldo) E o que nós estamos vendo aqui embaixo, o que é?

(cacique) Esse aqui é um cerrado, que temo vendo de frente é um baixa fechada onde tem o comentário do tesouro de maria bonita e a baixa do chico, onde segue pra chegar no povoado dos índio do raso da catarina (da aldeia do chico) Da aldeia do chico.

(muda o cenário - câmera mostra a vista)

(Geraldo) Diga aí Afonso, isso aqui era onde lampião se escondia.

(cacique) esse paredão aqui é onde lampião se escondia. E o acampamento naquele sombrio, onde nós fizemos a primeira palestra, era uma paisagem coberta de sombra. Ai aqui a trincheira estava preparada, a força vinha do trilho, aqui já avistava a trincheira, mandava bala. Daqui até a força chegar no acampamento de lampião ele já tava em ouro esconderijo, sossegado.

(Geraldo) mas ele passava aqui por cima?

(cacique) Passava. Tem o trilho que nos vamos descer

(Geraldo) E daqui ele tinha essa visão toda?

(cacique) Corretamente. Aí o que acontece, aqui o lado desse morro era a ema.

(Geraldo) E aqui na frente o que é?

(cacique) Aqui na frente, nesse baixeado que sobra ai, chama: baixa fechada, porque baixa fechada? Porque a vegetação é muito fechada na época, num tinha invasores e ai era uma preservação só natural da mata virgem, aí é onde eles ficava sossegado o tempo topo, que é onde tem o tesouro de maria bonita.

(Geraldo) é embaixo que diz que tem o tesouro de maria bonita

(cacique) é do outro lado, naquele baixeado que sobe pela chapada. então aqui é o ponto mais preferido de todo tempo de lampião. tinha que vir descansar um pouco, era muita segurança dele aqui (barulho forte de vento). e a turma só vinha aqui por um lugar, só tinha entrada, não tinha saída. E na saída ele tava de frente pro acampamento, então se sentia seguro nesse lugar.

(cacique) estamos fazendo esse ponto aqui, vamo pro lado dali que pega a imagem que desce pro brejo e subindo pro chico. Daqui pra lá, tem um visão muito bonita.

(camera faz imagens da paisagem)

(cacique) Essa região que a gente está é um lugar chamado Trindade, era o ponto preferido de Lampião. Aqui, onde lampião fazia o acampamento e tinha a trincheira de lampião aqui para aguardar ele no acampamento, receber a força que vinha de qualquer lado aqui, do Brejo do Burgo, que vinha aqui do sertão. Então esse lugar muito bonito e vistoso, quando a força apresentava de longe lampião já estava preparado com a equipe pra receber ele na bala. Então o que aconteceu, houve um tiroteio. Dai quando escapa aqui, ele já tinha o local pronta pra se esconder porque aqui a frente é um lugar chamado baixa fechada, onde tem o tesouro de maria bonita, que é que os mais veio dizem. que não foi ainda descoberto, que é um lugar muito bonito, mas que é difícil de chegar lá, por causa do acesso, um lugar muito fechado e só lampia que tinha seu lugar preferido Já conhecia as trilha e ia diretamente pro

ponto que já havia descoberto ha muitos anos, pela noção dos mais velhos, né. Que levava a ele esse conhecimento, essa região dos indios antigos. Já conhecia tudo e nasceram aqui em cima das pedras. Ai é onde lampião tinha segurança porque é onde tava com nossos antepassados aqui no Brejo do Burgo, os índios pancaráre.

(cacique) Aqui já vimo tudo, a coisa mais linda do mundo é aqui...conheço esse cerrado tudinho por cima, por baixo.

(câmera faz imagens da paisagem)

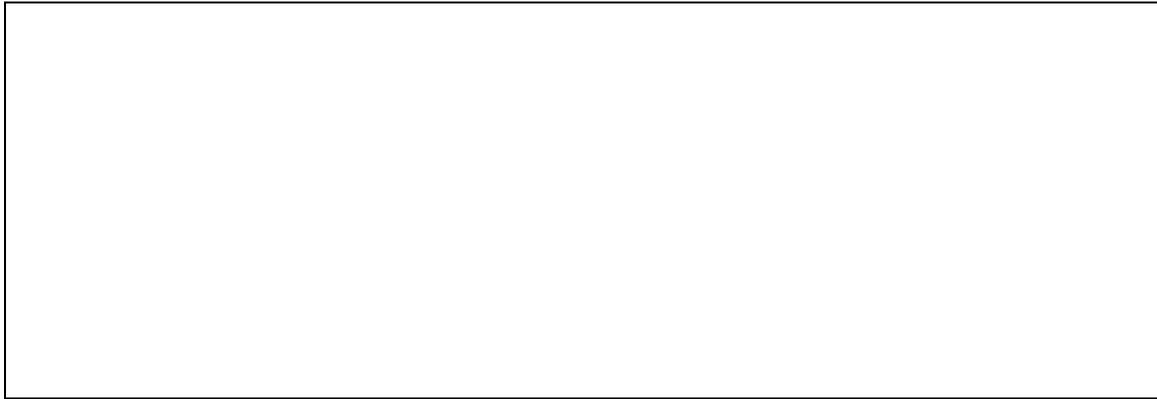
(cacique) Lá naquele baixado naquele pau verde lá, tem um cacimba que é uma nascente que era do meu bisavô. Cacimba do Eugênio. Vê como é que os índio mais velho descobria a nascente. Uma grota assim que tem água...Você precisa ver isso aqui no tempo de aflorar, é muito lindo, é riqueza para quem sabe colher...agora pros indios só é bom pra pular de uma pedra pra outra. Aqui ó, de lado, fica a ema, o acampamento de lampião da ema. Então, ele sai aqui na pedra aqui e ninguém sabia onde ele estava, tudo era fechado, nesse tempo tudo era virgem.

(cacique) Aqui é a madeira do uruçú. Uruçú era uma abelha muito valiosa porque o mel dela serve pra picada de cobra e pra esse problema que tinha no olho, ela limpa. E da mais uma emburana. Essa árvore aqui (mostrando a árvore) Tira cortando e essa parte daqui dá um litro de mel. (batendo no tronco da árvore) esse aqui é muito valente, se você bater aqui ele tá garrando em você. Olha aqui ó, ele pode estar aí pra arriba. Se ele tiver aqui. (começa a bater com uma pedra na árvore) Ele é muito difícil de achar, é essa hora é pior que eles já tao parado, ai fecha a porta pra não entrar outro inseto. E vão trabalhar só nas colmeia. É ciencia pra achar eles quando eles tão nessas arvore, voce bota o ouvido assim e vem o barulho dele. ai você percebe e ai que acha ele. Praticamente essa hora ele já fecho as porta, é coisa muita séria, muito invisível. Esses abelhas aqui, nao é dele. Se essas abelhas fosse de Uruçú, ele morava aqui.

(cacique) aí aquele problema que eu falei que eu falei, você não tem uma faca que de pra tirar uma casca assim, não. (bate com a pedra no tronco.) to desconfiando dessa parte ali ó (apontando) to desconfiando desse abelha que tá chegando ali, pode até ser ele (usa uma faca pra tirar lascas da madeira).

(cacique) eu já fiz tudo isso com um professor de negócio de pedra (geólogo), é aquele cerrado todinho do chico, pra baixo e por riba, se é brincadeira, maior trabalhadeira pra essa população. O dia todinho se andar em cima de um cerrado daquele ali, subindo lajedo em lajedo, pra fazer pesquisa das pedras.

(cacique) (tirando lascas da árvore) isso aqui é da emburana, para curar a enfermidade, pra controlar o sangue. isso aqui não se dá, se vende. Esse é uma árvore. Aqui é medicinal, você toma três chás dele e o sangue afina, a enfermidade que você tá com sangue grosso, controla seu sangue a enfermidade que tiver no corpo sarar. Essa cura mesmo. Aqui ela fica bem corada, que nem o suco de uvas. Você bota um pouco de açúcar, se tiver um mel ainda melhor, você sabe que o mel pode passar numa ferida, duas ,tres vezes ai ja sara. o mel tem muita proteína. A abelha pega toda resina de pau pra fazer a cera, pra segurar nas colmeia. Numa europa ela pega todo tipo de resina, e aquela cola se desmancha e vende pra fora do Brasil (é a propólis). É a própolis, ai tira ele todinho, desmancha, passa com um pincelzinho em cima de uma operação é rápido, tá curado, muito importante.



DATA: 16/09/2016

ENTREVISTA CACIQUE AFONSO

Cacique canta enquanto crianças tocam maraca.

(cacique) Ô mamãe, ô papai, cadê mamãe? A mamãe foi estudar. O papai cadê mamãe? A mamãe foi estudar. Eu vou pedir a Jesus que é pra ele me ensinar, eu vou pedir a Jesus, que é pra ele me ensinar.

(cacique canta)

(cacique) Ele tá com vergonha que tá acostumado com o rabo da raposa (falando de uma das crianças)

(cacique) Ele tem a saia, tem o cocal e tem a bolsa

(cacique canta outra música)

(cacique) a mãe é quem sabe eu não sei direito não...

(cacique) (canta e dança outra música com as crianças) Da onde eu vem pra onde eu vou, valei meu senhor

Cacique caminha pelo terreno.

(cacique) Se for bom eu agradeço. Deixa aberta nós estamos aqui (falando sobre o portão)(alguém:não tem invasão?) Tem não, aqui o que quiser entrar roubando.

(cacique) Agora dizer que tem uma coisa mais maravilhosa que uma sombra dessa? (alguém: Afonso que é árvore é essa?) Esse é o Jatobá (alguém: É o Jatobá, né?) Se sabe que eu sou...uma árvore dessa (alguém: uma árvore dessa é incrível) Vamo se assentar aqui pra nós contar a história logo? (cacique senta em um tronco de árvore) Rapaz o velho mandou você fazer tudo isso hoje? (alguém: como se chama aqui?) Aqui chama serra do cado. Este nome vem do meu bisavô, foi os primeiros habitantes aqui, 2 km atrás, que é a Serra onde ele fez sua primeira habitação e deixou para o filho Manuel Eugenio, que é filho de Eugenio.(alguém:foi ele que deu depoimento)

(cacique) Então, aqui foi a terra principal dos restos dos dias de vida dele, né. Trabalhando aqui, faleceu lá. E esse nome aqui tá registrado no país inteiro que procurar o documento da Serra do Cado é esse nome. Então, tudo isso aqui tem um significado de sobrevivência. Quer dizer, eu com a idade de 65 anos nasci lá no Brejo mas sobrevivi dessas naturezas. E aqui foi meu professor foi essas matas, daqui que fui conhecer Amaro, Raso de Catarina. Toda a sobrevivência da minha família até hoje foi produtivo daqui da Serra do Cado. Então é uma terra assim de muito orgulho, muito amor e hoje fazer essa visita aqui com vocês é muito importante. Aí, como no precisava que fizesse um trabalho assim, não tem um melhor lugar melhor do que esse. Com muita história que nasce da Serra do Cado. A Serra do Cado tem terreiro de praia, terreiro de Toré, teve tudo essas oportunidades da ciência, da natureza, então é uma área muito rica para história dos nossos antepassados.

(cacique) Aqui teve lugar que daqui de cima nessa serra, que os primeiros habitantes aqui fazia a cura, da natureza. E escondido dos não índio que já perseguia desde esse tempo. Aí o mais velho, caboclo, chegou das matas e tava fazendo tratamento de uma senhora, ai preparou o cacho e que nem prepara Jurema. E ela bebeu daquele líquido, que era Garapa naquele época e ai ela com medo porque no pé da serra, que não tinha aberto, era tudo fechado. Só tinha a claridade do fogo donde ele estava, aí ela não foi. Ele chamou três vezes: venha mamãe veia. Se a senhora não tomar desse gole de remédio a senhora não sobrevive. Aí ela não foi e morreu.

(cacique) É a história dos nossos antepassados que aconteceu. E por curiosidade, eu descobri essa ciência sem querer, eu peguei uma panela daquele tempo, que eu estava cercado a propriedade do meu bisavô, do meu avô, depois que ele faleceu foi abaixo e eu tava cercado sozinho e aí dei uma volta e me botaram em cima do caco da panela antiga desse terreiro. Por coincidência eu era muito curioso, era teimoso na natureza (alguém: você tinha que idade?) Eu tinha na faixa de 24 anos, por aí. Tinha dois anos de casado, casei com 22. Aí eu vou, tem uma raiz bem forte, eu vi aquele caco, era curioso e sabia da história desse terreiro e eu pretendia sair desse terreiro ai eu disse um dia eu descobro onde é essa ciência. Aí eu vi o caco lá, ai fui bater no caco e tava fofo. O caco já tinha uma raiz bem grossa dessa pinga, ai eu pra não quebrar o caco que já tava bem velho né, eu cavaquei, tirei a raiz e fui ver o que que tinha dentro, se tinha cobra, que disse que em botija tem cobra dentro. Aí não encontrei nada e peguei essa panela e levei e botei no embuzeiro do meu bisavô.

(alguém) Tava inteira?

(cacique) Tava inteirinha, coisa mais linda do mundo. Ai eu fui pra casa e quando cheguei lá no outro dia não estava o objeto. Vê a coincidência, num tava. Num andou

ninguém, que eu ia e voltava. Aí eu cheguei num ponto de ciência e pedi aos encantos lá o que tinha significado aquele objeto e ele disse: ali não era pra você só. Ali tinha que ir pegar em 4 pessoas pra poder ter a força de conhecer o que era a ciência. Aí eu disse, então agora já passou. E com essa força dessa ciência é que minha força, esse dom daqui falou pra mim, que comanda daqui até a pedra sol. Cada encanto tem um limite de rever a natureza né. E aí ele falou pra mim: eu comando da Serra do Cado a Pedra Sol. Onde fica a pedra sol fica entre o Amaro, que é outra coisa mais linda do mundo, naquela subida que entrega a reta pra porteira lá. Fica desse lado desse cercado, coisa mais linda do mundo, então essa aqui tem história, tem encanto. É tanto que quem chegasse aqui, se admirasse com a natureza, no passado não saia do lugar.

(cacique) eu apanhava porque eu passava quatro, cinco meses em São Paulo sem vir aqui. Quando chegava a natureza me dava febre mesmo de lascar pra levar. Então esse é o caso da Serra do Cado.

(alguém) Você foi a primeira vez a São Paulo com que idade?

(cacique) Eu fui com 17 anos, tirei documento com 18, eu já tenho 65 anos, mas realidade mesmo é 54. Por isso que eu to assim foi um ano que eu fugi do meu pai, porque meu pai era muito ruim. Meu pai bebia bebida alcoólica e abandonou a minha família com 6 filhos de menor e a gente acabou de criar em São Paulo. Vamo trabaiá? Ver umas plantas e pegar o remédio pro velho (cacique se levanta).

(cacique) não pegaram nem um copo pra beber água né? (segurando um galão)

(alguém) A gente bebeu água lá ...

(cacique) é vocês beberam água, não vão caminhar (anda pela plantação)

(alguém) Hoje tá mais fresco, a gente bebe na volta.

(cacique) Ó, esse planteio aqui é macaxeira (apontando pro chão) Ai a gente planta nessa época de agosto pra da chuva, trovoadas de outubro, aí elas sentam mais pouco o verão e aí vai sobrevivendo, muitos deles. Aquelas que pegam mais fundo, aí vão esperar para chuva. (alguém: Aí aguentam). Justamente, aí aguentam. não todos porque aqueles que pega mais raso e tal. Mas aguenta, aqui os terrenos são muito bom.

(cacique) A gente tem que plantar de tudo. Aqui a emburana que eu acho que já deu o assunto dela, que é a emburana santa, analisa aqui ó (mostrando a árvore). Um dois, três, quatro, cinco (contando os troncos). (alguém: Ela é santa porque tem esse formato) Tudo esses cortes aqui já foi curado, tá vendo (mostrando o tronco da árvore). Isso aqui foi tudo pra medicina. De lá a pessoa vem pega aqui porque só o formato dela já está dizendo. Eu não posso nem botar fogo perto. Quando ela sente a temperatura do fogo ela morre, já é um sinal. Pode ver daqui, olha o formato (observando a árvore).

(cacique) Tá vendo?

(cacique) Aí o que acontece, uma árvore dessa. Ó coisa errada, pegaram do lado (mostrando a árvore) quem não conhece aí vem na ciência e pega do lado só norte. Aqui tá morrendo o sol. É indicado que pegue uma medicina pra cura do lado que o sol se põe. Se você pega do lado que o sol nasce e o sol vai crescendo, aí vai esquentando aí o ... vai ter que sair do sol pra ir-se embora. Aí a cura (alguém: do lado de lá, né?) É onde o sol nasce né.

(Alguém) Se pegar do lado errado o que acontece?

(cacique) Então não é inviável você tirar uma medicina de uma natureza do lado que o sol se põe. O sol se pos acabou o dia, aí vem a escuridão. E aí enquanto o sol tá crescendo, aí você tá vivendo, aí tudo isso faz parte da ciência, não é toda pessoa indicada pra se pegar uma medicina pra curar. Ai diz: ah, não fica bom. É porque não pegou certo.

(alguém) Isso aí quem passou pra você?

(cacique) Se você ver a braúna que tem ali mais na frente, que meu avô foi ensinado pra pegar remédio da raiz da braúna. Ele morava lá, a mesa da ciência viu pra ele pegar, agora ele tem que pedir, tinha que salvar. Ai ele fez assim por conta da cabeça dele, aí pra voltar dali pra casa dele foi de rede. Ele não saiu da árvore. Passou quatro dias sem fala e sem comer, só porque ele fez a coisa errada. E já um adulto, e aí que acontece, isso que significa ciência. Faça do jeito que eu ensino não faça do jeito que você quer. Então nós nunca sabe nada, nós aprendemos. Quanto mais vivemos, mais vem coisa, então é isso a ciência. E aquilo não é brincadeira, o Amaro é sério, aqui também é sério.

(alguém) Aqui foi sua primeira escola né?

(cacique) A minha escola e chicote. Nós vamos entrar aqui pra mostrar algumas coisas e na volta a gente passa aqui pra eu tirar coisas daqui pro veio (alguém: essa é santa?) A santa, chegou ao ponto desse.

(cacique) Um dia eu acordei com a barriga ruim, aí foi dai que eu descobri. Quando eu entrei e a primeira árvore que eu vi aqui do começo do trabalho foi ela. Ai digo: é essa mesmo. Ai levei e ela fez pra ela e pra eu, a água. Antes do almoço ela se cuidou ligeiro, já tava pronto pra comer tudo que viesse. Na hora. E daí continuou. A palavra de emburana é santa porque tirar uma dor assim, cortando e você se espremendo ser ter nada no intestino pra jogar pra fora e ser curado na hora. Então tem uma experiência boa, não tem não? Então é esse segmento do tratar da emburana santa. Aí de lá, onde tão as pessoas que não tem mais remédio que cure e falei: vão lá na emburana santa lá e essas tem tirado daí e pronto, tomou acabou. Tem um segmento né, nesse sentido.

(cacique) Aqui não é rio não, aqui é areia (caminhando pelo terreno).

(alguém) Se você ver uma pegada de um animal se mostra a gente?

(cacique) De animal aqui não tem não, aqui é pode ter de caça (Caça, bicho...)

(alguém) A macaxeira que você fala é a comestível?

(cacique) É pra comer mesmo. Você tem que não pode dá andando que tem que entrar pra caçar a ave principal, porque se vocês forem me acompanhar.

(cacique) Aqui é o embuzeiro. Isso aqui tanto é bom pra corante, a gente casca dele. Pra tingir roupa e tal. E como é bom pra inflamação. Você tem uma ferida, alguma coisa e bota a casca dele de molho, ai vc vai lavando aquela ferida e desinflama. E bom pra alimentação, não tem melhor. Faz a embuzada, faz a polpa, faz a paçoca, a batata, o tijolo, a cocada, então é muito importante o embuzeiro. A gente defende aqui o que ele dá, quando é na época dele nós faz bastante estrocada, ai a familia toda se junta e vai procurar e vende 20, 30, sacos por dia (alguém: vende a quanto?) A lata por 10 reais, 4 sacos dá 40 reais. Aí junta a familia toda, dá 10, 20 sacos já dá pra comprar as coisas da semana. Então é uma alimentação que nós temos da natureza, todo ano com certeza. Quando um não dá o outro dá. Não tem negócio de faiá. Uma região dá mais, outra dá menos mas não faia esse produto.

(alguém) agora lá no lugar que a gente andou tem pouco umbu, tem mais aqui né?

(cacique) Não, lá também tem, também tem muito. É porque a gente não andou né? Mas essa área nossa é riquissima pra esse alimento. Aqui sai 3 carradas pro semana. Tem vários que vendem e vão levar pra Paulo Afonso que dá mais. Ai escolhe o tipo de umbu, aqueles embu mais graúdo é um preço e aqui vendendo por la tá um preço só. Ai a turma tira os embu bonito, separa e vende uma lata no Paulo Afonso por, aqui é 10, lá vendo por 15, mas também tem a passagem pra você ir, o dia pra você ir, tudo isso. Mas a pessoa acha que ganha mais levando, ma significa quase a mesma coisa.

(cacique) Arapué percebe o suor da gente, né? Então, toda área que a gente pretende cercar, que a mulher diz, ah ali tem muito, nos tem que beneficia e é por causa dessa alimentação que a gente tem no verão, que chova, que não chova, eles dão. Ai a gente tá aqui, agora em outubro eles vão começar a florar. O que cai a flor primeiro é o primeiro que flora, aqueles que flora com a flor, aí bota pouco.

(alguém) tem uns que flora antes da folha né?

(cacique) é, esses que flora antes perder a folha, esses bota pouco. Agora esses que cai assim, que tão pelado, basta ter a primeira mudança do tempo. aí outubro já mudou o clima pra trevoada, aí começa a brotar ,florar. Porque o que que ele segura, eles tem o filtro dele. Ele não depende de chuva pra ele florar (a batata). É a batata, ai quando chove ai tão tudo cheinha as água, aí pronto aí é força da produção dele. Isso é uma coisa que não precisa estudar.

(alguém) tem algum animal que come a batata dele?

(cacique) Tem. isso aqui é um alimento que peba come, nos tamo criando de peba lá, as batata leva pra eles e é o alimento que dão.

(cacique) Aqui é outra emburana, ó. Antigamente, meus antepassados, o que colocava na nascente era a barriga disso aqui (mostrando um pedaço da árvore) Eu to guardando pra fazer pra botar lá, porque não cheguei aqui ainda, ó o oco dela aqui.(alguém: Isso é natural?) É fica natural assim e aí conforme seja aqui, aqui teve dela numa terra desmatada que eu tive que lascar no meio pra levar, aí tive que pegar certinho pra encaixar as duas e fazer a barriga de beber a água. Não pode ter abelha também (mostrando o oco da árvore) Aí serra aqui e dá uma cavucada nela que tem mais ou menos, 40 cm de profundidade, aqui dá uma barriga pra botar na ciência lá da fonte grande. Pra dar continuidade a história que nós tinha, né? Porque acabou porque foi botado de brita lá, a água não jorra como jorra nesse tempo.

(alguém) Você pega nessa barriga e bota a mão lá. Qual é a função? Puxar água?

(cacique) É manter as tradições dos antepassados. Mostrar pro mundo o que era a ciência da gente nascente. Que a nascente ali é uma ciência e ela enfraqueceu, porque aquela água a noite, a população toda ficava tirando de cuia. E aí enchendo os potes e dava pra população todo e quando era de madrugada ela jorrava e aí acabou tudo isso. Então morreu a força da água e aí pra resgatar novamente tem que destruir aquele tudo, limpar aquilo tudo e tornar a voltar o que era. Que é a fonte de Burgo. É uma história que deve renovar novamente, esse segmento. Então, isso aqui, toda vez que eu corto aqui é as condições que não deu ainda pra tirar isso aqui, quando a gente tiver com os trabalhador vamos aumentar aqui pra tirar, mas não deu tempo ainda. Meu sonho é levar isso pra Fonte Grande. (alguém: fonte do Brejo né?) É na nascente da fonte grande. Então isso é resgatar os antepassados que nós alcancemos né?

(cacique) Aqui é o suporte de arcos. que bota os caçoá (alguém: como é o nome desse?) É cipó de rego. (alguém: qual o outro cipó que vocês usam pra fazer cesto, caçoá?) É cipó comum que não dá na mata assim, só dá perto de terra forte, terra assim barro (alguém: tem cipó caboclo aqui?) Tem, é esse mesmo que é de árvore. Aqui nossos antigos balançam de rede é o cipó caboclo. Tem coisa aí no mato dos donos da natureza brinca, de um pra outro, pulando que nem um macaco.

(cacique) Aqui não, mas você andando...(alguém: isso aqui não tá muito grosso, não?). Não aqui você vai pegando, aqui uma média boa. E aqui faz a peneira também pra peneirar a massa (segurando no cipó). Tem a redonda e tem a quadrada. Quadrada vc usa o pau e a redonda faz com álcool, isso tudo era serventia (alguém: vocês ainda faz isso hoje) Não faz não. Os mais veio fazia.

(alguém) E a peneira mesmo, que palha é que vocês usava?

(cacique) A peneira se fazia de curizeiro era um preço e de canabraba era outra. A canabraba dava mais trabalho, quem tinha condição encomendava a canabraba, dava mais trabalho, aumenta um centavo, mais alguma coisa. Eu fiz muito, mais meu pai. Se eu fosse fazer, eu fazia, mas se você se ocupar com artesanato aqui, você não dá de come os filhos, porque não tem saída. Todos meus filhos tem inteligência pra trabalhar com artesanato, mas não tem condições. Porque vai fazer e botar lá pendurado, não sabe quando vende. E aqui nós trabalha o dia a dia pra comer. A realidade da nossa região, queira não queira nos passamos por essa fase.

(cacique) Qualé era a minha resistência? O mel. Minha esposa teve 22 filhos, nós não trabalhava de empregado, nos só trabalhava de roça e eu o mel. Então eu ficava no mato tirando o mel e ela na roça com os filhos. Ai uma coisa juntava na outra e nos

sobrevivemo desse aí. Ai os filhos hoje tão tudo criado, os que escaparam e tão vivos. Os que Deus levou tão lá rezando por nós, mas nós não tinha ajuda de outro canto nenhum. Agora o mel sim, vendia em Salvador, eu não vendia aqui. Eu tinha conhecimento em Salvador e levava duas vezes por mês de 100, 200 litros e naquela época eu vendia a 20 reais o litro, no meu tempo de jovem ainda. Ai 100 litros de mel 20 reais eu fazia 2 mil reais, aí pegava o mil reais no começo do mês e pegava mil reais no segundo. Ai levava, já deixava lá e já tinha onde vendia. Quando eu chegava acabava de vender o resto e deixava outro.

(cacique) tudo que eu tenho, não fui Funai e não foi órgão nenhum que deu, que me ajudou. (alguém: foi o mel) Só fui o mel, tudo o que tenho. Hoje eu tenho várias propriedades com dinheiro de mel, a casa que eu tenho foi dinheiro de mel, não tenho nada de órgão nenhum. O que tenho agora que foi durante sete anos que consegui foi daquela reserva que tem o Amaro da ciência. Mas eu gastei, contando, 37 mil pra conseguir o recurso pra cercar aquela área, então eu gastei mais do que o valor que é. Aí que acontece, aquela área nós cerquemos tudinho com a metade da alimentação outra metade a Funai roubou. E ainda comprei 85 quilos de grãos, 1.200 com a porteira, botei quatro cancelas pra 28 pai de familia sobreviver com os anima naquela região. Tudo que tenho é reforço da minha luta. Da família. Não tenho nada do governo

(alguém) E abelha, ainda tem muita abelha aqui?

(cacique) Isso aí é Arapuá ,né (apontando pra árvore). Então essa região aqui, já começa a ter tudo, né. Ali nessa cerca minha tem viado, aqui tudo tem flora, tem cotia. Tem o peba, escasso mais ainda tem. E mel hoje tudo é difícil porque às árvores estão sendo destruídas, quem tira uma abelha numa árvore dessa a outra não dá mais pra morar. Outro deixa o fogo queimando, foi isso que tivemos o entendimento e explicando com as pessoas que chega aqui que não podia queimar e tal. Mas muito queimava porque: eu não sou índio, essa área é dos índios então por mim eu quero que eles se danem, queima ali, toca fogo no toco, nas abelhas, na mata e tudo. Aí acontece isso e não podemos fazer nada porque tá em aberto, agora aquela preservada é outra coisa.

(alguém) Ó que bonito

(cacique) (corta o cipó com facão) Então o tipo de arco era esse ó.

(alguém) O Afonso você falou em arco. O arco meso era feito com que madeira antigamente? (É desse cipó) E dele também, o arco e a flecha?

(cacique) Aqui não, o cipó vem em cima, mas nós tem coisa linda nesse mato aí. Quando eu vejo os que sobrevive de artesinato, pega uma mata desse aqui eles faziam tanto dinheiro que facilitava. Não assuste não se quebrar aqui é na minha mão. Aqui não é armamento, não (entortando o cipó). É só amostra do arco. Vou tirar outro, aqui sim dá, aqui vai fazendo assim (segurando com o pé). Se estralar não serve. Ai chega na medida depende do caçoá, a base é essa, três palmos da boca do caçoá.

(cacique) Eu vou tirar aqui pra dizer (cortando os cipós). Rapaz, deixa eu tirar depois vocês filma. Vocês eu botando na perdedeira que eu to acabando com a natureza.

(cacique)Esse território daqui, esse terreno daqui já deu muita lavoura boa, muita. O milho aqui era duas, três espigas no pé. E ai existiu o piriquito, ai apanhei também muito porque deixa o piriquito comer o milho. Ai o que a gente fazia, deixava comer. Como eu fazia pra pegar o piriquito, deixava ele comer primeiro pra ele viciar, né.
(alguém: Claro) Ai meu pai quando chegava que via o bagaço, aí surra. Três canos de milho já levei no espinhaço e é difícil de quebrar, viu? E aí a gente fazia o que? A esparrela. Já ouviu falar na esparrela? (alguém: Talvez com outro nome) Quebrou, mas não tenha é pra mostrar. (quebrando o cipó) Aqui você fura, faz um buracozinho aqui. Aqui você amarra uma cordinha assim dessas e passa no buraco aqui e enfia um pauzinho aqui, por dentro da corda aí travava a corda. Aí botava na espiga, aí acaba de rasgar a espiga de milho, porque tu vê o passarinho, tudo que chegasse ali ia sentar nesse pauzinho. Ai o pauzinho fazia tic, ai prendia o pé dele aqui, aí tava agarrado (risos)

(cacique) Essa era a que a gente levava, ele tinha que comer porque senão ele não viciava. E ai era essa situação, isso chama esparrela. Vamo andar.

(alguém) Isso aqui é melhor do que espingarda (falando do facão)

(cacique) A turma hoje pra pegar o peba eles tão pegando assim. Isso é armadilha.

(cacique) Olha aqui outra coisa que eu to procurando. Esse é ameixa. Essa pau aqui ó como tá tirado, tá vendo. Tá tudo tirado aqui pra remédio, eu quero procurar uma sadia. To procurando uma sadia (andando entre as matas). Aqui ó, ameixa muito boa (alguém: já foi tirada) Mas já foi tirada, então esse aqui já não serve pra fazer uma cura (alguém: e aquele outro ali?) Tem que pegar uma verde, isso são tudo ameixa (alguém: e essa outra aí?) Esse aqui é o pau d'agua. Ele também é muito bom. Ameixa é mais bonita.

(cacique)uma emburana dessa ela não é de abelha, tá entendendo. Aí a gente cata essas emburana, emburana macho porque ela é lisa (alguém: mas é a mesma árvore?) É a mesma árvore, mas a emburana tem de diversos tipos, essa daqui já não é a macho porque ela tem vários galhos e a macho praticamente é dois galhos diretos. Mas a gente trata mais porque se é macho, se é fêmea. Vamos andar que nós tamo atrasado.

(cacique)Venha devagar. Não venha me acompanhando não (cortando os galhos). Aqui os pau daqui não é que nem do Sul, os pau daqui rasga mesmo.Do sul é verde, é macio, esse daqui é diferente. Com respeito daqui pra frente só pode cercar se eu aceitar. Os procedimento daqui funciona desse jeito porque aqui é minha frente né. Então outro vizinho só pode cercar aqui se eu aceitar, se eu não aceitar ele não pode. Eu ainda tenho direito de ir daqui até o limite da área que dá uns 6 km ou mais, que é na rede.

(alguém) Então, essa mesma largura aqui do fundo

(cacique) Eu posso ir até onde nós tem o direito do limite da área. Bom, se daqui a 500 metros o wutro fazer pra lá, aí não posso dizer nada, mas pra encostar aqui tem que ter permissão.

(alguém) mas se o cara lá na frente pegar dali pra lá...

(cacique) Sim, 50, 100 metros da ilha, só se concordar porque é a frente da nossa roça, é o limite da gente. Então a gente ainda tem esse modelo de sobrevivência dos mais velhos. Muito rica, a chapada aqui é a mais rica do Brasil, dependendo da região da área dos Pancararé, essa chapada aqui da Serra do Cado, a Baixa do Boi, Baixa do Jacu, Baixa do Tatu é riquíssima. Chapada rica mesmo de preservação (alguém: e o murici) Tudo, o murici, o araticum, o embu, tudo. O mel (alguém: e pra plantar) Muito rica, muito rica. Tem chapada baixeadado bem largo, bem rico madeira, tudo existe ainda, muito.

(cacique) Oia aqui outro pau branco da medicina também, muito importante. Tá vendo ó (passando o facão) Tá vendo a qualidade dele (alguém: esse pau como é que chama) Você viu, para de brincadeira, pra nós é bom nome pra outros planeta de outra pessoa chama pau pique. Esse aqui é pra controlar o sangue dá mulher que o sangue é fraco pra engravidar, que perde muito sangue no tempo dela. Ai ela toma o chá disso aqui pra controlar o sangue normal. E aí, bom pra nós também, pra dor no rim, pancada, falta de expiração, aí toma um chá deles, pra tudo isso aí é curável. A gente nunca destrói ele tudo, eu vou trabalhar aqui mas sempre tenho que preservar o mais que eu puder ele, pra essa serventia, muito bom.

(cacique) Isso aqui a gente bebe na água sem ferver (alguém: o que é isso) é igual emburana, é outra serventia de árvore, bonome e pau pique, porque ele dá muita madeira e fazia a cerca de pau a pique. Ai chamava pau pique. Mas o nome pra gente é bonome. Isso aqui serve pra dor no rim, pancadas e pra mulher que tá com sangue fraco, abortando muito, aí ela toma três chás desse pra controlar o sangue.

(alguém) E me diga uma coisa, Afonso, curiosidade. Tem uma planta que a mulher toma banho e ela fica doce, que ela aperta bem

(cacique) Pode até cortar isso aí. Uma cabeça você fazer na boca nunca é mais uma cabaça, acabou o cabaço. O homem desfez da mulher, ela nunca mais é moça, isso não existe. Existe a pedra homem para apertar o no sei que da mulher, ela lava com ele, mas não dizer que fecha.

(alguém) Não, não fecha não, é só pra apertar. Tem uma planta em Juazeiro que elas usam.

(cacique) É o dizer, o que significa, nós temos o quebra facão que chama pitó e aí que que acontece, quando a mulher está com a dona do corpo descontrolada, que ataca tudo na vida, não sei se você tem conhecimento disso, na mulher. E o homem também tem, que nós não tem uma hora que arrota e tal, aquilo é o organismo que não aceitou. E a mulher ela toma por causa da goela, pra privação de urinar e aí ataca, aí rapa o pitó, uma medicina. Mede do tamanho dela a vara de pitó e rapa do pé pra cabeça da ponta e aí bota numa bacia d'agua, bota um pouco de pitu ou álcool e aí ela se assenta. E aí ela toma pro corpo, baixa, até ele aguentar ficar li dentro, isso é uma medicina, mais aprovada do mundo pra esse sentido. Ou se não isso, a reza.

(cacique) Ainda to procurando abelha (andando pela mata) Vocês vão endoidar comigo aqui.

(cacique) Olha que coisa mais linda (falando da ameixa) tá vendo como se encontra. Vou aproveitar tudinho porque uma coisa dessa aqui é difícil de encontrar, não falei.?

O que significa, uma coisa virgem é outra coisa na medicina, porque você já mexeu daquela árvore e tirou uma potência. E essa não, tá virgem. É outra resistência.

(alguém) Me diga uma coisa, quando tira a casca demais, a madeira tem uma arte de tirar, uma ciência de tirar a casca pra que ela não morra (tem) Não pode tirar em redor dela.

(cacique) Você tem que tirar principalmente aqui, aqui do lado, mas não pode tirar em volta tudo porque ela não tem como passar a alimentação pra outra. Então tirou aqui você fica aqui e essa parte morre. Morrendo isso aqui não tem como puxar. Isso aqui nunca morre, isso sai, isso brota, isso sai da raiz, só que vai demorar um pouco (passando o facão). Senão é o facão, ia ter desmanchado. Tenha paciência.

(cacique) Tá vendo, sentiu. Só cai em cima da gente, se não fosse ligeiro. É muito perigoso essa aí. Mas vocês tão gostando da destruição, né (alguém: uma aula dessa não é todo dia, não). É vivendo e aprendendo. Quero só um pedaço dela (puxando o galho), isso aqui é muito vendável viu se você ver o que tem de estirador de casco, a procuração disso aqui acabou, não é todo canto que tem não, por isso que tem que preservar a natureza porque pra você encontrar uma medicina dessa daqui, aí é difícil. Muito difícil.

(cacique) Já esse aqui é mais fraco tá vendo, mas isso aqui lá em casa também é uma serventia. (alguém: não dá agora, não). Não, fruta dela é lá de outubro pra novembro, mais ou menos. Agora me diga assim, se a madeira é a medicina boa e o fruto? (alguém: também) que eu já experimentei que eu sou meio assim, gosto de matar a cobra e matar o cacete, experimentar dá pra fazer um suco maravilhoso. Ela é madura que nem embu. Ela é verde e amudece. Do mesmo jeito do embu, se botar junto do embu você leva junto, é uma maravilha. Ela é da estaca né, mas na terra é boa, porque uma árvore dessa aqui, quem vai dizer que é ameixa.

(cacique) Pra lhe dizer, o filho meu que trabalha de facão ele não pega um facão desse. O facão dele faz assim, acaba com 5, 6 meses de trabalho. Não quer dar duas, três facadas num pau desse. Aí eu não amolo. Eu falei eu comecei a trabalhar com essa carroça aqui um machado chamava macho e a fêmea, meu pai já tinha acabado de encostar porque não brotava mais, aí eu fui e brotei a roça aí, pra sobreviver. Vou cortar em dois pedaços, não assim seria melhor, né (alguém: inteira assim) Não de levar pra lá, até o Olimpo aí, chegar no Olimpo eu corto devagar. (alguém: isso é pesado) Pesado nada meu irmão, mas quem já carregou muita madeira nas costas. Mas tá dando certo a medicina pro homem, viu. Pare com isso.

(cacique) olha, a emburana macho é essa, essa é a macho verdadeira (apontando pra árvore). Tá vendo. A fêmea é outra qualidade e a macho sempre assim, a emburana branca. Até o sumo dela é branco. Mas ela serve a mesma coisa pra dor de barriga, pra medicina tudo é importante, agora mais aprovada pelo sistema do conhecimento é a emburana de cambão, que é essa.

(cacique) isso aqui é a ascunzeiro (alguém: não vem a fruta) não é época. Essa aqui que é a raiz dele que é pra picada de cobrar. O teiú foi ele mesmo que cavaram, eles já cavam, eles já previne a alimentação dele pra salvação dele. Aí chega aqui, isso aqui tudo é mordida, tá vendo (apontando pro solo) Isso pareceu uma cobra enrolada,

acho que a cobra gosta disso aqui também. Isso aqui é uma palmo dessa raiz aqui. O solo nasce pra você rapar e enxergar pra beber na picada de cobra. Conta um palmo. Sendo grossa, 3 dedos, 4 dedos assim, metade de um palmo. Depende da raiz. Aí a raiz fina você encontra rapidamente aí se encontrar além disso, vai um palmo e conforme você agrossa é quatro dedo de um palmo. Isso aí tem segmento pra fazer.

(cacique) isso é um arranhão (mostrando a perna), aí me furou o pé, o pau entrou aqui no dedo que arrancou a unha, outra o toco arrancou por debaixo, não teve nada, agora um arranhão desse aqui, no rasga beijo, passei dois meses aqui sem trepar.

(alguém) foi mesmo?

(cacique) é verdade. ó então a turma mais velha procurava esse pau aqui pra tirar o cabo pra fazer o rodo, uma dessa aqui todo ano ele vinha aparar pra botar no rodo e meter a farinha no forno. É mais leve, o que tinha mais no mato era isso (alguém agora é resistente) Não tanto (pra ferrão não dá? Pra ferrão é de quixabeira, aí tem mais habilidade. Mas isso aqui só é ruim, se melhor, aí ele enfofa. Mas no forno ele encroa. Trabalhei muito, mexi muito com farinha pra ganhar dinheiro. Aqui outra...

(alguém) Que isso aqui ? (falando da planta)

(cacique) isso aqui é a raiz dele (alguém: a raiz deve servir pra alguma coisa né) Agora isso aqui é novo, novo não é velho, mas por causa de ser emparado é novo, mas tem canto que a raiz dele dá um metro. Isso aqui só pra mostrar (cavando pra tirar a raiz) Ali na área tem mais maior, mas esse aqui tá na sombra to aproveitando porque aqui faz o mesmo trabalho. Vou procurar ali que é melhor, que é mais forte. Aí a comparação, se pegou 3 raiz dela aqui, pra que serve? Isso serve pra você se tem um problema, vai ver o tanto que dá isso aqui. Se você tem problema de pressão alta e não controla, você rapa três raiz dessa aqui, bota num copo, bota 2 ou 3 dedos de água, dependendo da raiz, esfrega com dedo, bota 30 gota de Anador, Dipirona, coa, aí vc toma três chás pra controlar a pressão. Aí já vem outra serventia. Arrancou, tanto faz a jurema que vai arrancar a raiz, nunca pode arrancar o pé, tem que deixar ele sobreviver.

(cacique) Aí o que que faz. Nós tamo conversando, mas se eu venho sozinho, eu to sozinho. Nós estamos em uma cruz, estamos em quatro. Em quatro já é a cura, quatro é uma cruz. E aí, o ser humano que chega na minha mesa perturbado, aí eu faço. Mando rapá três raiz de alecrim, três dentes de alho, uma dedada de fumo, mistura. Dou a ele pra beber. O bagaço se faz a cruz no pulso, tal. Se for pra mim tratar, ele aparece o sistema da mesa do índio. E se não for aí vai pra mesa espiritual, a ciência.

Pra um banho faz isso ó (tira os galhos) Nove galhos pra um banho. Só que eu vou tirar 9 galhos eu não tiro dessa árvore só, eu vou tirar de três ou até de quatro, porque se eu tirar nove galho dessa parte eu vou matar o crescimento dele. Aí eu pego força de um, pego força de outro. São quatro partes, é a cruz. Já deixo da ciência.

(alguém) Eu vou fazer uma pergunta. A cruz, antes de chegar o homem branco, o índio não conhecia a cruz (cacique: não) A cruz é uma coisa que vocês absorveram mais recentemente, né. E vocês aplicam isso na medicina.

(cacique) O que era que os primeiros habitantes da Terra, era selvagem, ele não sabia o que era ser humano. Tudo pra ele, ele podia. Então, o que foi a mortanção dos índios. Foi que os índio não sujeitava a trabalhar escravo por ser humano, porque ele tinha do que viver (alguém diz: pro homem branco). Pro homem branco. Ele tinha subsistência da natureza, tudo fresco, tudo que ele queria na hora, tinha tudo na vida. Então, ele não ia sujeitar e puxar engenho, carregar pedra porque ele não precisava desse sistema. Então, ele não sabia se existia reza e não-reza. Era da natureza, que nem nós temos nossos antepassados aqui, eu me criei dessa natureza, que esse menino precisa de mel, garapa e uma boa sombra. Então nossos antepassados era desse sistema. Então o que trouxe a domar o índio foi a reza do católico da igreja, trouxeram pra amansar o índio. E aí veio a vida de Jesus, aí o Brasil todo, o mundo todo sabe disso. Então é isso.

(cacique) eu não desobedeço esse regime, porque não sei se dá muito tempo, não dá, o satanás fez assim. Ele fez uma aposta com homem pobre pra enricar e o tempo de vida pra ele sobreviver e tal aquele tempo ele vinha ver o espírito dele. Aí quando chegou próximo do tempo, ele não dizia a mulher o que tava passando, o que ele tava sentido. Mas era que o Satanás vinha buscar ele porque tudo que ele deu foi por tempo marcado. E o que acontece, chegou o dia, que o homem tinha que dizer pra ele não levar? Quantos anos ele tinha. E se ele não aceitasse, ele ia levar o espírito dele. Aí o homem foi chegando naquela tristeza, não comia, não bebia, começou só a riscar o chão e a mulher desconfiada que ele não era assim. Até que insisti e mulher quando insisti vence mesmo o homem, cê sabe disso. Aí ele disse, é porque eu fiz aposta com o cão pra eu dizer quantos anos ele tem, se não acertar ele vai levar minha vida. E ela disse, só isso? Isso é fácil, deixa que eu vou. E o que ela fez? Tinha horário e tudo na hora que ele chegava e nesse tempo era poucos habitantes, aquela passagem e ele tinha que passar ali. Aí a mulher foi, tirou a roupa e arregaçou assim pro lado que o satanás vinha. Aí i satanás quando chegou disse: credo em cruz, tenho 120 anos e nunca vi uma presepada dessa. Aí deu ré pra trás. Aí a mulher antes de chegar ela já tava. Aí qdo ele chegou no cavalo pensando que ia levar o espírito dele, aí quando falou: tem 105 anos e ele disse: tem que ser amado é do diabo. Aí perdeu a aposta.

(alguém) qual esse bicho que tá cantando? Será que ele chega perto?(cacique imita o som do pássaro)

(cacique) Um solo não tem coragem, porque se um faltar outro tem que buscar recurso.

(cacique) aqui é um muricizeiro, olha como ele tá florando. Olha o besourinho...O murici é isso, que nem um brinco e o besouro na flor dele. Se procurar é um fruto que, essa árvore que dá muito, é muito produtiva pra gente. Isso hoje tá vendendo um litro por 10 reais. Procurado, não dá pra quem quer. A gente come ele, faz o suco, faz a polpa, faz o picolé, faz a farofa, pisa com rapadura e aí é muito potente pra todo sentido, pra tudo na vida. Quando eu borquei aqui já tinha murici e aí continua porque o lugar é fresco e ele zelado pega vendo, a umidade e aí bota direto.

(cacique) serve pra duas coisas (falando do chapéu que tira da cabeça e usa pra tomar água) Tudo isso tem um segmento. Se nunca pode beber água na boca, se tem que despejar numa vasilha pra você beber. Porque isso aqui dér um problema em qualquer intestino, que ela entra errado o gole, aí você vai dar um que não tem cura. E outra, tudo que você tá bebendo na água seu corpo tá aberto. Hoje não, vocês não sabem disso, mas na época de Lampião tinha que estar preparado, nada de facilitar pra abrir seu coró. Não podia debaixo de uma rede, não podia passar debaixo de um

arame, onde tivesse uma você tinha que arrodar, porque você tinha que estar preparado. O cara tava esperando o inimigo pra matar e foi esperar na bebida. Porque o cara é sabido e quando o cara ia beber água o corpo ia ser aberto. Só baixou e o cara com fuzil lá pra na hora que ele ribasse a cabeça pra beber, apertar o dedo. Aí o cabra levantou e o cabra lá não disparou. Porque não disparou. O cara fechou o corpo. O cara era sabido. Então ia dar bobeira pra vagabundo. É assim que funciona, nunca se bebe água na garrafa, pensa que é vantagem, não é vantagem. Isso acontece coisa.

(cacique) isso aqui é uma prova do tempo (mostrando a melancia no chão) Pra vocês quiserem firmar isso é da melancia de planta, da semente da boa. Só falta de chuva, olha no que chegou. Agora vou partir uma melancia dessa daqui, não tem diferença da grande. Que vai acontecer (corta a melancia) é o mesmo sabor da grande, só que ele não produziu, diminui. Falta de chuva, de água. Agora é doce que é uma beleza. Então o nosso sertão hoje, nosso Nordeste hoje precisa de quê? De água pra sobreviver. Vou levar pra mostrar a mulher que ela endoida. A mulher por roça é capaz de me deixar. Quando eu não vou pra roça mais ela, que ela chama pra espiar, aí é dois, três dias pra abrir as pernas. Fica brava. Pode experimentar, pegar um canivete aí (falando da melancia).

(cacique) Falta chuva. Terreno rico, viu. Mas sem chuva, não funciona. Tem uma coisa que eu vou fazer ali e vocês não vão encostar perto. O que vou fazer vocês não vão chegar perto, vão ter medo. E o que que vocês vão dizer? Vou mexer com abelha agora ali só pra ver se tem algo de mel, vou mexer com ela pra você ver o sistema que a gente produz. Colhe o mel da natureza.

(cacique) Agora o milho tem um tempo, chegou num deu chuva né, ele praticamente dali pra trás, mas a melancia tá esperando as trevoada, os pés de feijão, a macaxeira, é tudo pro próximo. De outubro pra novembro, quando cai a chuva, elas sobreviveram, é planta que espera a época.

(alguém) Isso aqui, quem faz isso?

(cacique) sabe o que é isso aqui? Isso aqui é as abelhas. Fosse o passarinho tava pinicado. O arapuá. Aqui dá sem botar adubo nenhum e cresce desse tamanho e você não pode com duas mãos. Já plantei aqui. Melancia dessa outra, é desse tamanho. Eu botei duas no jegue de um lado e ele não segurou o peso pra botar as outras do outro lado. Ai virou a cangalha, de tão grande. As terra aqui é riquíssima. Uma coisa dessa aqui.

1:38:09 (alguém) o fumo é pra refletir? (cacique fuma em silêncio)

(cacique) o fumo é pra agradecer a natureza.

(alguém) Ela mata a sede (falando da melancia)

(cacique) É verdade. Esqueci meu canivete quem visitar aí, pega um presente.

(alguém) O isqueiro tava bom?

(cacique) Ele pode servir aí, porque tava ressecado ali, botei ali que ele pode servir. Com ele aqui eu tiro fogo. Daquele jeito e tacho fogo no mundo se precisar. Pego uma cabeça de frade e aí coisa (alguém: vc tira de pedra?) De pedra.

(alguém) eu vi umas pedras lá, parece que é boa de corte pra amolar.

(cacique) É não. Aquele lajedo é muito agressivo pra amolar. Esse daqui aprendeu com o velho.

(cacique) é a mesma coisa de fazer a fruta o refresco, ele estando assim, pro mundo ver onde você tiver, como é a resistência, formado o pau (alguém: mas isso é utilizado) Iss aqui tudo é boa, madurinha. Pra fazer dois litros d'agua basta quatro dedos.

(alguém) você vai usar junto com a outra ou ela separada?

(cacique) A emburana, né. Pois é. Ele vai tomar 3 litros por semana (só ela?) Não pode tomar esse também, toma isso aqui de manhã, dá uma hora ele pode tomar esse outro, como a água que ele fosse beber seja essa. Geladinho, é importante ele tomar direto. (alguém: se passar uma semana, será que ela perde) Perde não, eu fiz agora, graça a ele foi a medicina do mato. Depois que o médico descobriu que ele tinha apêndice, que tinha que ser operada, mas ou é a emburana ou ameixa. A emburana controla o sangue e a ameixa pra inflamação. E essa daqui...(então a gente vai levar um pedaço de madeira) Da emburana que você não pode levar a casca de madeira porque você vai pegar uma parte fina e a fina não tem uma proteína que o tronco tem. Mas esse daqui, ão. É geral. Tanto faz, é tudo maduro. Agora se tivesse um serrotinho.

(cacique) Isso dá que você não pode com duas, esse terreno aqui. Eu plantei agora no mês de agosto. Você pensa que eu não ouço de longe? Eu já tive numa reunião, aqui na UNEB e outra em Salvador e outra em Juazeiro da Bahia com pessoas formadas em tudo na vida, doutor. Essas pessoas estudadas que tem de ciência, aí eles tavam fazendo um livro de ecologia humana e nem um professor, nem doutor sabia o que era. Aí conversa e todo mundo com a boca aberta sem saber responder o mestre. Ai eu cheguei vocês sabem o que é ecologia humana? Ecologia humana é que num outro tempo, quando foi descobrido o Brasil existia os animais e os índios. Aí como os índios sabia o que era humano e o que era animal selvagem? Pelo eco deles. Então quando ouvia um eco na natureza, aí o humano que era o índio, sabia se era animal selvagem ou se era próprio dele. Uma comparação você tá perdido no mato e dá um eco, um grito, um emburá. Eu não sei fazer porque também falta os dentes. Mas você tá perdido no Raso da Catarina você toca o emborá. E como eu vou saber se é humano, ou uma onça, leão. Então esse é o eco que o indio sabia se era humano ou selvagem. Essa é que ecologia humana que vocês tão estudando não to sabendo explicar pro seus alunos.

(cacique) uma comparação, nós chega lá e dá um grito e lá responde, esse é que o humano. Então quem tá lá daquele outro lado e ver gritar, então é o humano que gritou, então é trabalhar em cima desse eco. Aí ceguei em Juazeiro, mais de 100, 200, aquele auditório cheio. Trabalhar sobre a natureza, preservação da natureza, entenda a alimentação de sobrevivência. Qual é a sobrevivência humana? O bem estar, água, alimentação e moradia A turma se levantava. Como o ser humano vai ter uma saúde se não tem uma moradia, uma água digna pra beber, se não tem uma alimentação pra ele, então não tem sobrevivência, não tem saúde. Ai ganhei em primeiro lugar, nem o doutor sabia o que sobrevivência e bem estar pra população. Então, tem que ter isso, se não tiver nunca tem o bem estar. Como você vai tratar de uma pessoa se ele não tiver um bom alimento, se ele não tiver uma boa água, se ele não tiver uma moradia pra viver. Então não tem saúde, a saúde tá nesse bem estar, nessas três partes e nem doutor sabia.

(cacique) Porque nossos antigos usava o airó pra caçar? Porque o airó não apodrece a caça fácil, é ventilado. Aí eu vejo aqueles caras caçar de sacão todo fechado, aquele animal que bota ali dentro, com o calor, antes de chegar no acampamento já tá fedendo, porque ele não tem. Aí fica abafado, com o calor e fica fedendo o sangue preso. O airó porque a mala dele é grande e venta, porque o vento tem habilidade na caça.

(alguém) agora o cara quando vaza muito, ele perde o aço, a liga (cacique afia o facão)

(cacique) O que perdeu, sumiu de casa. É triste dizer isso. O serviço que foi feito aqui, o cara me ameaçou, ameaçou várias pessoas pra vir cercar. Aí como trabalhador, tenho problema de coluna pra baixar, mas agora to bom. Aí ele enfiava o facão, chegava cedinho em casa e foi morto agora pouco, Hoje é sábado amanhã deve fazer um mês. Folgado. Aí nós tamo num trabalho de investigação pra saber se foi os encarregado que mandou. O cara que me ameaçou. Porque ele era meu trabalhador, tem sentido e foi folgado pelo nóia. E o nóia saiu da cerquinha pra lá, chamaram pra pescar e tal, mataram, foi achar tem 3 dias e nós tamo na investigação pra saber se foi mandado. E ele amolava todo dia porque enrolava todo dia, afiava.

(alguém) Vai cortar de facão? (cacique corta pedaço do tronco)

(cacique) essa medida aqui dá pra dois dias (mostrando o tronco cortado)

(cacique) basta rapá daqui aí pronto. Aqui pega mais fraco, mas esses que é suficiente é a medida certa. E vocês podem levar que vocês vão de carro. Vocês tem hora de chegar lá?

(cacique) Agora você só encontra uma coisa dessa aqui numa mata dessa, pra lá tá escasso. Bem fina, madura assim é difícil. Uma madeira desse se não encontra mais não. (cortando o tronco)

(alguém) Se pode levar pra sua casa também pra fazer remédio.

(cacique) Lá em casa tem, mandei pegar ontem, seco, mas era muito ruim pra tirar a casca.

(alguém) Pra tomar isso, quanto tempo?

(cacique) Pode tomar direto. Tudo que ele fizer, se tomar isso aqui. Como ele já tem um problema esclarecido, às vezes não precisa nem se operar. (alguém: aí não tá bom, não?) vocês não querem levar um pau desse? Se você vai urinar, tá com esquentamento, você já foi prevenindo. Toma normal. Tem um tempo que to com esquentamento, você vai mijar no calor. Aí eu tomo uma semana ali e esquece do problema. Pra nós, na idade da gente, já deve estar prevenindo.

(alguém) Agora, tira só a casca, né?

(cacique) Vou te mostrar como faz (raspa a madeira com a faca) Essa parte seca que protege a outra, né?

(cacique) aqui você tira ele, em cima de uma mesa, de uma vasilha pra não cair terra.

(cacique) Se tiver remédio na medicina mais rico que essa daqui, eu duvido.

(cacique) a serrota pra buscar isso, mas pra você encontrar uma madeira dessa, é muita coincidência, é difícil achar essa aqui pra lá, é fraquinha, sabe? Não é uma coisa virgem do jeito que tá aqui.

(cacique) Isso é pra mulher e pra tudo, viu? Apareceu uma posseira aí, o corpo dela todo embobolando, aí minha menina que tava próxima falou o assunto pra mim e eu mandei, tirei uma vara e mandei pra ela beber e tomar o banho. Acabou imediatamente o problema.

(cacique) Não posso tirar tudo que aqui ela vai e fecha (falando da madeira na árvore) Aí pra tirar tudo, ela demora a fechar.

(cacique) Paga esse prejuízo que tem dado. E ainda bati 18 sacos de milho, o feijão não tirou nada, não nasce tudo, porque a chuva. Mas eu tinha feijão bom, mas a mulher não confiou no feijão que é dois anos e foi comprar. Os pé cresceu dessa altura, as base dava pra você fazer feijão de corda, elas comeram tudinho, uma parte do milho todinha, da terra mais produtiva, que a terra não é igual, essa aqui dá uma lavoura maior, essa aqui dá mais nova, aí vai por vegetação. E aí, eu cheguei tirar 18 sacos de milho, feijão não colhi nada e fica a melancia de um ano a outro. Toda melancia que era pra dois, três comer, não comeu tudo. A mulher chegava chorando lá em casa. Tinha mais de 20 anos, todo tempo que nós sobrevive e que trabalha aqui que esse pessoal vem dando prejuízo.

(alguém) E isso parou quando aqui?

(cacique) Parou agora, depois que eu cerquei lá, que houve ameaço e eu disse que eu não ia abrir, que e tinha que cercar que a terra era minha. Ele dizia que a terra era pras cabras dele dormir a barriga. Eu falei eu vivo do meu trabalho, da minha roça.

(cacique) Costuma ter na saída (tirando mel da árvore)

(cacique) Você acredita que não tem nada? Por causa do verão, sabe? Não tem nada de mel.

(cacique) Pra você saber só o sabor, só tem esse biquinho aqui, pode pegar. Sabe como é que faz?

(cacique) Você viu como se tira a madeira? Pode experimentar (alguém: que delícia, essa abelha é europa?) é europa, o mel dessa região aqui é muito bom. Bem clarinho. Ela já comeu o mel e agora tá produzindo, se tira um mês antes tava cheia. Ela tem uma rapidez pra comer o mel e em uma semana ela come todo o mel. A melhor coisa que existe no mundo.

(cacique) A torre ela fica aqui próximo de nós, só que não dá pra ver porque minha visão tá ruim, mas ela fica aqui assim, a torre que foi colocada pra pegar celular e internet, ela fica mais perto daqui que de lá do brejo lá pra casa e daqui não dá pra avistar porque tá encoberta, mas mais ou menos, to diferenciando, que ela fica aqui em cima do brejinho, terminal das casas do brejinho. Fica aqui assim, ó. E aí, de lá pra

casa dá mil metros, acho que não chega nem um km, chega, não, mais próximo. Ela fica bem aqui assim (apontando) nessas últimas casas do Brejinho, aqui ó. O sinal mais forte vem aí do alto e aí toda essas terras demarcadas é tudo terra produtiva, terra que trabalhava. Antigamente quando chovia, toda lavoura que plantasse ela produzia. E aqui a serra é um lugar muito chovedor, às vezes a gente tira safra aqui e lá no brejo não tira, porque aqui perto da serra é terra menos menos desmatada e ai onde mais chove é nas terras onde na mata mais fechada, mais no raso, pega a vegetação alta é onde a chuva vem ias. A gente nesse época tem que saber onde trabalhar. Eu aqui tenho várias propriedades porque um lugar chove mais.